



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

LETÍCIA CUNHA ZAMARO

**A SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA DOS ÍTALO-BRASILEIROS E IMIGRANTES
HAITIANOS NA CIDADE DE CHAPECÓ-SC**

**Chapecó-SC
2021**

LETÍCIA CUNHA ZAMARO

**A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DOS ÍTALO-BRASILEIROS E IMIGRANTES
HAITIANOS NA CIDADE DE CHAPECÓ-SC**

Dissertação de mestrado, apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Profa. Dra. Cristiane Horst.

**Chapecó-SC
2021**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D
CEP: 89802-210
Caixa Postal 181
Bairro Jardim Itália
Chapecó - SC
Brasil

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Zamaro, Leticia Cunha
A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DOS ÍTALO-BRASILEIROS E
IMIGRANTES HAITIANOS NA CIDADE DE CHAPECÓ-SC / Leticia
Cunha Zamaro. -- 2021.

134 f.

Orientadora: Prof^a Dra. Cristiane Horst

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos, Chapecó, SC, 2021.

1. Línguas em contato. 2. Grau do bilinguismo. 3.
Grau das habilidades linguísticas. 4. Função de usos das
línguas. 5. Línguas de imigração. I. Horst, Cristiane,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Leticia Cunha Zamaro

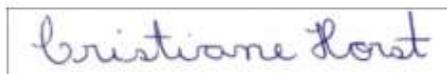
**A situação linguística dos italo-brasileiros e imigrantes haitianos na cidade de
Chapecó-SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), para obtenção do título de Mestre em
Estudos Linguísticos, e aprovada em banca examinadora realizada em 20/01/2021.

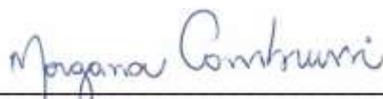
Aprovado em: 20/01/2021

Chapecó/SC, 20 de fevereiro de 2021

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Cristiane Horst
Orientadora



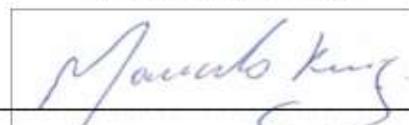
Morgana Fabiola Cambrussi- UFFS
Presidente da banca



Prof. Dr. Sanimar Busse - Unioeste
Membro titular externo



Prof. Dr. Claudia Finger-Kratochvil - UFFS
Membro titular interno



Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug - UFFS
Membro suplente

AGRADECIMENTOS

À professora Cristiane Horst, pela sábia orientação desde a graduação, por toda a ajuda, compreensão, amizade e a total dedicação (na saúde e na doença) nas orientações durante este estudo. Por ter acreditado no meu trabalho e por se tornar um exemplo profissional e humano.

Ao meu filho, Gustavo Zamaro Witezak, agradeço por existir e me ensinar tanto. Te amo! Agradeço pela companhia em cada parágrafo escrito.

Ao meu esposo, Fabiano Ricardo Witezak, obrigada por estar ao meu lado me apoiando, tendo paciência e pelas trocas de conhecimentos. Te amo!

A minhas amigas, Adriane Kusy, Jéssica Cristina Trevisan Agnoletto e Naiara Leticia Valentini por sempre ouvir meus lamentos e por terem a palavra certa na hora certa para me consolar nos momentos de angústia.

Resumo

O Bilinguismo no Brasil é uma realidade mesmo que muitos ainda contestem. Porém, com a chegada dos novos imigrantes ao Oeste de Santa Catarina (como haitianos, senegaleses e nigerianos), mais especificamente na região de Chapecó-SC, iniciaram-se estudos e pesquisas com o foco nas vantagens de ser bilíngue/plurilíngue no ensino-aprendizagem de português como língua adicional e no ensino de português em contextos de multilinguismo especialmente. Além disso, entendemos que também é preciso dar atenção aos estudos de contato do português com as línguas maternas das experiências vivenciadas, aos fenômenos linguísticos registrados de imigrantes, bem como de descendentes de imigrantes. Portanto, neste estudo teve-se como objetivo central analisar a situação linguística dos ítalo-brasileiros e dos imigrantes haitianos que residem em Chapecó-SC. A hipótese inicial era que os imigrantes haitianos passam por situações linguísticas semelhantes às enfrentadas por italianos do século XIX e ainda hoje recordadas e sentidas pelos seus descendentes, isto é, as políticas linguísticas ainda persistem na invisibilidade da coexistência das línguas presentes no território brasileiro. Porém, a diferença é que o novo imigrante passa por situações que vão além das barreiras linguísticas e do preconceito linguístico, passando também pelo racismo e pela xenofobia. Utilizamos a metodologia da Dialectologia Pluridimensional e Relacional de Thun (DPR) (1996, 1998, 2005, 2010), que contempla o espaço variacional em diferentes dimensões. Neste estudo, selecionamos as dimensões diatópica (as localidades da cidade de Chapecó: bairro EFAPI e Linha Colônia Cella), dialingual (francês/crioulo-português e *Talian*-português), diassexual (masculino e feminino), diastrática (classes sociais alta e baixa) e diafásica (contextos comunicativos). Para a obtenção dos dados, fizemos uma entrevista online usando quatro estilos de usos da língua: a conversa semidirigida; um questionário metalinguístico do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira -ALCF de KRUG (2013); a leitura de um trecho de textos escritos em crioulo, francês, *Talian*, italiano e português; e a escrita de um bilhete. Por meio da análise dos dados foi possível confirmarmos nossa hipótese a respeito da invisibilidade que as políticas linguísticas tendem a ter sobre o bilinguismo. Constatamos, também, que os ítalo-brasileiros da geração jovem são bilíngues *Talian*-português, no entanto, observamos uma queda de uso da língua *Talian*, sendo que os informantes alegam compreender mais do que falam este dialeto. Os haitianos também são bilíngues, contudo, dominam mais habilidades linguísticas se comparados aos descendentes de italianos.

Palavras-chave: Bilinguismo. Ítalo-brasileiros e haitianos. Descrição linguística.

Resumen

El bilingüismo en Brasil es una realidad, incluso si muchos todavía lo discuten. Sin embargo, con la llegada de nuevos inmigrantes al oeste de Santa Catarina (como haitianos, senegaleses y nigerianos), más concretamente en la Región de Chapecó-SC, los estudios e investigaciones comenzaron a centrarse en las ventajas de ser bilingües/multilingües en la enseñanza-aprendizaje del portugués como idioma adicional y en la enseñanza del portugués en contextos de multilingüismo especialmente. Además, entendemos que también es necesario prestar atención a los estudios de contacto portugués con las lenguas maternas de las experiencias experimentadas, a los fenómenos lingüísticos registrados de los inmigrantes, así como a los descendientes de inmigrantes. Por lo tanto, el objetivo principal de este estudio era analizar la realidad lingüística de los italianos-brasileños y los inmigrantes haitianos que viven en Chapecó-SC. La hipótesis inicial era que los inmigrantes haitianos pasan por situaciones lingüísticas similares a las que enfrentan los italianos del siglo XIX y que todavía hoy son recordadas y sentidas por sus descendientes, es decir, las políticas lingüísticas persisten en la invisibilidad de la coexistencia de lenguas presentes en territorio brasileño. Sin embargo, la diferencia es que el nuevo inmigrante pasa por situaciones que van más allá de las barreras lingüísticas y los prejuicios lingüísticos, también a través del racismo y la xenofobia. Utilizamos la metodología de la Dialectología Multidimensional y Relacional (DPR) de Thun (1996, 1998, 2005, 2010), que incluye el espacio de variación en diferentes dimensiones. En este estudio, seleccionamos las dimensiones diatopic (las localidades de la ciudad de Chapecó: barrio EFAPI y Linha Colônia Cella), dialingual (francés/criollo-portugués y taliano-portugués), diasexual (masculino y femenino), distraético (clases sociales superiores y bajas) y diáfalos (contextos comunicativos). Para obtener los datos, hicimos una entrevista en línea utilizando cuatro estilos de usos del lenguaje: conversación semidirigido; un cuestionario metalingüístico del proyecto Atlas de idiomas en contacto en la frontera (ALCF) (2013); leyendo un extracto de textos escritos en criollo, francés, taliano, italiano y portugués; y la escritura de una nota. A través del análisis de datos, fue posible confirmar nuestra hipótesis sobre la invisibilidad que las políticas lingüísticas tienden a tener sobre el bilingüismo. También encontramos que los italo-brasileños de la generación joven son bilingües taliano-portugués, sin embargo, observamos una caída en el uso de la lengua taliana, y los informantes dicen entender más que hablar este dialecto. Los haitianos también son bilingües, sin embargo, dominan las habilidades lingüísticas en comparación con los descendientes italianos. También encontramos que los italo-brasileños de la generación joven son bilingües taliano-portugués, sin embargo, observamos una caída en el uso de la lengua taliana, y los informantes dicen entender más que hablar este dialecto. Los haitianos también son bilingües, sin embargo, dominan las habilidades lingüísticas en comparación con los descendientes italianos.

Palabras-claves: Bilingüe. Italiano-brasileños y haitianos. Descripción Lingüística.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Rota percorrida por haitianos até chegar ao sul do Brasil	24
Figura 2 Princípio básico da Dialetologia Pluridimensional e Relacional.	31
Figura 3 Esquema da cruz constituído pelas dimensões socioculturais e geracionais	33
Figura 4 Perfil dos informantes representada na Cruz de Thun	42

Lista de Quadros

Quadro 1 A Dialetoogia Pluridimensional a partir de das dimensões	32
Quadro 2 Dimensões e Parâmetros da Dialetoogia Pluridimensional adaptadas para esta pesquisa	33
Quadro 3 Produção dos Bilhetes nas três línguas foco para este estudo dos ítalo-brasileiros .	70
Quadro 4 Bilhetes escrito por CbGI-Ita-F	70
Quadro 5 Bilhetes escrito por CaGI-Ita-F	71
Quadro 6 Bilhete escrito por CaGI-Ita-H	72
Quadro 7 Bilhetes escrito por CbGI-Hait-H	75
Quadro 8 Bilhetes escrito por CbGI-Hait-F	76
Quadro 9 Bilhetes escrito por CaGI-Hait-H	76
Quadro 10 Bilhete escrito por CaGI-Hait-F	77
Quadro 11 Percepção dos usos das línguas por parte dos informantes	91
Quadro 12 A percepção por parte dos informantes sobre a língua mais importante nos pontos de pesquisa	92
Quadro 13 Percepção por parte dos informantes sobre a compreensão do português dos ítalo-brasileiros e haitianos	96
Quadro 14 Correlação dos dados no grau de bilinguismo dos informantes	99
Quadro 15 Percepção por parte dos informantes sobre sua fala na língua de imigração	100
Quadro 16 As línguas que os informantes falam na família	104

Lista de gráficos

Gráfico 1 Percepção da habilidade da escrita dos ítalo-brasileiros.....	68
Gráfico 2 Percepção dos haitianos sobre sua habilidade escrita.....	74
Gráfico 3 Grau da Habilidade em Leitura dos ítalo-brasileiros.....	83
Gráfico 4 Percepção da habilidade fala dos ítalo-brasileiros	89

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALCF – Atlas das Línguas em Contatos na Fronteira

Ca – Classe alta

Cb- Classe baixa

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

DPR – Dialetologia Pluridimensional e Relacional

F – Informante do sexo feminino

FGV – Fundação Getúlio Vargas

GI – Geração 1 jovem

GII – Geração mais velhos – os idosos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Inf. - Informante

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPOL – Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística

L Min – Língua Minorizada

L2 -Segunda Língua

LA - Língua Adicional

LE -Língua Estrangeira

LM -Língua Materna

M – Informante do sexo masculino

OBMigra – Observatório das Migrações Internacionais

Port – Português

Pt-RS- Português do Rio Grande do Sul

RCI – Região de Colonização Italiana

RS – Rio Grande do Sul

SANTUR- Santa Catarina Turismo S/A

SC – Santa Catarina

SUS- Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO.....	16
2.2	A imigração haitiana no Brasil	18
2.3	Contextualização dos locais da pesquisa.....	21
2.4	Os ítalo-brasileiros da Linha Colônia Cella	22
2.5	Os haitianos do Bairro EFAPI	23
3	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	25
3.1	Línguas em contato	25
3.2	Bilinguismo	28
3.3	Dialetologia Pluridimensional e Relacional (DPR)	30
3.4	Políticas Linguísticas de acolhimento.....	33
3.5	Definições de línguas	36
4	METODOLOGIA	39
4.1	Instrumentos de coleta de dados:	40
4.2	Perfil e seleção dos informantes	41
4.3	Procedimentos da coleta, seleção dos dados	44
5	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	44
5.1	O Diagnóstico da situação linguística dos ítalo-brasileiros e dos imigrantes haitianos.....	45
5.2	Correlação dos resultados entre os grupos étnicos	65
5.3	O Bilinguismo dos ítalo-brasileiros e haitianos de Chapecó-SC.....	67
5.4	Os desafios linguísticos dos ítalo-brasileiros e imigrantes haitianos.....	107
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
7	REFERÊNCIAS	119
8	ANEXOS.....	128
	ANEXO I: Questionário para os descendentes de italianos	128
	ANEXO II: Questionário adaptado para os imigrantes haitianos	132

1 INTRODUÇÃO

Bilinguismo, segundo Mackey (1972), é um conceito relativo, ou seja, é um conceito tido como arbitrário, sendo difícil de ser determinado, pois não se limita em apenas identificar se o indivíduo é bilíngue, mas também considera em que medida esse indivíduo é bilíngue. Dessa maneira, o autor propõe descrever a pessoa bilíngue a partir de quatro características, sendo elas: o grau, a função, a alternância e a interferência. O mal compreendido está, para o senso comum, em caracterizar o bilíngue ideal como aquele que domina todas as habilidades linguísticas perfeitamente e, além disso, em não dar a devida visibilidade para o bilinguismo em línguas de imigração.

O bilinguismo tem sido estudado por diversos pesquisadores que baseiam seus estudos no contato do português com as línguas de imigração (alemão, italiano, polonês e ucraniano), português com línguas indígenas e português com línguas de fronteira. (FORNARA 2019; HORST E KRUG 2020, KAUFMANN 2018, HORST; KRUG; BERNIERI, 2020).

No entanto, ainda não foram realizadas investigações comparando as situações vividas pelos imigrantes descendentes de italianos com os imigrantes do século XXI, para compreender porque muitas vivências ainda se repetem ou para verificar se há novas situações e no que elas afetam no bilinguismo do imigrante. Essa lacuna indica que precisamos avançar nas pesquisas para mostrar a diversidade linguística e os benefícios proporcionados pelo bilinguismo, de modo a contribuir no planejamento de políticas linguísticas. A falta de políticas linguísticas é um desafio enfrentado pelos mais diversos grupos étnicos que vivem Brasil.

Sabemos que os italianos tiveram uma realidade linguística marcada por muitos desafios no sentido da manutenção e da preservação da língua e da cultura: à semelhança do italiano com o português; muitas variedades italianas em uso; movimentos migratórios no território brasileiro; a realização das missas em latim e português; a proibição do uso das línguas de imigração implementada no Estado Novo; entre outros. Todas essas barreiras colaboraram para tornar mais rápido o processo de perda linguística deste grupo (Margotti, 2004). Sobre a situação linguística dos estudantes imigrantes haitianos de Chapecó, Horst e Bertioti (2019) mostram um quadro mais recente da situação dos haitianos, registram que eles enfrentam dificuldades causadas pelo preconceito linguístico e inferem que a substituição do crioulo para o português se dará mais rapidamente, se compararmos aos descendentes de italianos do século XIX.

Assim, depois de contextualizar sobre o tema bilinguismo e as realidades dos descendentes de italianos e haitianos, por meio deste trabalho teve-se como **objetivo geral** descrever e analisar a situação linguística dos ítalo-brasileiros e imigrantes haitianos que moram em Chapecó-SC. A **hipótese** é de que a situação linguística do imigrante da atualidade (haitiano) é semelhante àquela vivida pelos imigrantes italianos que chegaram ao Brasil no século XIX, isto é, interpretamos que as políticas públicas e linguísticas ainda tendem para a invisibilidade da coexistência de diversas línguas em território brasileiro. No que se refere aos ítalo-brasileiros, temos a hipótese de que, entre os falantes mais jovens, somente fatores culturais e de identidade étnica ainda são registrados, sendo que as variedades italianas não são mais usadas ou nem foram aprendidas.

Desse modo, detalhamos nossos objetivos específicos juntamente às nossas hipóteses iniciais:

1 – Diagnosticar o panorama da situação linguística tanto dos ítalo-brasileiros quanto dos imigrantes haitianos. **Hipótese:** no grupo de ítalo-brasileiros, que vivem na zona rural, em uma comunidade distante do centro do município, o bilinguismo está mais presente em contextos específicos, por exemplo, no contexto familiar e no comércio local. Segundo Vandekerckhove (2010, p. 316) “a língua em espaços rurais é estática, enquanto que em urbanos é inovadora” e, segundo Altenhofen (2011), as variáveis tempo (idade das localidades), origem dos imigrantes e suporte institucional (ensino) exercem uma grande influência na variação linguística. Com relação aos haitianos, considerando se tratar de imigrantes recém-chegados a Chapecó-SC (RISSON; MAGRO, 2017). O bilinguismo/plurilinguismo está muito presente, especialmente na geração mais jovem (de 18 a 36 anos), que estuda ou trabalha fora de casa. Quando os grupos de imigrantes haitianos estão reunidos com amigos e familiares é o crioulo e, em muitos casos também, o francês, que são as línguas de uso (FELDMAN-BIANCO; CAVALCANTI, 2017).

2- Medir o bilinguismo dos informantes ítalo-brasileiros e dos imigrantes haitianos, considerando grau e função, alternância e interferência (MACKEY, 1972). **Hipótese:** os ítalo-brasileiros têm um grau de bilinguismo menor se comparados aos haitianos, que por serem imigrantes atuais, são a primeira geração no Brasil. Segundo Krug (2004), Horst e Krug (2015), Bernieri (2017) e Hasselstron (2018), o grau de bilinguismo dos ítalo-brasileiros e dos teuto-brasileiros, por exemplo, tem características distintas, mesmo que estes grupos de indivíduos vivam realidades muito parecidas e sendo a sexta ou sétima geração vivendo no Brasil. Portanto, se considerarmos os haitianos, que representam a primeira e a segunda

geração de falantes no Brasil, pressupomos que haja diferenças significativas no que se refere ao bilinguismo, considerando grau, função, interferência e alternância.

3- Apresentar os desafios linguísticos dos ítalo-brasileiros e dos imigrantes haitianos em território chapecoense. **Hipótese:** os desafios linguísticos enfrentados pelos ítalo-brasileiros e pelos haitianos são semelhantes, mesmo considerando níveis/graus de bilinguismo distintos dos informantes, por exemplo, o preconceito linguístico pode ser uma barreira enfrentada. Pressupomos que, no grupo dos haitianos, haja uma resignificação dos desafios linguísticos se comparados às barreiras enfrentadas pelos imigrantes do século XIX. Em um estudo sobre a importância da língua na integração dos/as haitianos/as no Brasil, Barbosa e Bernardo (2017, p.66) alertam:

"a experiência como imigrante não é homogênea, no entanto ela pode estar ligada à condição de perda, perseguição e trauma. A consciência dessa condição e do significado da relação entre professor/a e aluno/a traz uma forte motivação para a busca por mudança e por encontrar uma metodologia de ensino apropriada que atenda às necessidades dos/as imigrantes e que corrobore o desafio do reestabelecimento dessas pessoas".

Nossa pesquisa está baseada na teoria e na metodologia da dialetologia pluridimensional e relacional de Thun (2010). Nossos levantamentos de dados precisaram ser adaptados em função da pandemia, mas seguem os pressupostos da teoria e da metodologia pluridimensional. Para tanto, em Chapecó-SC, investigamos a situação linguística dos descendentes de italianos e dos imigrantes haitianos. Além disso, a escolha dos informantes se deu dentro do proposto por Thun (2010), com o total de sete informantes, sendo três ítalo-brasileiros (duas mulheres e um homem) e quatro haitianos (duas mulheres e dois homens), com idades entre 18 e 36 anos. Coletamos os dados de forma remota e aplicamos um questionário adaptado do Atlas das Línguas em Contato- ALCF.

A presente pesquisa está inserida no projeto *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira* (ALCF) e foi aprovada pelo sistema CEP/CONEP, da Universidade Federal da Fronteira Sul, no dia 18 de outubro de 2020 sob CAAE 36745420.5.0000.5564.

Esta pesquisa está estruturada em cinco partes. A primeira, apresenta a contextualização deste estudo, com a identificação dos pontos de pesquisa, a descrição da colonização italiana e a descrição da imigração haitiana. Na segunda parte, apresentamos alguns pressupostos teóricos que dão suporte às análises e reflexões. Na terceira, apresentamos a metodologia da pesquisa. Na quarta parte desta pesquisa, está a descrição e a análise de dados e, por fim, na quinta parte salientamos as considerações finais.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Dentre os muitos motivos que levam à imigração para o Brasil estão, no século XIX, a povoação do território e a grande oferta de terras, além do atual mercado de trabalho brasileiro. Desse modo, o fluxo migratório antigamente, em sua maioria, era de europeus. Atualmente, segundo o OBMigra, desde 2010 ¹“Os haitianos ocupam a 1ª posição no mercado de trabalho formal e constituem a 1ª nacionalidade de imigrantes registrados no Brasil” (CAVALCANTI; OLIVEIRA; MACÊDO, 2018, p.3). Portanto, a nacionalidade com maior movimentação de registros de entrada no Brasil é a de haitianos.

No presente estudo, nosso enfoque é a situação linguística dos descendentes de italianos e os imigrantes haitianos no município de Chapecó-SC. Nesse sentido, iremos contextualizar, nesta seção inicial, a história da imigração italiana e haitiana no Brasil. Portanto, apresentaremos a chegada dos italianos e dos haitianos na região Sul brasileira, especificando também as características dessas etnias no Oeste Catarinense, para, em seguida, apresentar informações dos descendentes de italianos e imigrantes haitianos que moram em Chapecó-SC, especificamente na Linha Colônia Cella e no Bairro EFAPI.

2.1.1 A imigração italiana no Brasil

Sabe-se que o fenômeno da imigração de europeus para o Brasil, no século XIX, está relacionado às transformações econômicas, à abolição da escravidão, ao processo de urbanização, ao início da industrialização e à criação do setor terciário. Os fatores que propiciaram a escolha dos imigrantes italianos pelo Brasil para viver foram o político e o financeiro. Na época, a maioria dos italianos possuía pequenos lotes de terras, próprios ou alugados, porém, os impostos eram altos, além de os salários serem insuficientes para o sustento da família, gerando a miséria e a escassez de terra. Para piorar, havia a obrigatoriedade de alistamento para o serviço militar. Todas essas más condições de sobrevivências em terras italianas contribuíram para que deixassem o país em busca de melhores condições de vida (MARGOTTI, 2004)

Devido a esse contexto de crise na Europa, o governo brasileiro da época motivou os europeus a povoarem a região Sul do Brasil, utilizando o discurso de uma vida melhor e da possibilidade de serem proprietários de terras. Para Margotti (2004, p.32):

¹ Informação retirada do Relatório anual de 2018, disponível no site do Observatório de Migrações. Na publicação do Resumo Executivo Migrações e Mercado de Trabalho no Brasil. <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/publicacoes-obmigra/resumo-executivo2018.pdf>

No Brasil, para onde vieram milhares de imigrantes italianos, além da política de substituir a mão de obra escrava nas fazendas de café de São Paulo e Espírito Santo, desejavam-se, de um lado, criar núcleos destinados a produção de gêneros para o mercado urbano interno, que já começava a se constituir, e, de outro, garantir a ocupação do território. Todos os imigrantes naturalmente vinham para o Brasil motivados pela perspectiva de uma vida melhor e, além disso, as que eram destinados ao Sul, tinham o ideal de serem proprietários de terras.

Os historiadores consideram que a grande imigração italiana para o Rio Grande do Sul e para Santa Catarina teve início em 1875, e, em sua maioria, esses imigrantes vieram do Norte da Itália. No Rio Grande do Sul, os primeiros imigrantes italianos foram localizados na borda do Planalto Sul Brasileiro, e, em Santa Catarina, chegaram nas localidades de Rio dos Cedros, Rodeio, Ascurra e Apiúna, Blumenau, Botuverá, Nova Trento e no Vale do Itajaí por volta de 1875-1877 (Margotti, 2004).

A cidade de Chapecó-SC foi colonizada por mais de uma etnia, e, dentre essa diversidade, a italiana foi a que se instalou nesta localidade em maior proporção na época de colonização. Em razão dessa formação, a cultura italiana influenciou nas características socioculturais e linguísticas, tornando-se um ponto de contato italiano-português. Sobre os estudos do dialeto italiano de Chapecó-SC, segundo Spessatto (2003), as motivações para a preservação desta variedade foi o uso do *Talian* em contextos que vão além do ambiente familiar, que, devido ao convívio restrito desse grupo étnico, contribuiu para a conservação dos dialetos trazidos no Norte da Itália.

O *Talian* é uma língua que teve origem em terras brasileiras. O IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional certifica, no Inventário Nacional da Diversidade Linguística de 2014, que a Língua *Talian* faz referência à Cultura Brasileira. O *Talian*, é uma das autodenominações para a língua de imigração falada no Brasil na região de ocupação italiana direta e seus desdobramentos desde 1875, no Rio Grande do Sul, Pertile (2009) pesquisou o *Talian* entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho; no Paraná, Beloni e Busse (2016) analisam o comportamento linguístico de italodescendentes em Cascavel; em Santa Catarina, Horst; Fornara; Krug (2017) traçam algumas estratégias de manutenção e revitalização linguística no oeste catarinense; Espírito Santo, Peres e Coelho (2019) analisar as consequências do contato linguístico que ocorreu em uma comunidade do interior. Sobre o *Talian*, certifica-se que:

É uma “variedade suprarregional intracomunitária e intercomunidades (coiné) do italiano como língua alóctone em contato com outras variedades do italiano com o português do Brasil, vinculada historicamente aos dialetos provenientes do norte da Itália, mas com características próprias, derivadas do contexto brasileiro que a diferem da matriz original e também de outras regiões brasileiras” (IPHAN, 2014)

O *Talian*, portanto, constituiu-se no Brasil a partir do contato com as várias variedades faladas de origem italiana, que chegaram com a imigração italiana no Brasil e a estes se somaram empréstimos da língua portuguesa brasileira local, constituindo-se atualmente em uma língua nacional brasileira.

A partir do Grupo de pesquisa e estudos do ALCF e outros pesquisadores, na sua maioria historiadores como Spessatto (2003), foi possível investigar o que já foi realizado na região Oeste de Santa Catarina no que diz respeito ao *Talian*. Em um estudo mais específico, na região de Chapecó, Bortolotto (2015) descreveu e analisou a manutenção e a substituição dos termos de parentesco do *Talian* pelos termos de parentesco do português e constatou que os ítalo-brasileiros desta cidade mantêm mais as variantes do *Talian* se comparados a aos ítalo-brasileiros da cidade paranaense de Pato Branco.

Já estudos como os de Bernieri (2017), Matozo (2018) e Fornara (2019), todos feitos no território chapecoense ou em cidades próximas, apontam para a substituição da variedade italiana pela variedade do português, principalmente pelas gerações mais jovens. Além disso, cabe lembrarmos que as gerações mais velhas também reduziram o uso da variedade italiana pela dificuldade cada vez maior de encontrar um interlocutor.

Voltando no tempo, verificamos semelhanças nos dois modos de imigração que relacionamos. Os italianos que vieram para o Brasil no século XIX passaram por muitos desafios que colaboram para acelerar o processo de perda linguística deste grupo. O novo imigrante, por sua vez, enfrenta as mesmas dificuldades dos italianos, o que indica que precisamos avançar nas pesquisas para mostrar a diversidade linguística e os benefícios do bilinguismo de modo a contribuir no planejamento de políticas linguísticas.

2.2 A imigração haitiana no Brasil

Os fluxos migratórios no Brasil são diversos e, dentre as etnias que imigraram nos últimos anos, estão os haitianos, que representam um número bastante considerável se comparados aos demais grupos. Em um estudo sobre as causas e os desafios da imigração haitiana para o Brasil, Moraes, Andrade e Mattos (2013) revelam que a imigração haitiana para o Brasil pode ser comparada historicamente com a de italianos e de japoneses nos primeiros anos da República, no sentido de o Brasil ser identificada como uma possibilidade de vida melhor se comparado ao país de origem.

Segundo Alexandre e Abramowicz (2017), a língua oficial no Haiti, desde 1987, é o crioulo haitiano, sendo falada por 100% da população, enquanto cerca de 10% dos haitianos

conseguem falar francês. A língua crioula baseada em francês é uma mistura de francês e das línguas africanas que os haitianos falam.

A respeito da mobilidade haitiana no Brasil, Joseph (2017) afirma que esta nacionalidade foi um dos primeiros e maiores fluxos imigratórios brasileiros desde 2010. As motivações para migrarem têm sido diversas, como por exemplo inseguranças em nível político, pobreza, saúde e saneamento básico precário. Esses motivos são comparáveis aos vividos pelos italianos do século XIV, com a diferença que os haitianos tiveram um agravamento ambiental para motivar a saída do Haiti, o desastre do terremoto em Porto Príncipe, de 2010, causando mortes e agravando as condições de miséria no país que já era considerado o mais pobre da América.

As razões para que o Brasil fosse escolhido como destino dessa população haitiana são:

1) A representação que o Brasil tem como um corredor fácil para aquisição do visto de entrada para chegar à Guiana Francesa, o que facilitaria também a aquisição de vistos para outros países como Estados Unidos, Canadá ou França.

2) Pela visibilidade que o Brasil tem em relação ao cenário internacional com a realização de grandes eventos, na época as Olimpíadas e o Mundial de Futebol e, ao mesmo tempo, o fato de comandar as tropas da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH).

3) Referente ao contexto empregatício e a valorização do real em relação ao dólar no início da presente década.

4) A divulgação da posição pública e internacional de acesso e de hospitalidade do governo brasileiro em relação aos haitianos na década passada.

5) A ideia difundida de que o Brasil é visto como um “paraíso racial”, ou seja, país sem discriminações.

6) A propagação da informação de que o imigrante ganharia, no Brasil, moradia e alimentação gratuita, além da remuneração do trabalho ser significativa.

No que se refere aos desafios enfrentados pelos haitianos, a título de exemplo, no estado do Rio Grande do Sul, Barbosa (2015) revela que o sentimento de frustração é uma constante por não conseguir emprego de acordo com sua formação acadêmica. Além disso, não há valorização das manifestações culturais haitianas nos meios de comunicação. Visto que, as mídias, por muitas vezes, insistem em evidenciar as deficiências econômicas do Haiti. Logo, essas atitudes por parte dos meios de comunicação acabam por não valorizar a cultura deste imigrante.

Ainda sobre os desafios dos haitianos que moram no território gaúcho, no que concerne à adaptação ao idioma, Barbosa (2015) constatou que os haitianos se esforçam para aprender a língua portuguesa. A ajuda vem por parte da comunidade local, com professoras voluntárias da Pastoral Migratória, com Igrejas e também contam com o auxílio de colegas de trabalho que os ajudam a praticar o português.

Sobre os haitianos que moram no estado do Paraná, Oliveira (2017) menciona que a população haitiana fala crioulo e apenas os mais escolarizados apresentam algum conhecimento da língua francesa. Justificando as características do ensino das línguas crioulo e francês, nas palavras do referido autor:

O aprendizado do francês é função da permanência nos bancos escolares. Contudo, o grau de escolaridade não reflete necessariamente o grau de conhecimento da língua francesa, por duas razões. Primeiro porque a língua corrente utilizada no seio das famílias ou nas conversas informais continua sendo o créole. Em função da organização do sistema de ensino, falar uma segunda língua, no caso o francês, é prova quase incontestada de escolarização formal. Segundo, porque ter sido alfabetizado em francês e/ou cursado algumas séries do Ensino Médio não significa necessariamente dominá-lo. Isso depende, sobretudo, da necessidade profissional ou do interesse em realizar estudos superiores, seja no Haiti, seja em algum outro país francófono. Em resumo, embora as informações públicas no Haiti, país oficialmente bilíngue, estejam sempre escritas nas duas línguas, ao final dos ciclos escolares, o uso do francês diminui ou acaba totalmente. (OLIVEIRA, p.33, 2017)

Nessa citação de Oliveira (2017), interpretamos que saber falar francês é um marco de classe social entre os haitianos. Na escola, o haitiano é alfabetizado em francês, mas, no decorrer do grau de escolaridade pública, isso não garante que o aluno termine seus estudos dominando a língua francesa. Se o aluno pretende investir em sua carreira profissional precisa investir também no aprendizado em francês depois que se forma no ensino público.

Devido à guerra civil no país (2004 a 2017), muitos haitianos migraram para outras regiões do planeta, inclusive o Brasil. Os primeiros haitianos chegaram em Chapecó-SC no final do ano de 2015. De acordo com levantamento de Risson, Matsue e Lima (2018), aproximadamente 3.000 (três mil) haitianos estabeleceram residência neste município para ocupar vagas de trabalho em que havia falta de mão de obra. Desse modo, o principal setor empregatício dos haitianos são as agroindústrias e a construção civil.

Os bairros próximos das agroindústrias, compreendidos pelos bairros Efapi, Engenho Braum, Parque das Palmeiras, Jardim América, São Cristóvão e Saic, são os locais propícios para os trabalhadores haitianos fixarem residência, já que estão próximos das principais empresas que os empregam e por terem um custo de moradia menor comparados a outros bairros centrais (RISSON; MATSUE; LIMA, 2018).

Quanto às inúmeras dificuldades enfrentadas pelos imigrantes (linguísticas, sociais, econômicas), os mesmos obrigam-se a conviver com a xenofobia imposta pelos moradores

locais. Um exemplo está na discriminação recorrente quando os haitianos necessitam de atendimento em hospitais públicos (SUS), sendo que é um direito adquirido:

Em Chapecó, o fato de o imigrante haitiano ser negro e se encontrar em um território onde a população nativa é majoritariamente branca, estes podem estar sofrendo preconceitos e discriminação na sociedade, com reflexos para a atenção e cuidados a sua saúde. (RISSON, MATSUE, LIMA, 2018, p.122)

Outra dificuldade enfrentada pelos haitianos para ter acesso aos serviços de saúde é a dificuldade de comunicação com os agentes de saúde. A saber, os funcionários do posto de saúde têm como rotina ir até a residência dos pacientes para acompanhar a situação da saúde da família e também para atualizar o cadastro no SUS. Portanto, é direito do imigrante haitiano receber a mesma atenção. RISSON, MATSUE, LIMA (2018, p.118) destacam que “é direito do imigrante haitiano receber a mesma atenção do que os moradores locais”.

Portanto, as autoras concluem que os imigrantes haitianos em Chapecó-SC têm acesso e atenção garantidos no SUS, o atendimento é realizado da mesma maneira para imigrantes e brasileiros. Porém, a lei está sendo garantida parcialmente, pois o que está sendo relatado na entrevista com os agentes de saúde não confere com a prática. A dificuldade de comunicação é o maior problema, e, além disso, encontra-se o preconceito e a xenofobia.

2.3 Contextualização dos locais da pesquisa.

A cidade de Chapecó foi escolhida para essa pesquisa por ser um local de forte colonização de descendentes de europeus, especificamente os ítalo-brasileiros. A título de contextualização, queremos descrever a história da colonização do ponto de nossa pesquisa. Segundo os registros do IBGE (2019), a cidade está localizada na região Oeste do Estado de Santa Catarina e nela residem aproximadamente 220.367 pessoas.

A história do povoamento regional do Oeste de Santa Catarina se divide em três fases:

1) ocupação indígena, 2) fase cabocla e 3) fase da colonização:

Fase de ocupação indígena: até meados do século XIX, afora algumas incursões exploratórias portuguesas, a região era território tradicionalmente ocupado pelos índios Kaingang; - fase cabocla: a população que sucedeu à indígena e miscigenou-se com esta foi a dos luso-brasileiros, mais conhecidos como caboclos. A principal atividade era a agricultura de subsistência, o corte da erva-mate e o tropeirismo. Esta é a fase mais esquecida e a menos estudada de todas; - fase da colonização: caracterizada pela penetração de elementos de origem alemã e italiana, vindos principalmente do Rio Grande do Sul pelo desenvolvimento dos projetos de colonização e da exploração madeireira. Esses colonos passam a adquirir terra das colonizadoras, formando a grande frente agrícola e pecuária que vai afastando aos poucos o caboclo. (POLI, p.1, 2006)

A respeito das línguas em uso, Horst, Fornara e Krug (2017) constataram que, em Chapecó, faz-se o uso de línguas de herança, línguas indígenas, além de línguas estrangeiras modernas, ao lado do português. Este dado, torna este território multilíngue, mesmo que no site da prefeitura de Chapecó haja um apagamento da diversidade de línguas presente neste local. Os referidos autores identificaram que aparece escrito no texto histórico da cidade um discurso que faz referência às culturas e línguas dos grupos étnicos, porém, a parte da diversidade de línguas está descrito de uma forma simplificada. O foco do texto, neste histórico prioriza prática cultural das etnias de colonização da cidade. Fazendo menção à cultura de valor simbólico e tornando a diversidade linguística um pouco invisível. A respeito disso, nas palavras dos referidos autores: “a diversidade linguística recua, deste modo, para uma posição secundária, que paulatinamente vai dispensar a língua de seu uso em favor de outros ícones. Com isso, se abre o caminho para a substituição linguística” (HORST, FORNARA, KRUG, 2017, p.15).

Para melhor entendimento dos critérios de escolha dessas localidades para pesquisar, detalhamos os pontos da pesquisa a seguir, descrevendo as duas localidades, a zona urbana Efapi e a zona rural Linha Colônia Cella.

2.4 Os ítalo-brasileiros da Linha Colônia Cella

Nosso estudo concentra-se no território do Oeste Catarinense, em específico em dois pontos de pesquisa na cidade de Chapecó-SC, uma área da zona rural chamada Linha Colônia Cella e uma área da zona urbana chamada Efapi. Essas localidades foram escolhidas para serem pesquisadas, pelo fato de a Linha Colônia Cella ser formada, majoritariamente, por ítalo-brasileiros, possibilitando o contato com o dialeto *Talian* e a língua portuguesa e por ser um ponto de referência popularmente conhecido na região pela cultura italiana. Além disso, pelos estudos anteriores sobre a língua *Talian* nesta comunidade de ítalo-brasileiros demonstram o fato de ser uma comunidade considerada como uma das antigas da cidade em questão.

Segundo informações da Santur, a Linha Colônia Cella é uma comunidade de italianos oriundos do Rio Grande do Sul, com destaque para pequenas propriedades rurais (voltadas a produção agropecuária) e também para o turismo rural com a Rota Italiana, que possibilita a divulgação e a preservação da cultura familiar, proporcionando a visualização da beleza da natureza das propriedades rurais. De acordo com o site Portal do Turismo da Prefeitura de Chapecó, fazem parte desta rota quatro comunidades: Colônia Cella, Colônia Bacia, Sede Figueira e Linha Batistello. O destaque da rota na Colônia Cella é o Museu da

Cultura Italiana, onde há cerca de 300 peças que retratam o cotidiano do imigrante no início do século XX.

Segundo o levantamento realizado por Bernardi (2015), a Colônia Cella, mesmo com as consequências da aceleração da urbanização, mantém tradições e costumes que remetem ao uso do *Talian*. Sabe-se que, neste local, a variedade *Talian* é falada por descendentes de imigrantes italianos e esta variedade é predominantemente utilizada em ambientes familiares.

No que diz respeito ao perfil social, os italianos vieram para a região sul do Brasil no século XIX com um perfil diferente ao dos imigrantes haitianos. O governo brasileiro buscava promover a imigração para substituir a mão de obra escrava, e, com isso, dentre as diversas atitudes na época, o governo possibilitou a aquisição de terras na região sul. Isso significa que os colonos italianos chegaram no Brasil sendo proprietários de terras, com organização própria de escolas e de igrejas. Por outro lado, a realidade social dos imigrantes haitianos do século XXI, por exemplo os que moram na cidade de Chapecó-SC, na maioria das vezes são empregados das agroindústrias e na construção civil (RISSON; MATSUE; LIMA, 2018).

2.5 Os haitianos do Bairro EFAPI

O bairro Efapi está localizado na porção oeste do município de Chapecó, sendo considerado o maior bairro em concentração populacional e com diversidade de atividades comerciais e de serviços (NASCIMENTO, VILLELA, 2017). Estão presentes neste local grandes estruturas pertencentes aos grupos empresariais de produção agroindustrial, como BRF e Aurora, que foram responsáveis pela constituição deste bairro, que concentra moradores de diversas etnias vindos de diferentes locais, principalmente migrantes do Rio Grande do Sul e cidades vizinhas à Chapecó e de imigrantes como os haitianos.

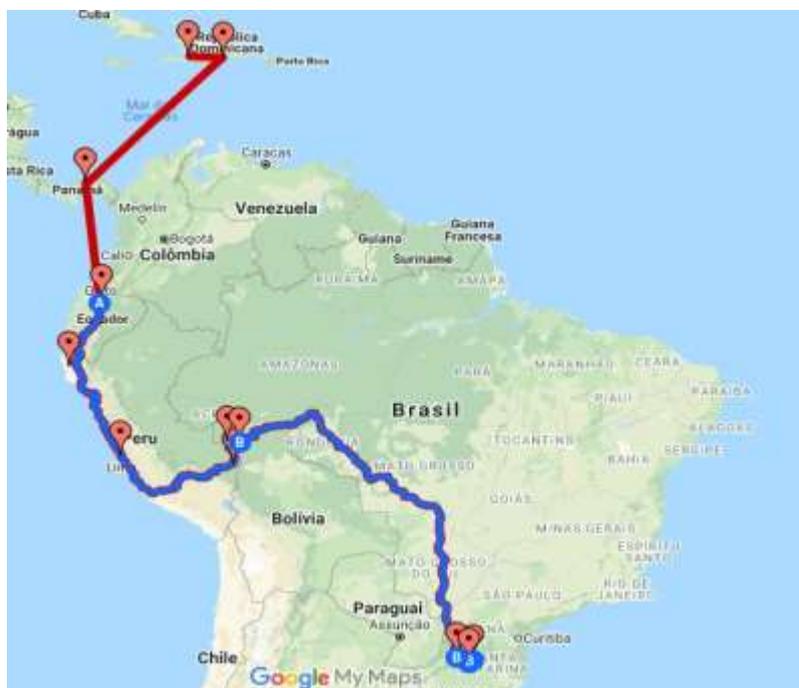
O bairro Efapi nasceu devido as instalações de grandes agroindústrias que, por sua vez, graças ao crescimento econômico, resultaram na atratividade dos trabalhadores migrantes do campo e das cidades vizinhas a Chapecó-SC. O bairro Efapi se desenvolveu devido à população que trabalhava nas agroindústrias e à exclusão decorrente da falta de poder econômico destas famílias para residirem em outras localidades da cidade. No que se refere à formação deste bairro, Motter & Filho (2017, p.82) esclarecem que:

“a população que trabalhava nas agroindústrias, ou que não dispunha de recursos financeiros para residir em outra área da cidade, acabava por fixar moradia nessa área da cidade, principalmente por poder percorrer a pé o caminho entre a residência e o trabalho”.

Em razão deste crescimento das agroindústrias, a mão de obra qualificada é uma necessidade constante e, por isto, também ocorreu a instalação de cursos técnicos e

superiores. Desse modo, nessas imediações se encontram instituições de ensino técnico e superior, que motivam a mobilidade de estudantes de outras cidades a residirem no bairro Efapi diversificando para além da população operária (MOTTER & FILHO, 2017). Devido à grande demanda de mão de obra pelas agroindústrias, não suprida somente com pessoas da região, foi necessário “importar” trabalhadores de outras regiões. Devido a esse fluxo migratório, muitas pessoas vieram de diferentes regiões brasileiras para o Oeste Catarinense com o intuito trabalhar nas agroindústrias, inclusive os haitianos, devido a necessidade de sobrevivência e compromisso de sustentar a família que vive no Haiti. Na figura abaixo podemos ver a trajetória que eles fazem desde o Haiti até o Oeste Catarinense:

Figura 1 Rota percorrida por haitianos até chegar ao sul do Brasil



Fonte: Revista Veja <https://veja.abril.com.br/brasil/sem-mao-de-obra-santa-catarina-importa-haitianos/>

A maioria dos haitianos que moram em Chapecó se concentraram no bairro Efapi devido a mobilidade para trabalhar e estudar, além do custo de vida relativamente mais barato que no restante da cidade. (MARTIORI; BISSANI, 2016)

A escolha pelo estudo do haitiano deve-se a três razões principais: primeiro, devido à quantidade de imigrantes haitianos que vieram residir em Chapecó; segundo, por este grupo étnico se apresentar mais favorável a aprender novos idiomas e costumes e; terceiro, visando entender a configuração dos novos imigrantes no contexto sociolinguístico.

Nesta seção, foi possível contextualizarmos os pontos de pesquisa e apresentarmos a vinda dos descendentes de imigrantes italianos e de haitianos para compreender os contatos linguísticos desta região. Na seção seguinte, estão os pressupostos teóricos que embasaram

este trabalho, contendo alguns pressupostos teóricos que darão suporte às análises e reflexões. Sendo assim, discorreremos acerca das línguas em contato, do bilinguismo, dos princípios da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional, das políticas linguísticas de acolhimento e das definições de línguas.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para fundamentar a pesquisa sobre a situação linguística dos ítalo-brasileiros e dos imigrantes haitianos que moram em Chapecó, julgamos pertinente abordar temas como línguas em contatos (identidade, crenças e atitudes linguísticas), bilinguismo (code swishing, preconceito linguístico), princípios da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional, políticas linguísticas de acolhimento e definições de línguas. Portanto, a seguir apresentamos um recorte teórico que será utilizado para a compreensão desta pesquisa.

3.1 Línguas em contato

Muito se sabe da história de colonização de um país, porém ainda é pouco o quanto sabemos das línguas em contato que formaram a história da humanidade. Nesse sentido, uma das situações de interação que estes autores comentam para exemplificar esta informação é a interação dos escravos: “pense nas plantações de açúcar, onde os escravos foram arrancados, foram lançados juntos, como pontos de encontro para muitas línguas africanas.” (APPEL; MUYSKEN, p.13 2005, tradução nossa). Transferindo esta afirmação para o contexto brasileiro, muito se sabe da história de colonização do Brasil, mas, o que se sabe sobre os contatos de línguas no Brasil? Temos muitas pesquisas sobre essa temática de contatos de línguas de imigração que circulam no meio acadêmico, ressaltamos que essas atualizações de estudos ainda vão alcançar mais contextos para divulgar a diversidade de línguas no Brasil.

Para compreendermos o significado de línguas em contato, iniciamos com a definição mais simples, segundo Thomason (2001, p.3, tradução nossa) “o contato de línguas, a maioria das vezes, envolve interações face a face entre grupos de falantes em uma localidade geográfica em particular, dentre esses, pelo menos alguns falam mais de uma língua.” Além disso, pensar em contato de línguas resulta em também questionarmos: como acontece em comunidades plurilíngues? Como os falantes lidam com esta coexistência linguística? Quando e por quê dos usos das diferentes línguas?

Referente aos principais tipos de contatos linguísticos, a questão sobre língua e identidade será abordada trazendo algumas informações referente às crenças e atitudes em

relação a línguas minoritárias. Sobre o conceito de identidade, seguimos a definição postulada por Frosi (2013, p.105) que diz: "[...] alteridade, ou seja, um grupo étnico se institui como tal por um conjunto de elementos definidores que o distingue de outros grupos". Parafrazeando, ainda o que a mesma autora esclarece sobre o entendimento de identidade, o conceito de identidade mais comum refere-se ao sentimento de pertencimento a um grupo étnico em que são compartilhadas características específicas de cultura e da língua entre membros deste grupo (FROSI, 2013).

A cultura étnica compreende três dimensões, sendo explicada por Appel & Muysken (2005) essas dimensões da etnicidade, compostas por a) paternidade; b) patrimônio e; c) fenomenologia. A primeira, a etnicidade da paternidade, está relacionada à cultura étnica através do tempo, aquilo que é herdado de pai pra filho, dando sentido ao sentimento de continuidade. A segunda dimensão, a etnicidade por patrimônio, é a herança da coletividade como sendo o comportamento que nos define. A título de exemplo, a cultura étnica nos define por meio de roupas, de músicas, de comportamento, já que são herança das gerações anteriores. A terceira, por sua vez, a dimensão de etnicidade é a fenomenologia definindo atribuições às duas primeiras dimensões.

Estas dimensões remetem a importância de a cultura étnica estar representada pelo contato com avós. Os avós têm uma vasta sabedoria, por não exercerem a profissão dispõem de mais tempo para conviver com os netos e assim contar histórias, transmitir ensinamentos. Nas palavras de Frosi (2010, p.47), “a sabedoria auferida pelos avós ao longo da vida necessita ser compartilhada e transmitida”.

Crenças estão ligadas aos pensamentos, pois desde que o homem começou a pensar, logo acreditou em algo. Crenças são sociais e individuais, ou seja, uma pessoa ou uma sociedade criam crenças a partir de seu modo de ver fenômenos, recriam pensamentos, reconstruem a realidade, condicionadas a nossas experiências trazendo ressignificações. Isso significa que as crenças podem ser criadas a partir de valores morais, religiosos, senso comum, com base em interesses individuais e sociais (BARCELOS, 2007; PASTORELLI, 2001).

Em um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias, alemão em São Carlos/SC e italiano em Coronel Freitas/SC, Bernieri (2017) disse que quando há línguas em contato desenvolvem-se crenças linguísticas favoráveis ou desfavoráveis e estas atitudes podem contribuir para a manutenção de uma língua ou impulsionar a substituição de determinada variedade.

Além disso, para Appel e Muysken (1996, p.24, tradução nossa) outra maneira de definir a identidade sendo a diferença entre um grupo e outro “Grupo étnico se considera com uma identidade étnica específica quando é suficientemente diferente de outros grupos.” Já Frosi (2010) afirma que o grupo étnico se constitui como preservação da identidade étnica, por exemplo no grupo dos ítalo-brasileiros, o trabalho, a religião católica e a língua.

Referente ao estigma enfrentado por um indivíduo, Frosi, Faggion e Dal Corno (2010, apud Goffman 1998, p. 21) esclarece “quando um indivíduo tem um atributo que o torna diferente dos outros, talvez menos desejável, ou seja, quando um indivíduo possui um traço que se impõe a atenção e pode afastar as pessoas, que deixam de ver seus outros atributos estamos em face de um estigma”. Ao enfrentar um preconceito, é possível que esta pessoa também concorde com o preconceito sofrido, gerando o sentimento de vergonha e, por isso, tenta se corrigir buscando se igualar aos demais.

Sobre o conceito de crenças, Barcelos (2007 p.18) afirma que:

[Crenças são] uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, coconstruídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais.

A respeito disso, as características das crenças, podem ser dinâmicas, no sentido de que as crenças podem mudar conforme o tempo e com a interação entre pessoas. As crenças também podem ser emergentes, socialmente construídas e situadas contextualmente.

Ao analisar crenças e atitudes linguísticas dos falantes do Oeste do Paraná, Busse e Sella (2012) concluem que os informantes se adaptaram, tem sensibilidade ao multiculturalismo. Essa assimilação cultural presente nas falas apresentadas dos informantes demonstra terem se adaptado aos julgamentos do falar da região e também parecem certos de que quase todos estão falando uma espécie de português. Portanto, há uma aceitação da diversidade da língua. “Atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística” (AGUILERA 2008, p. 106).

Lasagabaster (2004 *apud* Bernieri, 2017, p.62) esclarece como se desenvolve as atitudes levando o indivíduo a manter ou não uma variedade minoritária:

Dentro do contexto social em que um indivíduo cresce, ele desenvolve atitudes em relação às pessoas e objetos de maneira geral. Estas atitudes podem ser positivas ou negativas, e podem levar o indivíduo a cultivar hábitos, como o de manter uma variedade minoritária ou não. As atitudes são “construções psicológicas”, sentimentos que as pessoas nutrem acerca de um objeto, no caso da linguística, a investigação está na esfera destes sentimentos em relação à língua. Importante ressaltar que as atitudes são aprendidas, (LASAGABASTER 2004) assim, família e escola contribuem significativamente no fomento das atitudes de um indivíduo em

relação a uma língua, e principalmente, ao grupo que utiliza determinada variedade, pois as atitudes frente a uma variedade refletem as atitudes frente a seus falantes, é uma correlação convencional (...)

Interessante que as atitudes linguísticas são aprendidas. A família e a escola são fatores que influenciam nas atitudes tanto da comunidade quanto do indivíduo. A título de exemplo, o estudo sobre o comportamento de docentes frente ao acolhimento do imigrante na escola pública de Chapecó, Horst e Bertiotti (2019) identificaram que há muitas crenças que impedem os professores de colocarem em prática o respeito a diversidade. Os docentes reconhecem que as escolas devem promover um ambiente cultural e linguisticamente plural, mas têm dificuldades em fazê-lo em sala de aula. Esse impedimento também está presente nas instituições de ensino porque as instâncias organizacionais e políticas muitas vezes não consideram a sala de aula multilíngue.

Atitude linguística pode ser definida como um ato de julgamento sobre a língua que pode ser opiniões proferidas a maneira favorável e desfavorável. Nas palavras de Frosi, Faggion e Dal Corno (2010, p. 23) a atitude linguística é “uma reação valorativa favorável ou desfavorável em relação a um objeto real ou simbólico”.

Aguilera (2008), ao definir atitude linguística, esclarece que o traço definidor da identidade do grupo é o reconhecimento da variedade linguística. E, ainda acrescenta que normas e marcas culturais dos falantes são transmitidas pelo uso da língua de cada indivíduo. A autora, se valendo da explicação de Lambert (1967) sobre os componentes da atitude linguística, destaca que são três elementos que compõe a atitude linguística: 1. o saber ou a crença (componente cognoscitivo): refere-se à consciência sociolinguística, aos conhecimentos e aos pré-julgamentos dos falantes. 2. a valoração (componente afetivo) é os juízos de valor acerca das características da fala. 3. a conduta (componente conativo) reflete a intenção, ação sob determinados contextos e circunstâncias, ou seja, atuação e reação com seus interlocutores em diferentes contextos.

Portanto, a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afeto e tendências a comportar-se de uma determinada forma diante de uma língua ou se uma situação sociolinguística.

3.2 Bilinguismo

Tendo em vista que os informantes desta pesquisa são bilíngues, tomamos como importante trazer os conceitos de bilinguismo em que este estudo se apoia. Devido ao conceito de Bilinguismo ter várias classificações, fica evidente que não há uma definição consensual. Diferentes autores trazem em suas literaturas recortes particulares do fenômeno do Bilinguismo, pois este possibilita diversas perspectivas. Nesse sentido, Mackey (1972)

reafirma que o Bilinguismo é complexo, arbitrário sendo difícil de se determinar, pois pode envolver várias definições. Assim, apresentamos a seguir algumas principais noções do Bilinguismo que se aproximam das nossas perspectivas de estudo.

Grosjean (2013) atenta para os muitos significados diferentes que as palavras “bilíngue” e “bilinguismo” têm, dependendo do contexto em que são aplicadas. Na opinião do mesmo autor (2008), o bilinguismo é definido como o uso de duas ou mais línguas (ou dialetos) na vida cotidiana. Segundo Heye (2003, p. 229), "a relevância do bilinguismo é sugerida pela vasta literatura existente [...] investigações acerca do tema, realizados sob diferentes enfoques, se apresentam como contribuições isoladas de determinadas disciplinas ou áreas específicas de estudo, de acordo com o objeto de seu interesse particular". Nesta pesquisa não aprofundaremos nos estudos em todas as faces divergentes de definições que englobam o bilinguismo. Nosso foco está em apresentar os conceitos de bilinguismo que se aproximam do bilinguismo da realidade dos pontos de pesquisa.

O termo Bilinguismo é usado para determinar o uso de uma ou mais línguas dentro de uma mesma comunidade linguística. Assim como uma pessoa que usa mais de uma língua. O sufixo “bi” na palavra bilinguismo quer dizer dois, porém não necessariamente o sentido fica restrito a apenas o uso de duas línguas, porque este termo pode ser usado para significar o uso de duas ou mais línguas (MCCLEARY, 2009).

Para uma descrição mais precisa do bilinguismo sob uma perspectiva individual, segundo MACKEY (1972) é possível determinar como bilíngue aquela pessoa que usa alternadamente duas ou mais línguas. No entanto, o conceito de bilinguismo é apresentado como relativo, ou seja, é um conceito tido como arbitrário, sendo difícil de ser determinado, pois não se limita em apenas identificar se o indivíduo é bilíngue e sim considerar em que medida este indivíduo é bilíngue. Dessa maneira, o autor propõe descrever a pessoa bilíngue a partir de quatro características, sendo elas o grau, a função, a alternância e a interferência.

- a) Grau do bilinguismo representa o quanto se conhece sobre a língua que usa. Essa quantidade de conhecimento separando por habilidades e níveis.
- b) Função do bilinguismo destina-se a finalidade que o bilíngue dá para cada língua que usa. Isso significa que a pessoa bilíngue designa o uso das línguas para diferentes usos e condições.
- c) Alternância é quando o bilíngue numa mesma fala usa duas ou mais línguas, em outras palavras, pensando numa fala o indivíduo usa suas línguas numa mesma frase.
- d) Interferência está ligada às características de uma língua que enquanto se fala reflete na outra língua.

Ainda a respeito das várias definições de bilinguismo, McCleary (2009) afirma que pode haver grandes diferenças entre pessoas bilíngues. A definição que o referido autor defende é que para ser bilíngue preciso que a pessoa consiga, mesmo que minimamente, se comunicar em outra língua.

Outro forma de se conceituar o que é Bilinguismo é o que diz Heye (2003, p. 229) “possui domínio igual e nativo por duas línguas”, o qual considera os diferentes estágios que cada indivíduo atravessa ao longo de sua trajetória, levando em conta cada nível de proficiência dentro das habilidades: ouvir e entender, ler e entender, falar e/ou escrever.

Outro fenômeno a ser mencionado é o preconceito dos próprios falantes em acreditarem que não são bilíngues. Falamos do mito do bilíngue perfeito, que é aquele que sabe separar totalmente uma língua da outra, logo, por esse motivo há pessoas que não se consideram bilíngues e se reprimem pois em algum momento mistura/ alterna o uso das línguas (MACKEY; KING, 2007). Em contrapartida, Macnamara (1967 *apud* HAMERS & BLANC, 2004) defende que um bilíngue pode ser qualquer pessoa que tenha a competência mínima no uso de qualquer língua ao menos que não seja a sua primeira língua, desde que o uso esteja dentro de qualquer uma das quatro habilidades linguísticas (compreensão auditiva, fala, leitura e escrita).

Ainda segundo o mesmo autor, o que torna a pessoa bilíngue; não é somente a fluência de ambas as línguas, porque a fluência perfeita de duas ou mais línguas é rara, é possível observarmos a fluência do indivíduo bilíngue podem aumentar e diminuir ao longo do tempo. Baker (2006) explica que há duas formas de caracterizar a pessoa bilíngue, podem existir bilíngues simultâneos, ou seja, quando a criança aprende a falar duas ou mais línguas ao mesmo tempo, e os bilíngues consecutivos, que adquire a segunda língua durante a infância.

O principal mito sobre o bilinguismo é quando esse fenômeno é visto como prejudicial, principalmente quando é relacionado ao uso das línguas desde criança. É como se o bilinguismo trouxesse desvantagem aos falantes. Ser bilíngue deve ser visto como virtude e não como dano. A sociedade, por muitas vezes, multiplica esse conceito prévio de que quem fala mais de uma língua, fala errado, pois em alguns momentos mistura as línguas (code mixem). O preconceito quanto ao falar bilíngue é apontado pelos conceitos errados, essa visão errônea prejudica a continuação de outra língua. Os falantes bilíngues acabam sofrendo preconceitos por dominar mais de uma língua.

3.3 Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (DPR)

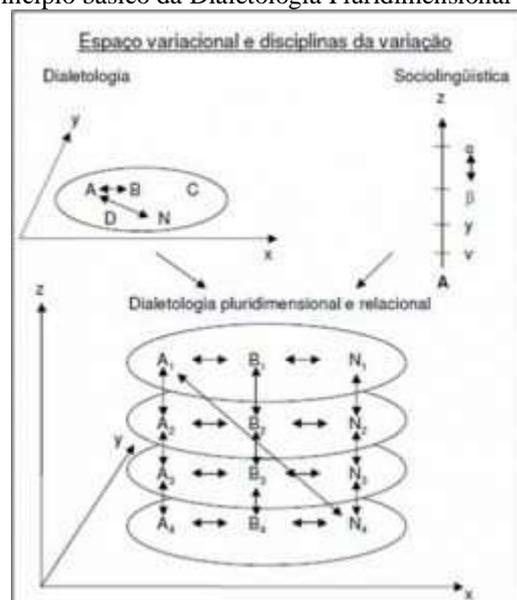
Nesta seção, abordamos os principais aspectos da Dialectologia Pluridimensional e Relacional proposto por Thun (1998). Esta perspectiva teórica-metodológica tem como objetivo principal estudar a mudança linguística e é caracterizada por não focar em apenas um fenômeno linguístico, por exemplo uma determinada língua, mas sim por considerar os diferentes contextos, diferentes falantes, diferentes níveis. Portanto, nesta parte se encontram os modelos teóricos da DPR e os apontamentos destes modelos neste estudo.

A Dialectologia tem buscado entender a diversidade linguística a partir do processo histórico de cada região e das etnias que contribuíram para este processo “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15).

A dialectologia pluridimensional tem como intuito a) combinar a dialectologia areal com a sociolinguística para converter o estudo da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística; b) focalizar as inter-relações no espaço, indo da superfície ao eixo social e vice-versa e; c) analisar as relações de todos os tipos, não só aquelas entre pontos da mesma superfície, mas os vínculos entre os pontos de uma superfície e os pontos de outra superfície. (THUN,2005).

A figura a seguir ilustra o propósito da dialectologia pluridimensional e sua relação com os pontos geográficos e as dimensões sociais:

Figura 2 Princípio básico da Dialectologia Pluridimensional e Relacional.



Fonte: (THUN, 2005, p.67)

Nesta figura, compreende-se o princípio básico da dialectologia pluridimensional e relacional. Destacamos, portanto, a relação das dimensões na horizontal (A-B), isto é, na

dialetologia, ou aqueles que ligam os pontos verticais (α - β) na sociolinguística, mas sim os vínculos entre os pontos da superfície e os pontos semelhante de outra superfície (A^1B^1 e A^2-B^2) dialetologia pluridimensional e relacional, e as relações entre os pontos diagonais (A^1-B^2).

De acordo com Thun (2005, p. 705), a geografia linguística tradicional é monodimensional e esse modelo serviu para muitas pesquisas. O autor explica que esse método observa as várias situações de uma realidade linguística e diz ainda que “con este programa la Dialectología pluridimensional se acerca al ideal de la descripción completa y ordenada del polimorfismo lingüístico y de su relación con los hablantes”. A dialetologia pluridimensional pretende analisar a língua a partir de diferentes dimensões:

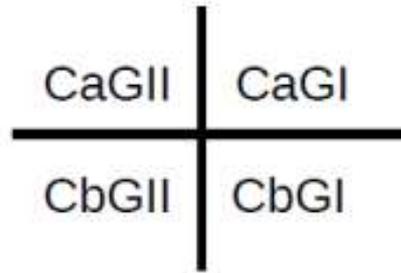
Quadro 1 A Dialetologia Pluridimensional a partir de das dimensões

Dialingual	Consiste por pesquisar as relações do contato entre duas ou mais línguas faladas pelo informante.
Diatópica	São observados diferentes pontos de coleta de dados, por exemplo, é analisada a relação do fenômeno linguístico dentro de um determinado espaço geográfico. E esta dimensão tem mais características, a topoestática, que especifica o estudo a informantes demograficamente estáveis, e a topodinâmica, que os informantes se deslocam tocando o critério de seleção de informantes mais flexíveis.
Diastrática	Esta dimensão refere-se a classe social, por exemplo a classe social pode ser determinada pela escolaridade: ensino superior completo ou incompleto (classe alta- Ca) e informantes com baixa escolaridade que delimitam o estudo do inf. até o Ensino médio (Classe baixa-Cb).
Diageracional	Tem por objetivo relacionar gerações para diferenciar os grupos de pesquisa pela faixa etária, ou seja, divide os informantes em mais de 55 anos correspondente a geração II e os informantes com idades entre 18 e 36 são classificados como geração I.
Diassexual ou diagenérica	Refere-se a separação dos informantes por gênero sendo homem e mulher.
Diafásica	É a coleta de dados classificada em diferentes estilos, isto é, pode ser feita a coleta com leitura, resposta de um questionário ou conversa livre ou dirigida
Diarreferecial:	Correspondente aos comentários metalinguísticos realizados durante a entrevista.
Dia religiosa:	Diz respeito a importância da religião no uso da língua.

Fonte: Thun (2005, p.71)

Cada pesquisa não necessariamente precisa seguir à risca todas as dimensões da metodologia da DP. Em cada contexto de pesquisa são determinadas quais são as dimensões possíveis de serem consideradas seguindo os objetivos dos estudos. Contudo, são considerados um padrão para a relação dos grupos, veja na seguinte figura os quatro grupos considerados por Thun (1998), grupo *standard*:

Figura 3 Esquema da cruz constituído pelas dimensões socioculturais e geracionais



Fonte Thun, p.709, 2010

A figura 3 mostra dos dois pontos socioculturais: classe alta (Ca) que está situado nas células superiores e nas células inferiores encontram-se a classe baixa (Cb). As linhas em forma de cruz simbolizam a separação das células, sendo que a linha vertical está dividindo os grupos das gerações jovem e mais velha e a linha horizontal separando os pontos socioculturais. Resumindo, as dimensões selecionadas para esta pesquisa são:

Quadro 2 Dimensões e Parâmetros da Dialectologia Pluridimensional adaptadas para esta pesquisa

DIMENSÕES	PARÂMETROS
Diatópica	Os pontos foram na localidade de Chapecó-SC: o bairro EFAPI e a Linha Colônia Cella
Diassexual	Falantes do sexo masculino Falantes do sexo feminino
Diastrática	Falantes com dois graus de escolaridade: Ensino Fundamental e Médio Ensino Superior
Diafásica	Questionário Texto para leitura Conversa semidirigida Escrita de um bilhete
Dialingual	Bilíngues <i>Talian</i> -português & crioulo-francês-português

Fonte: Thun (2005, p.71) adaptado por Letícia Cunha Zamaro 2020

A seguir, apresentaremos o conceito de políticas linguísticas, bem como alguns exemplos desta política.

3.4 Políticas Linguísticas de acolhimento

O crescente número de estrangeiros, imigrantes e refugiados no Brasil demonstra a realidade de um sonho de uma vida melhor, porém, não basta apenas abrir as portas do país para receber o imigrante, é preciso ter uma boa e estruturada política de acolhimento. O

Brasil, embora seja considerado por muitas etnias como o país com a melhor política imigratória, revela, pela realidade observadas e relatos de imigrantes, o despreparo político e social em acolhê-los.

O sujeito imigrante, ao chegar ao país de acolhimento, possui pouco ou nenhum domínio das línguas oficiais e depara-se com a necessidade de interagir com a sociedade, como por exemplo resolver questões trabalhistas, ir à farmácia, chamar os bombeiros, reunião escolar. Logo, o fator linguístico é o principal fator para a sobrevivência deste imigrante nessas interações cotidianas com a sociedade acolhedora (OLIVEIRA; SILVA, 2017). As barreiras linguísticas que geram violação de direitos humanos são temas abordados por Oliveira e Silva (2017). Segundo os referidos autores, é questão de urgência pensarmos em políticas públicas voltadas ao atendimento linguístico dos imigrantes no Brasil.

Exemplificando uma barreira linguística que o imigrante se depara ao chegar no Brasil, a situação dos agentes da Polícia Federal na fronteira, que atendem diversas nacionalidades, resultando na diversidade linguística. Logo, os agentes, por exemplo, precisam da ajuda de interpretes voluntários das Cáritas para traduzir e assim conseguir mediar as entrevistas de formulação de petição de asilo. Em outra situação, se tratando da língua como mediação de conflitos e libertação, os refugiados também contam com a ajuda de voluntários.

Os imigrantes e refugiados tem acesso a cursos promovidos por voluntários para aprenderem a língua portuguesa, por muitas vezes são cursos com currículo estruturados para ensino de línguas tradicional, pouco condizente com a situação dos imigrantes. As instituições buscam parcerias para mediar esse contato entre línguas, buscando acolher os imigrantes e refugiados no sentido de ter a sensibilidade para ensinar português para esses imigrantes. A maioria dessas instituições tem o cuidado de selecionar os métodos intuitivos e com muito autodidatismo (Amado, 2013).

Sobre a educação em línguas, Grosso (2010) afirma que para ensinar línguas deve-se priorizar abordagens condizentes a realidade de diversidade. A língua de acolhimento é a inovação a par de língua estrangeira, pode ser definida da seguinte maneira:

Sintetizando, o conceito de língua de acolhimento aproxima-se da definição dos conceitos de língua estrangeira e língua segunda, embora se distinga de ambos. É um conceito que geralmente está ligado ao contexto de acolhimento, expressão que se associa ao contexto migratório, mas que, sendo geralmente um público adulto, aprende o português não como língua veicular de outras disciplinas, mas por diferentes necessidades contextuais, ligadas muitas vezes à resolução de questões de sobrevivência urgentes, em que a língua de acolhimento tem de ser o elo de interação afetivo (bidirecional) como primeira forma de integração (na imersão linguística) para uma plena cidadania democrática.(GROSSO, 2010, p.74).

Como referimos anteriormente, algumas instituições usam abordagens de ensino que buscam acolher o imigrante quando estes estão aprendendo português. Devido a este ensino de língua ser de caráter voluntário, não há como ter um acompanhamento eficaz se as metodologias são realmente condizentes a diversidade local. Desse modo, relatos de haitianos sobre a institucionalização do ensino de português como língua de acolhimento para imigrantes refugiados afirmam que o grande problema quando estão nas aulas de português é o choque cultural (AMADO, 2013).

A respeito da inserção social e escolar dos haitianos em Santa Catarina, Piovezana; Bordignon; Bernartt (2015) concluem que é preciso, primeiramente, promover o reconhecimento do outro nos diferentes espaços. As autoras acrescentam que é preciso garantir os direitos dos haitianos nos ambientes institucionais e isto depende de atividades conjuntas do poder público e da sociedade civil.

Ainda mostrando os relatos dos imigrantes e refugiados, Piovezana; Bordignon; Bernartt (2015) afirmam que não há políticas públicas que os auxiliem nas instituições de ensino formal, nem na saúde pública. Os governos, em alguns casos, se limitam em oferecer atendimento em outras línguas nos órgãos públicos apenas para auxiliar nas situações de contato emergencial.

Sobre o perfil linguístico dos imigrantes e refugiados, muitos deles são falantes bilíngues e até multilíngues:

Aqueles que vêm de países do continente africano falam, via de regra, além do inglês ou do francês, línguas étnicas e/ou línguas crioulas. O mesmo ocorre com boa parte dos falantes do continente asiático, como os sírios e palestinos, que, além do árabe, falam inglês. Ou dos haitianos que, a par do francês, falam o Crioulo haitiano. Muitos deles, inclusive, na rota de fuga, por viverem em outros países, acabam aprendendo outras línguas, antes de chegar ao Brasil, como os haitianos, que passam pelo Peru e Equador, e têm contato com o espanhol, por exemplo. Segundo Oliveira (2010) que analisa o contexto português, muito parecido com o brasileiro, as experiências multilíngues dos refugiados costumam trazer uma maior predisposição para lidar com a recepção das diferenças e das semelhanças no aprendizado de uma nova língua (AMADO, 2013, p.8)

Amado (2013) alerta para alguns aspectos que prejudicam o aprendizado do imigrante. É preciso considerar além dos fatores linguísticos e cuidar das condições psicossociais do refúgio. Algumas situações podem gerar barreiras para a aprendizagem da língua do país de acolhida. A pressão para aprender uma língua, considerando que o imigrante pode ter problemas com autoimagem, perspectivas para o futuro como a urgência para ter um emprego e integração na sociedade. Lembrando que a própria tensão da situação de fuga de seu país é um fator que pode influenciar no aprendizado. Outro fator é o preconceito da população brasileira com relação ao refugiado. Mesmo o Brasil tendo em sua história de colonização

muitos episódios envolvendo povos vindos de países africanos, europeus e asiáticos, muitos dos novos imigrantes passam por dificuldades de inserção na sociedade brasileira. Por falta de conhecimento, o brasileiro marginaliza o refugiado, prejudicando a autoestima e dificultando ainda mais o aprendizado da língua portuguesa.

Amado (2013) conclui que é de extrema urgência que o governo se atente para a necessidade de promover o ensino de português para o imigrante, abordando, principalmente, os fatores linguísticos e extralinguísticos citados para promover o ensino de portuguesa como língua de acolhimento. O primeiro passo, acredita a autora, é que as universidades preparem o currículo de Letras para formar especialistas e pesquisadores que voltem seus olhos para o público imigrante refugiado.

Ao discorrer sobre a dificuldade que os haitianos enfrentam no Brasil para estudarem, Cotinguiba & Cotinguiba (2014) indicam que a ausência de uma política na qual as instituições de ensino possam se basear fortalece a invisibilidade do imigrante.

3.5 Definições de línguas

O conceito de língua é explicado por diferentes abordagens e distintos autores dependendo da área de estudos da linguagem. Contudo, faz necessário delimitar quais são os conceitos de línguas que este estudo aborda. Portanto, encontra-se, nesta seção, as definições de dialeto, de língua estrangeira (LE), de língua materna (LM), de segunda língua (L2), de língua minoritária, de língua de imigração e de língua adicional (LA).

Ferdinand de Saussure foi o primeiro estudioso que delimitou a Língua como objeto e, deste primeiro conceito, a linguística passou por reformulações e delimitações buscando organizar as metodologias para estudar a língua. Portanto, o conceito de língua (sempre minúsculo) na perspectiva saussuriana é: “a língua é um sistema cujas partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (SAUSSURE, 1975, p.96).

De acordo com Coseriu (1982), **língua** “é o sistema de isoglossas comprovadas em uma atividade linguística completa, que consiste no falar e no entender de vários indivíduos de acordo com uma tradição historicamente comum” (COSERIU, 1982, p.10, tradução nossa). E, Trudgill (2000, p.01, tradução nossa) define a língua como “o meio pelo qual estabelecemos e mantemos relações com outras pessoas”.

Para além das inseguranças que podem haver para se conceituar língua, conceituar dialeto pode também gerar confusão, especialmente no que se refere a diferenciá-lo de língua. Segundo Trudgill (2000, p.01, tradução nossa) “se dois falantes não conseguem entender um ao outro, então eles estão falando **línguas diferentes**, mas se eles conseguem se entender,

então estão falando **dialetos** da mesma língua”. Em outros termos, o dialeto é, portanto, uma língua, em específico consiste por uma variedade da língua, de ordem social ou regional. Coseriu (1982, p. 10) esclarece que dialeto é “modo interindividual de falar”, isto é, outra forma de explicar é comparar a língua e o dialeto, nas palavras deste autor “se todo dialeto é uma língua, nem toda língua é um dialeto”. Portanto, dialeto pode ser designado como uma língua menor (variedade do português), incluída em uma língua maior (português) que é justamente uma língua histórica.

Explicamos os conceitos de língua e dialeto e agora veremos outra complexidade relacionada ao termo **língua materna (LM)**, que, assim como os conceitos de línguas, é considerado polissêmico e dinâmico. Pertile (2009, p.31) considera “o conceito de LM como uma complexidade por trás de definições aparentemente simples”. Considera-se complexo porque as definições ultrapassam o nível linguístico, como os níveis sociais, educacionais, políticos etc.

A **LM** pode ser considerada sinônimo de língua oficial de um país. O termo LM é usado por alguns linguistas para se referir a primeira língua aprendida, geralmente falada em casa por um indivíduo durante sua infância. Mesmo que esta língua usada neste período não necessariamente esteja sendo usada na fase adulta (Romaine,1995). Portanto, LM faz referência a maternidade, mas não necessariamente pode ser explicada como a primeira língua aprendida com a mãe. Essa maneira de definir parece fácil, porém revela a complexidade do uso deste termo. No entanto, costuma-se evitar o uso do termo justamente pelas ocorrências de crianças que podem aprender sua LM não apenas com a mãe, mas também com o pai, avô ou qualquer outro membro familiar. Romaine (1995) ilustra o uso da definição LM com os grupos da área de Vaupés, Amazônia Colombiana; nesta localidade a primeira língua aprendida pelo indivíduo é a língua do pai e é usada em conjunto à língua posteriormente aprendida, que é a língua de sua mãe e esposa.

Nos estudos de Altenhofen (2002), encontramos a histórica expressão "língua materna", que vem com a tradição católica romana medieval. A LM começou a ser usada para designar a língua aprendida e falada "naturalmente" no lar. Contudo, outra explicação revela que LM era usado para opor ao conceito trazido do latim “originariamente, a denominação (Muttersprache) teria sido empregada por monges católicos para designar uma determinada língua da qual faziam uso em lugar do latim, quando falavam da cátedra" (ALTENHOFEN, 2002, p.146). Portanto, a conotação da expressão "língua materna" era usada como desprestigiada para aqueles que não conheciam o latim, ou seja, pessoas "não-cultas".

Outras definições que gostaríamos de destacar são **língua minoritária** e **língua minorizada**. À primeira vista, podemos traduzir literalmente que é uma língua a qual tenha quantidade mínima de falantes. No que tange às línguas minorizadas, Ponso (2017) chama atenção para a definição deste termo se referindo ao status e ao poder simbólico que as línguas minoritárias possuem. Entende-se, por língua minoritária, aquela língua que é falada por um grupo de pessoas num país que tem uma língua diferente como língua oficial e esta língua minoritária não se confunde com dialetos da língua oficial. Portanto, são línguas naturais tradicionalmente faladas por uma parcela da população de um país (FERRAZ, 2007).

Em conferência, o linguista Guillem Calaforra (2003, p.1) esclarece as características que apresentam para ser uma comunidade linguística minorizada:

Normas de uso social restrictivas en relación a la lengua propia —es decir, que dicha lengua no puede usarse en determinados ámbitos de uso—, frente a las normas de uso expansivas características de la lengua dominante.

Bilingüización unilateral de los miembros de dicha comunidad, esto es: los hablantes de la lengua minorizada tienen en su repertorio la lengua propia y la dominante, mientras que los hablantes de esta última tienden a ser monolingües.

Como consecuencia de la situación anterior, la comunidad linguística minorizada se convierte en un subconjunto de la dominante. Los miembros de la comunidad minorizada tienden a presentarse como parte de la comunidad dominante, y así son percibidos por el resto del mundo.

As línguas de imigração têm como característica principal variações dialetais muito acentuadas e estas variações são percebidas de acordo com a de origem dos imigrantes:

As línguas de imigração apresentaram variações dialetais muito acentuadas, de acordo com a matriz de origem dos imigrantes. No caso do italiano, predomina hoje um coiné vêneta, ou Talian. No caso do alemão, difundiu-se, entre os descendentes a partir do Rio Grande do Sul, também uma coiné, o Hunsrückish. Contudo, em determinadas áreas ocupadas por alemães, mantiveram-se outras variedades, como o pomerano, o vestfaliano, e o Plautdietsch menonita (ALTENHOFEN; MARGOTTI 2011, p. 27).

Calaforra (2003) afirma que as línguas minoritárias estão ligadas às desapropriações linguísticas, políticas, econômicas e sociais, que se tornam uma consequência inevitável para o desaparecimento da língua.

A definição que apresentamos a seguir é a de **língua estrangeira (LE)**. Almeida Filho, J. C. P (2009), ao definir Língua estrangeira (LE), afirma que este termo é uma outra língua em outra cultura de um outro país pela qual se desenvolve um interesse autônomo (particular) ou institucionalizado (escolar) em conhecê-la ou em aprender a usá-la. Em outras palavras, LE é ensinada; é viabilizado o conhecimento sobre (ou estudo de) uma outra língua e/ou sua aquisição; num ambiente formal institucional; mediante uma operação com dimensões distintas; orientada por uma abordagem/filosofia vigente que pode ser espontâneo-

tradicional; formalmente explicitada e calcada em pressupostos teóricos ou em combinações intermediárias dessas duas posições polares.

Já a segunda língua (L2), para ALMEIDA FILHO, J. C. P. (2009) é uma língua não-materna que se sobrepõe a outra(s), que não circula(m) socialmente em setores ou instituições ou que circulam com restrições. Portanto, as situações que uma L2 pode se constituir são:

Indivíduos de uma dada língua residindo temporariamente num outro país falante de outra língua;

Comunidades falantes de culturas e línguas transplantadas num país falante de outra L e que lá vivem perenemente mantendo seus atributos linguístico-culturais vivos;

Grupos étnicos falantes de línguas nativas circundadas por uma língua nacional amplamente majoritária;

Um ou vários grupos de línguas autóctones que desenvolveram um Crioulo* tornado língua normalizada e em muitos contextos, língua franca* de ampla circulação;

Um ou vários grupos linguísticos que herdaram uma L externa hegemônica no país, geralmente superposta às línguas autóctones como resultado de colonização;

Grupos falantes de uma L nova dominante (de um Crioulo) que herdaram língua hegemônica de colonização;

Indivíduos de grupo étnico com uma língua própria que precisam aprender a língua (franca em muitos casos) de outro grupo étnico minoritário de um mesmo país; (h) jovens falantes de uma língua nativa majoritária ou nacional em seu próprio país para quem seus pais escolhem uma educação escolar mediada por outra língua de prestígio. (ALMEIDA FILHO, J. C. P., 2009, .10)

E, para finalizar, abordamos a língua adicional (LA) que, segundo Schlatter e Garcez (2009.p.127) “falar de uma LA em vez de uma LE enfatiza o convite para que os educandos (e educadores) usem essas formas de expressão para participar na sua própria sociedade. (...) esse convite também é para a reflexão sobre que língua é essa, de quem ela é e de quem pode ser, a que ela serve, o que cada um tem a ver com ela”. Portanto, entendemos que LA é usado com sentido diferente do LE para enfatizar o poder de escolha do educando em adicionar mais línguas ao seu repertório. Portanto, o conceito de LA é usado no sentido de livre escolha do indivíduo em aprender mais línguas e LE o aprendizado de outra língua para uma determinada finalidade.

Feito as abordagens com as fundamentações teóricas importantes sobre as definições de línguas. A seguir, serão discutidas as temáticas que envolvem as línguas em contatos.

4 METODOLOGIA

A natureza deste estudo é qualitativo e é norteado pela metodologia Dialectologia Pluridimensional e Relacional (doravante DPR) proposto por Thun (1996, 1998, 2005, 2010).

A DPR propõem uma junção da dialetologia tradicional e dos princípios sociolinguísticos, mas com o acréscimo do desenvolvimento aprimorado de aspectos e técnicas de análise de contato de línguas e que buscam relacionar os dados coletados a partir de dimensões. Para alcançar o propósito de estudo de descrever e analisar a situação linguística dos ítalo-brasileiros e dos haitianos de Chapecó-SC, apresentaremos, a seguir, os procedimentos metodológicos adotados. Neste capítulo se encontra a descrição dos instrumentos para análise do perfil dos informantes e os procedimentos da coleta.

Pretendemos observar a relação das variáveis sociais escolaridade, gênero sexual e diatópica com as línguas *Talian*/português e crioulo/francês/português. Esses fatores serão relevantes para analisar até que as variedades influenciam no grau de bilinguismo e na manutenção e substituição da língua majoritária (o português).

No que se refere a variável classe social (Ca e Cb), Chambers e Trudgill (1980, p. 70, tradução nossa) “as variantes usadas pelas classes mais altas possuem mais prestígio e atribuem mais status do que outras variantes”.

No que se refere a variável gênero, de acordo com Trudgill (2000) e Labov (2008) o sexo dos falantes também é um fator contribuinte no falar de um determinado grupo. Do mesmo modo que as mulheres são mais propensas à forma padrão, elas também podem estar mais vulneráveis a inovação. Então, por um lado a mulher pode manter os traços da fala mais conservadora, mas por outro lado, aceita mais facilmente a inovação do que os homens.

No que se refere a variável rural e urbano, os informantes precisam ser topoestáticos para assegurar a produção da fala típica do local que habitavam, segundo Chambers e Trudgill (1994) selecionavam informantes mais velhos e comparar com informantes mais jovens com o objetivo de realizar uma análise diacrônica da língua.

4.1 Instrumentos de coleta de dados:

Como já mencionado, nos baseamos no método de análise da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (DPR), refere-se a fusão da metodológica da dialetologia tradicional e dos princípios sociolinguísticos, mas com o acréscimo do desenvolvimento aprimorado de aspectos e de técnicas de análise de contato de línguas, que buscam relacionar os dados coletados a partir de dimensões.

Para coletar os dados, organizamos os instrumentos em quatro etapas: a) conversa semidirigida; b) questionário metalinguístico, c) leitura de textos nas línguas talian/italiano/português ou em crioulo/francês/português e d) escrita de um bilhete também nas línguas talian/italiano/português ou em Crioulo/francês/português.

A conversa semidirigida foi selecionada para ser a primeira etapa da entrevista com o intuito de criar um momento de conversa informal para conseguir dados espontâneos, assim como conseguir informações sobre o perfil do entrevistado e a história de seus antepassados.

Logo em seguida, iniciamos com a aplicação do questionário adaptado de KRUG (2013) para este estudo com o objetivo de obter dados relacionados a questões de variação, papel da língua na constituição da identidade e o grau do bilinguismo. No total, este questionário é composto por trinta e duas questões mas usamos vinte e três para as análises.

O terceiro instrumento refere-se à leitura. Os informantes de cada grupo étnico foram convidados a ler pequenos textos nas línguas *Talian*/italiano/português ou no crioulo/francês/português. A leitura realizada nas línguas dos participantes desta pesquisa é para poder perceber o estilo de fala no nível mais formal produzido pelo informante, se possuem o domínio da leitura nas línguas de imigração. Utilizamos um texto (intitulado “os preparativos para a festa de casamento”) para os ítalo-brasileiros. O texto para leitura nas línguas Crioulo/francês foi retirado do livro *M’ap li ak Kè kontan* (AUGUSTIN; CONSTANT, 1989) (tradução: Eu estou lendo com alegria), basicamente, extraímos uma parte do texto da página 61 nas três línguas, crioulo, francês e português para os haitianos.

No quarto instrumento, a escrita, convidamos os ítalo-brasileiros e haitianos para escreverem de próprio punho um bilhete, também com o objetivo de medir o grau de domínio da habilidade escrita nas línguas de imigração e português. Sugerimos aos informantes que o tema fosse o que o informante fez ou iria fazer naquele dia nas línguas respectivas para cada grupo étnico.

4.2 Perfil e seleção dos informantes

Os informantes selecionados para esta pesquisa são descendentes de italianos e imigrantes haitianos de diferentes partes do município de Chapecó. Idealizamos encontrar pessoas ítalo-brasileiros e haitianos pertencentes a geração jovem (com idades entre 18 e 36 anos) que falassem ou compreendessem as línguas de imigração *Talian* e crioulo. No entanto, tivemos dificuldades em encontrar pessoas do grupo dos descendentes de italiano com estes critérios. Mais precisamente, não encontramos informante jovem, homem, da classe baixa e que se considerava falante do dialeto *Talian*. Contudo, encontramos para este estudo três ítalo-brasileiros que moram na Linha Colônia Cella e quatro imigrantes haitianos que moram no EFAPI, portanto, um total de sete informantes.

Primeiramente, queremos apresentar o perfil dos informantes pertencentes ao grupo dos ítalo-brasileiros. Para manter o anonimato das pessoas que aceitaram participar deste

estudo, criamos códigos para substituir os nomes. Dessa maneira, os códigos correspondem aos critérios de cada etnia são:

Ca = Classe alta (com escolaridade completa ou em andamento)

Cb= Classe baixa (escolaridade incompleta até o ensino médio);

GI = Geração jovem entre 18 e 36 anos;

Ita= ítalo-brasileiro;

Hait = haitiano;

H= masculino;

F= feminino.

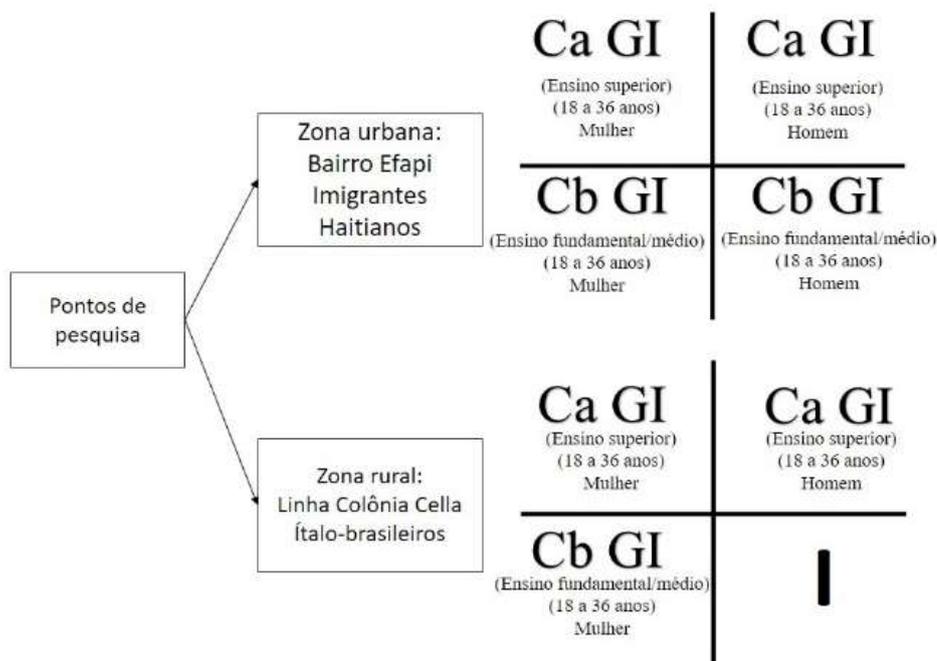
Exemplos:

CaGI-Ita-H = Informante ítalo-brasileiro masculino jovem de classe alta;

CbGI-Hait-H = Informante haitiano masculino jovem de classe baixa;

A seguir, procuramos mostrar através de uma figura o perfil dos informantes que idealizamos, adaptando-os na metodologia de Thun (1996) com as dimensões que selecionamos para este estudo mostrados em cada célula.

Figura 4 Perfil dos informantes representada na Cruz de Thun



Fonte: Thun (1996) adaptado pela autora.

No presente estudo, optou-se por não relacionar gerações (GI com a GII) como se prevê a DPR, porque na região de Chapecó poderíamos encontrar os descendentes de italianos com mais idade, porém teríamos mais dificuldades em encontrar informantes haitianos da GII.

Nos surpreendemos com a dificuldade de encontrar ítalo-brasileiros da GI com todos os critérios, se tivéssemos as duas gerações para cada grupo isso demandaria muito tempo.

A seleção dos informantes foi realizada por meio de indicações e entramos em contato com essas pessoas por telefone através de mensagem de Whatsapp. Foi feito o convite para participar de nossa pesquisa e para aqueles que aceitaram participar, já no primeiro contato, procuramos confirmar os critérios etnia, idade, tempo de residência no local, se falam ou compreendem as línguas *Talian*/português e crioulo/francês/português, e descrevemos brevemente o assunto da entrevista. Para tal, mencionamos que a entrevista seria uma conversa sobre as línguas de imigração. Ainda nesse primeiro contato com os informantes, agendamos data e horário, e, por fim, escolhemos uma plataforma digital que fosse de fácil acesso para todos.

Importa relatar a dificuldade em encontrar o quarto informante com os critérios: homem, geração jovem (18 a 36 anos), com escolaridade até o ensino médio completa ou em andamento, ítalo-brasileiro que fale ou compreenda o dialeto *Talian*. Procuramos muito, contatamos muitas pessoas para conseguir ao menos uma indicação para participar desta pesquisa. Das poucas pessoas que encontramos, no primeiro momento da conversa, já constatamos as primeiras barreiras. As dificuldades eram ter todos os critérios da pesquisa e o aceite em participar do estudo, sendo o principal empecilho à idade: ser jovem, escolaridade até o ensino médio e que se consideravam falantes do dialeto italiano. Se encontrássemos jovem, ele se considerava não falante do *Talian* e tinha pelo menos a faculdade em andamento. Até encontramos pessoas que se consideravam falantes do *Talian*, mas era da geração mais velha.

Encontramos uma pessoa com todos esses critérios, porém, devido as não respostas das inúmeras tentativas de contatar este informante por mensagem de telefone, interpretamos que ele não estava de acordo em participar desta pesquisa. Ele foi indicado pela mãe, e ela até se prontificou em ajudar no estudo, dizendo: “Eu sei tudo sobre a vida do meu filho, pode perguntar pra mim que eu ajudo”. Interpretamos também que esta dificuldade de achar um intervalo no horário de trabalho ocorreu porque eles possuem uma propriedade rural que produz leite e sabemos que a jornada de trabalho é intensa. Enfim, se passaram meses em busca do quarto informante, e como cronograma das entrevistas no prazo final, decidimos pesquisar apenas três pessoas descendentes de italianos.

4.3 Procedimentos da coleta, seleção dos dados

Por estarmos vivenciando uma pandemia gerada pelo CORONA-vírus, o procedimento da coleta de dados precisou ser adaptado. Para respeitar o distanciamento social, decidimos realizar a entrevista através da internet, isto significa que cada pessoa podia escolher o seu local de entrevista, em sua casa ou até em outro espaço e, através de uma reunião virtual com vídeo-chamada, participar da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas pela autora desta pesquisa e ocorreram por meio das plataformas digitais Whatsapp, Google Meet e Jetsmeet. Todos esses aplicativos são de fácil acesso e manuseio e com a possibilidade de gravar em áudio e vídeo, sendo os registros armazenados diretamente no Notebook.

Lembrando que a pandemia exigiu o isolamento social e tivemos muitos empecilhos de organização no momento das entrevistas. Por exemplo, ocorreu com alguns dos informantes que estavam trabalhando em casa, e num intervalo pediram para iniciarmos a entrevista, porém, por algum motivo, e no meio das perguntas, precisavam interromper e atender um cliente. Neste caso, a entrevista foi encerrada e concluída em outro dia. Também houve momentos que necessitamos reagendar datas de entrevistas para os informantes poderem participar de uma reunião de última hora na universidade ou, pelo fato de algum filho ter solicitado atenção.

Após autorização do Conselho de Ética Universitário realizamos as entrevistas em dois meses e, ao mesmo tempo, transcrevemos esses dados. Toda e entrevista foi feita em português com quase todos os informantes, porém uma participante haitiana, por estar há pouco tempo no Brasil e em fase de aprendizado do português, solicitou auxílio de sua irmã para traduzir algumas perguntas e respostas.

Esta pesquisa concentra-se em dimensões diastrática, diassexual e também a dialingual, em dois pontos de pesquisa de cidade de Chapecó-SC, contato *Talian*-português na linha colônia Cella e, bairro Efapi com o crioulo haitiano. Foram utilizados dois estilos de coleta de dados, que correspondem à aplicação de questionários, um metalinguístico e outro lexical, com ênfase nas respostas espontâneas às perguntas, e também registros feitos em caderno de campo, a partir de observações durante o período das coletas de dados. A seguir, encontra-se a descrição e análise dos dados.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados de forma qualitativa a partir das dimensões diatópica (localidade), diastrática (classe social), e diassexual (homens e mulheres)

previstas nos objetivos específicos desta pesquisa. Para esta análise, das trinta questões metalinguísticas e lexicais aplicadas aos informantes, vinte e três perguntas foram usadas para este estudo. Lembrando que os objetivos específicos são:

4.1 Diagnosticar a situação linguística dos ítalo-brasileiros e dos imigrantes haitianos descrevendo as situações de usos das línguas mostrando os resultados nas dimensões diasssexual; diastrática, dialingual e diatópica. Ao avaliarmos as respostas, tais temas foram abordados: percepção de língua, contextos de usos reais da língua de imigração.

4.2 Medir o bilinguismo dos informantes ítalo-brasileiros e imigrantes haitianos, considerando grau, função, alternância e interferência. Neste tópico apresentamos uma descrição e análise desses graus de bilinguismo nas quatro habilidades linguísticas: escrita, leitura, fala e compreensão.

4.3 Apresentar os desafios linguísticos dos ítalo-brasileiros e dos imigrantes haitianos.

Em se tratando da coleta de dados, selecionamos algumas questões do questionário e organizamos as respostas dos informantes por categorias, ou seja, selecionamos as palavras chaves e fizemos as análises de acordo com cada objetivo.

5.1 O Diagnóstico da situação linguística dos ítalo-brasileiros e dos imigrantes haitianos.

Sabe-se que os descendentes de italianos do século XIX passaram por muitas situações linguísticas, com atitudes negativas e positivas em relação às línguas de imigração. A Campanha da Nacionalização do Ensino foi um desafio enfrentado que deixou diversas consequências que culminaram ao abandono progressivo da fala dialetal italiana. Contudo, a título de exemplo, também houve atitudes linguísticas positivas, uma delas é lealdade e a solidariedade entre os descendentes de italianos para poder superar as barreiras adversas que viveram (Frosi; Faggion; Dal Corno, 2010).

Pesquisar as situações linguísticas dos imigrantes haitianos consiste em um estudo novo, por serem considerados os novos imigrantes ou os imigrantes do século XXI. Logo, esta pesquisa busca contribuir para a visualização das línguas de imigração e diagnosticar a situação linguísticas desses novos imigrantes (os haitianos) para poder fornecer informações da coexistência das línguas minoritárias com o português.

Considerando que um dos nossos objetivos é diagnosticar as situações linguísticas dos ítalo-brasileiros e dos imigrantes haitianos, buscamos responder a seguinte questão considerando as dimensões diasssexual, diastrática, dialingual e diatópica: a) quais são as

situações de usos das línguas de imigração? Apontando as semelhanças e as diferenças dessas situações de usos entre os grupos étnicos.

Nossa hipótese é que, comparando as situações de usos das línguas de imigração, fruto da imigração ocorrida no século XIX e da(s) língua(s) dos imigrantes do século XXI, os haitianos usam o crioulo e francês em mais ambientes, se comparados com os contextos de usos linguísticos do *Talian* falado por ítalo-brasileiros. Ainda, o sentimento de orgulho das línguas de imigração é algo que ambos os grupos étnicos compartilham.

A pesquisa contém três estilos de coleta de dados, que abrangem as dimensões citadas acima. A primeira coleta consiste na conversa semidirigida. A segunda, coletamos os dados através de um questionário que proporciona resposta espontânea e com sugestões de respostas em alternativas. E o terceiro estilo, a leitura de textos. Além destes estilos de coleta, utilizamos anotações realizadas em caderno de campo, isto é, observações e comentários feitos durante e depois das gravações.

5.1.1 A situação linguística dos ítalo-brasileiros e imigrantes haitianos com base na Dimensão Diassexual

A partir da análise na Dimensão Diassexual, buscamos identificar se o fator gênero influencia nas situações de usos das línguas de imigração. Para diagnosticar os usos da língua de imigração nos ambientes frequentados por homens e mulheres, selecionamos algumas perguntas com suas respectivas respostas para identificar se há diferença e quais são os contextos de usos das línguas. Nossa hipótese é que, no grupo dos ítalo-brasileiros e no grupo de haitianos, a dimensão diassexual não influencia nos contextos de usos das línguas de imigração. A título de exemplo, outros estudos já foram desenvolvidos em contextos de usos de línguas de imigração, Horst (2011) mostra um equilíbrio de resultados entre homens e mulheres ao uso de línguas minoritárias e majoritárias.

Nós realizamos as análises das respostas ao questionário que buscavam determinar os contextos de usos das línguas e observamos que o informante CaGI-Ita-H usa o *Talian* em duas situações, nas reuniões de família e nas festas/bailes da comunidade. Podemos entender que na família é garantido usar a língua *Talian* e nas festas e bailes é um contexto mais livre, propício ao encontro com mais pessoas. Portanto, falar uma determinada língua depende da pessoa com quem se encontra no baile ou na festa da comunidade: “Depende a pessoa que tu encontra, mas normalmente sai alguma coisa no *Talian*, quando encontra alguém antigo” (CaGI-Ita-H.)

Com esta resposta, podemos interpretar que somente nos bailes e festas, um ambiente de confraternização, que permite o encontro com amigos e a família, o informante sente-se à vontade para usar o *Talian* com as pessoas de convívio comum que também falam este dialeto.

Os resultados obtidos das mulheres ítalo-brasileiras se mostraram diferentes, elas usam a língua de imigração *Talian* em mais contextos. Descobrimos que são três ambientes de usos do *Talian*: nos ambientes familiares, na comunidade conversando com as vizinhas mais antigas e nas festas e bailes.

Em resumo, comparando esses resultados apresentados pelo homem e pelas mulheres ítalo-brasileiros, compreendemos que houve diferença de quantidade de cenários de usos da língua de imigração. Desse modo, comparando as respostas do homem com as respostas das mulheres ítalo-brasileiras, o que houve em comum foram os contextos de usos do *Talian* com os familiares e nas festas e bailes. E, o diferencial que as mulheres acrescentam um contexto que se encaixa na categoria, o contexto comunidade, em que usam o *Talian*, quando encontram algumas vizinhas da geração mais velha.

No grupo das mulheres haitianas que participaram deste estudo, elas usam a língua crioula quando estão presentes nos contextos familiar, festas/bailes, na universidade e na igreja, ou seja, em quatro contextos. Com o detalhe para os ambientes festivos e os educacionais, as informantes especificaram que usam a língua crioula, quando também estão presentes amigos e colegas haitianos e o português com professores e amigos brasileiros. Segundo a informante:

Inquiridora: Que línguas costuma falar na família? (Quantas vezes? Quando, com quem?)

Informante: “Eu costumo falar três línguas, são crioulo, francês e português só um pouco.. quando eu conversei com a minha família eu eu costumei,i eu falei mais crioulo porque eles falam”. (CaGI-Hait-F)

Inquiridora: Como e/foi na universidade e na igreja o uso de Crioulo/Francês ? (Vide Krug 2004)

Informante: “na UFFS eu não usei as minhas línguas, só para conversar com os estudantes haitianos estudante, mas quando eu eu falei com o professores quando o professor esse eu não eu não usei mais crioulo”. (CaGI-Hait-F)

O relato da CaGI-Hait-F sugere que usa mais a língua crioulo porque os familiares que iniciam a conversa nesta língua. Por outro lado, na universidade ela fala que não usa “as minhas línguas” no sentido de não usar o crioulo na universidade porque lá usa mais português, com exceção na presença de alunos haitianos, quando ela fala em crioulo. Portanto, nesta resposta podemos interpretar que ela busca justificar com quem usa as

línguas, talvez para mostrar que há uma motivação por parte dela em falar português com os colegas de curso que são brasileiros.

Os homens haitianos usam o crioulo em cinco contextos: igreja, trabalho, universidade, família e festas/bailes. Sobre os contextos de usos, os homens haitianos justificavam suas respostas usando o seguinte: “depende a pessoa”, para especificar quando usa uma determinada língua. Neste caso, para cada situação determinavam se usavam as línguas crioula, francês e português, como se percebe na fala CbGI-Hait-H: “língua crioula mais. Eu não posso falar português muito bom pois, sabe que tem muitas pessoas lá na igreja haitiana, mas que eles não falam português e o pastor fala crioulo, e português um pouco”.

No trabalho, na escola, no correio, nas festas e na rua com um estranho, as línguas crioula e o português são usadas conforme a especificação dependendo da pessoa com quem está. Por exemplo, um haitiano, no trabalho, precisa falar com o chefe do setor e fala português, se é um colega de trabalho também haitiano, fala crioulo CbGI-Hait-H: “ah tá trabalho com meu chefe eu falo português, quando estou com meus amigos haitianos eu falando crioulo porque eu tenho muito amigo que fala crioulo, depois francês um pouco aqui no Brasil”.

Na resposta do inf. CbGI-Hait-H podemos interpretar que dependendo a pessoa usam determinada língua, no trabalho se precisa falar com o chefe que é brasileiro usam português ou um colega de trabalho haitiano usam crioulo.

O que há em comum entre as respostas de homens e de mulheres haitianas é o cuidado em se justificar além do contexto, eles identificam também a pessoa com quem dividem o ambiente para saber quais línguas usam.

No que se refere ao uso das línguas de imigração no trabalho, o resultado dos homens se destacam porque as mulheres haitianas que se candidataram para participar deste estudo não estão trabalhando no momento da coleta de dados e por isso, a língua crioula não aparece como respostas no contexto de trabalho das mulheres.

Concluimos que ao comparar os resultados na dimensão diasssexual, os imigrantes haitianos mostraram que é comum o uso da língua de imigração entre os gêneros, ou sejam tanto homens e mulheres usam o crioulo com maior frequência no contexto familiar e que, dependendo da pessoa ou ambiente, é usada a língua de imigração, caso contrário, o português. E que, o uso da língua crioula no contexto familiar é mais presente entre as mulheres porque elas estão mais familiares e por isso o contato com português é menor.

O que encontramos de distinto nos resultados que entre os ambientes de usos das línguas entre homens e mulheres, é que para as mulheres ítalo-brasileiras percebemos que a

língua *Talian* é usada com os familiares e vizinhos com mais idade – geração mais velha. Isto significa que comparando em quantidade de ambientes, as mulheres usam o *Talian* em mais contextos se comparadas aos homens ítalo-brasileiros. E no grupo dos haitianos, o resultado apresentado foi diferente porque os homens se destacaram na quantidade de contextos de usos da língua crioula comparado as mulheres haitianas. Eles acrescentaram que usam as línguas de imigração com os amigos e familiares nos contextos trabalho, escola e igreja. Além disso, o interessante é que os informantes haitianos não especificam em suas respostas a idade das pessoas da família com as quais eles falam em crioulo e francês. Por isso, podemos perceber que é mais comum usar a língua de imigração com os parentes, com os irmãos, pais, avós, tios e primos.

Foi possível observar que as duas etnias ainda se comunicam na variedade de imigração, tanto os ítalo-brasileiros que já residem no Brasil há mais de cem anos, quanto os haitianos que vivem aqui há aproximadamente dez anos. Vale ressaltar que, com este estudo, é possível observarmos a evolução da língua haitiana em relação à sua substituição pelo português ou pela manutenção da mesma em território majoritariamente urbano e português com o passar dos anos.

Na dimensão diasssexual, contrapondo os resultados entre os dois grupos étnicos desta pesquisa, as mulheres ítalo-brasileiras e haitianas apresentaram mais e quase os mesmos contextos de usos de suas línguas de imigração. Mulheres ítalo-brasileiras: comunidade, família e festas/bailes. Mulheres haitianas: igreja, família, festas/bailes. Houve uma diferença pouco significativa se comparado com o gênero masculino, além dos ítalo-brasileiros e haitianos apresentarem outros contextos de uso das suas línguas: o trabalho, escola, família e os bailes/festas.

Esses dados diferem dos resultados apresentados por Chambers & Trudgill (1998), que revelaram que as mulheres tendem, em média, a utilizar mais variantes de status mais elevado do que os homens.

5.1.2 A situação linguística dos ítalo-brasileiros e haitianos com base na Dimensão Diastrática

A partir da dimensão diastrática, na qual contrastamos as respostas dos informantes com menos escolaridade - Cb (com o ensino em andamento e os que concluíram o ensino médio) com as respostas dos mais escolarizados – Ca (com graduação ou pós graduação completa ou em andamento) para saber se o nível de escolaridade tem efeito nas situações linguísticas dos ítalo-brasileiros e imigrantes haitianos. Nossa hipótese é a de que é possível, por exemplo, que os informantes com mais escolaridade (Ca) tenham um comportamento

linguístico diferente no que se refere ao preconceito linguístico dos informantes com menos escolaridade e vice-versa. A explicação para o status social influencia na linguagem (Trudgil,2000).

Para determinar os contextos linguísticos dos informantes Ca e Cb, primeiramente procuramos e agrupamos em categorias que se enquadrassem em respostas comuns entre os ítalo-brasileiros e haitianos no que se referem aos contextos usos de suas línguas. Sendo assim as categorias foram: as características do local e atitudes e estratégias linguísticas. Dessa maneira, a análise foi organizada e se tornou possível observar que há situações linguísticas em comum e diferentes entre os grupos étnicos.

Observamos que os ítalo-brasileiros da Ca possuem atitudes linguísticas positivas frente à variedade do português. Dos 3 três informantes (2 inf.Ca e 1 inf. Cb) um relatou atitude diferente no contexto universitário, no que se refere ao uso da variedade regional. Percebemos na resposta a seguir:

Inquiridora: Em sua opinião, qual é a língua mais importante aqui?

Informante: “ô português bem escrito bem falado porque a gente apanha bastante, primeiro. Aí depois eu inglês espanhol italiano, o português a gente precisa bastante porque precisa sempre estar se comunicando, tu tem que ter alguma forma de falar dentro de um padrão culto”.

E a gente sempre acaba trazendo algumas coisas que são próprias de Chapecó, a região de Chapecó tem muitas gírias: tem o krein né; tem muitas coisas que aparece até na aula.

Você acaba assim na turma, no contexto, porque você cria uma sinergia legal e se a turma te vê falando assim com os alunos, quando vejo eu já fugi dessa parte e entra no pessoal. Assim é, você se aproxima mais as pessoas. Se você fala tudo certinho, o povo fala aquele professor é metido, é todo o culto, se você é bem simples e espontâneo agrega né.. Essa troca de conhecimento fica uma parceria. (CaGI-Ita-H)

Neste relato acima, o informante CaGI-Ita-H lembrou de descrever como é o uso do português na faculdade na perspectiva de professor, isto é, sabe da importância de usar a fala culta em suas aulas e por algumas vezes assim o faz. Mas, deixa claro também que prefere falar de forma mais informal com seus alunos, usando uma variedade do português chapecoense. O uso do *Talian* no contexto universitário não foi citado, isto é, neste contexto o informante referiu-se apenas ao português.

Por outro lado, esperamos que o informante CaGI-Ita-H, em algum momento, pudesse relatar o uso do *Talian* e português como aluno da pós-graduação. Contudo, nesta entrevista em nenhum momento ele descreveu alguma situação linguística no contato com os colegas e professores da pós-graduação que ele frequenta na universidade do Paraná.

No contexto religioso, os dados mostraram que a escolaridade não influencia no comportamento dos informantes ítalo-brasileiros no que se refere ao uso das línguas de imigração, pois neste ambiente o que importa é identificar qual pessoa sabe a língua *Talian*, por exemplo, como as pessoas de mais idade. Dos três informantes (dois informante da Ca e um informante da Cb) ítalo-brasileiros, dois falaram que na Igreja usam português e uma informante detalhou que neste ambiente religioso, as pessoas de mais idade usam *Talian*.

A informante CaGI-Ita-F disse, ao se referir o uso do *Talian* na Igreja: “eu acho que não usa, faz tempo que eu não vou na igreja mas acho que não se usa mais. Na celebração não, mas na comunidade sim, as pessoas mais antigas usam expressões no *Talian*.” Esta resposta revela, com certeza, que no momento da celebração religiosa não se fala mais *Talian*, mas entre as pessoas da comunidade antes e após a missa, as pessoas da GII usam expressões no *Talian*. Este relato faz menção que antigamente, nas comunidades italianas, as celebrações eram realizadas na língua italiana ou, na variedade, em *Talian*.

Esta mesma informante CaGI-Ita-F, que já possui a pós graduação completa, mesmo na pergunta sobre - Como é/foi na universidade e na igreja o uso de *Talian*? Poderia responder como é a situação de uso dessa língua nesses dois ambientes, mas ela respondeu como acredita que seja o uso do *Talian* na igreja e não respondeu como era o uso na universidade na época em que era aluna da pós-graduação. Entendemos que, devido ao fato de o ambiente universitário não fazer parte do cotidiano dela, interpretamos que preferiu não responder como era nesse contexto de ensino.

Ainda analisando os relatos sobre a língua em uso no contexto religioso e considerando a escolaridade dos informantes, identificamos, no relato a seguir, uma atitude linguística da informante com pouca escolaridade (Cb), segue na íntegra o que ela disse:

Inquiridora: Como é o uso do *talian* na igreja?

Informante: Na verdade, hoje acho que não tem mais nada na igreja do italiano. Hoje tá tudo no português mesmo. Eu assisto algumas missa que tem o Papa que tem outros que rezam em italiano mais nessas épocas que é quaresma, final de ano que a gente tá mais envolvido né, então a gente acaba assistindo mais essas missas que eles rezam em italiano e eu gosto de assistir né mas se não aqui não tem mais assim. Que a gente conhece né, é onde a gente tá. (CbGI-Ita-F)

A atitude de procurar outras maneiras de assistir à missa, em outra língua, é uma atitude favorável para a língua minoritária. Esta informante, CbGI-Ita-F, disse que na Igreja da comunidade o português é a língua mais usada, no entanto, ela complementa que, em uma determinada época, procura assistir na televisão a missa em que falam em italiano. Em anotação de caderno de campo, a informante não deixou claro em suas respostas, mas durante

a entrevista anotamos que, quando ela mencionava a variedade *Talian*, dava indícios de ver esta língua como o sentimento de saudade dos seus antepassados.

Concluídos, os dados dos ítalo-brasileiros revelam que o nível escolaridade não influencia em algumas atitudes linguísticas em determinados contextos. Tanto os informantes relativos à da Ca como a Cb mostraram comportamentos positivos frente ao uso da variedade do português local e a variedade do italiano. Devido ao fato das diferenças de configuração de uso nesses contextos, não consideramos ser um resultado significativo.

Diferentemente dos ítalo-brasileiros, todos os informantes haitianos da Ca, que participaram desta entrevista, estão cursando a universidade. Portanto, por estarem com o curso em andamento, possivelmente, em suas respostas aparecem mais experiências dos usos linguísticos nestes ambientes.

Nos contextos educacionais, procuramos saber se o nível escolaridade influencia nas atitudes perante as suas línguas. Em primeira análise, constatamos que a característica que predomina entre as respostas ao questionário está para o sentimento de orgulho por falar sua língua materna. Por exemplo, o relato do informante haitiano releva sua atitude na escola:

Inquiridora: Têm vergonha de falar crioulo/francês?

Informante: Não, eu gosto de falar crioulo, eu não vergonha de falar crioulo. É minha língua! Não vergonha de falar crioulo! No CEJA. (...) Lá no CEJA se tem haitianos falando crioulo: - Não pode, fala português! fala português você está no Brasil, pode falar português!

Inquiridora: Quem fala assim? R: o professora brasileira do CEJA: - “Haitiano, não fale crioulo porque eu não entende nada. Fala português! (Risos)

Inquiridora: E você fica com vergonha quando ela faz isso? R: Não, não. Eu tenho amigos no Brasil que fala português que são poucos. (CbGI-Hait-H)

Com esta resposta do CbGI-Hait-H, podemos interpretar que ele sente orgulho de falar sua língua de origem, mas sente vergonha ao ser repreendido pela professora, quando ela reforça que é preciso falar em português. Entendemos a intenção da professora em estimular o seu aluno a praticar o uso da língua portuguesa, mas a atenção deve ser dada na abordagem dessa ação.

Ainda no contexto escolar, há uma outra situação linguística vivida pela informante CbGI-Hait-F, que chegou recentemente ao Brasil e em seguida começou a pandemia gerada pelo COVID-19. Considerando que ela está morando no Brasil há 7 meses (até o momento da entrevista) e que praticamente ainda não aprendeu a falar em português, logo, as respostas foram traduzidas do crioulo para português pela irmã da informante. Esta informante descreveu que a pandemia reconfigurou seu convívio na escola, ela estuda em uma escola

pública do bairro EFAPI e está cursando o ensino médio, as aulas estão sendo realizadas de forma remota.

A pergunta buscava investigar como é/foi na escola o uso de crioulo/francês. A irmã da informante foi sucinta respondendo apenas que as aulas estão sendo online. Perguntamos onde é a escola e se é aquela para jovens e adultos (CEJA) e novamente a resposta é curta e breve “Não, é uma escola na EFAPI” (CbGI-Hait-F). Então, insistimos em perguntar, de forma mais específica, como está sendo a experiência na aula online e como que é o uso das línguas crioulo e português nas aulas online. A irmã responde em português depois de uma breve risada: “Risos... é um pouco difícil pra ela porque ela não entende bem o português, mas ela não fala o crioulo também. Sim é difícil” (CbGI-Hait-F).

Nesta resposta, a irmã toma a palavra e responde se referindo a situação que a aluna imigrante vive nas aulas remotas. A irmã da informante CbGI-Hait-F relata e evidencia a dificuldade em interagir com a professora e com os colegas de classe, pois em aulas online se torna ainda mais difícil a comunicação desta aluna imigrante, porque não sabe falar em português e não consegue se comunicar falando em crioulo e as aulas na característica remota podem desencadear mais timidez por parte da nova aluna imigrante haitiana.

Esse momento da pandemia do COVID-19 obrigou as escolas a reorganizarem e adaptarem as aulas de uma maneira muito rápida. É difícil mensurarmos a dificuldade desta professora e da informante haitiana em pensar nas situações de todos os alunos e ainda procurar soluções para que o ensino seja realizado. Para a aluna imigrante, a situação também é muito difícil, sendo a comunicação uma barreira para sua aprendizagem. No momento, a adaptação de imediato foi a irmã também acompanhar as aulas online e traduzir para o crioulo. Segundo a irmã da informante CbGI-Hait-F: “Eu ajudo ela bastante porque não tem outra maneira para fazer.” A irmã da informante mostra que suas estratégias são as únicas para poder ajudar, sem apoio de especialistas, sem instrução do poder público.

Perguntamos como foi a recepção da aluna imigrante haitiana por parte da professora e a resposta foi que elas são bem tratadas. Acrescentam, também, que elas entendem a posição da escola porque é difícil a comunicação, pois os brasileiros não entendem a língua crioula.

Inquiridora: Como é/foi na escola o uso de crioulo/francês? (Vide Krug 2004)

Informante: “Ela trata bem porquê. Porque é também difícil para ela porque ela não entende crioulo, ela não entende crioulo, digo, errou, fala crioulo, ela não vai entender também. É por isso, porque eu ajudo ela para fazer tudo.” (CbGI-Hait-F)

Pesquisadora: Pergunta se a professora dá oportunidades para criar ou tirar dúvidas falando em crioulo ou em português?

CbGI-Hait-F: Sim ela dá oportunidades sim, sim.

Pesquisadora: Pergunta se ela fala em português?

Irmã da Informante: Fala não tem como ela falar em crioulo porque a professora não vai entender! (CbGI-Hait-F)

Referente a esses relatos no contexto escolar, podemos interpretar que cada informante do grupo dos haitianos da Cb possui atitudes diferentes referentes ao uso de suas línguas nos ambientes de ensino. Nas respostas, percebemos que um informante se sente seguro e orgulhoso por falar duas línguas, o crioulo e o português, este sentimento é revelado na atitude e por questão de necessidade em poder ajudar colegas haitianos que não sabem falar português.

Por outro lado, a informante CbGI-Hait-F se comporta diferente nas aulas online. Entendemos que ela é pouco motivada à falar português, por estar morando aqui no Brasil há pouco tempo e logo em seguida a pandemia dificultou muito mais o aprendizado e o contato com os colegas da escola.

Em se tratando dos contextos de usos linguísticos dos informantes com mais escolaridade, no contexto universitário a configuração de uso das línguas se mostra diferente, pois neste espaço o informante tem certeza que todos, assim como ele, sabem português. Por isso, mesmo quando encontra um colega haitiano na universidade ele procura incentivar a falar português:

Inquiridora: Como é/foi na escola o uso de crioulo/francês? (Vide Krug 2004)

Informante: “Por exemplo, ontem, quando eu encontro um haitiano né e eu não sei se ele tem a capacidade de falar em português por isso eu sempre conversa com ele em Criolo. É diferente quando eu estou na universidade, ali eu já sei que todas as pessoas na Universidade tem a capacidade na língua portuguesa e ali eu posso conversar em português, com qualquer pessoa no português.” (CaGI-Hait-H)

As motivações dos informantes da Ca parecem ser maiores se comparadas com as motivações de usos das línguas dos informantes da Cb. Por muitas vezes, na universidade, os haitianos conversam entre si em crioulo, porém, esta conversa se sustenta por pouco tempo nesta língua porque, logo que percebem, trocam para falar em português. Segundo o informante, haitianos Ca:

Inquiridora: Como e/foi na universidade e na igreja o uso de crioulo/francês?

Informante: “Na universidade, é não é fácil para ter a possibilidade de conversar em crioulo ou em francês porque dentro da universidade é mais fácil para encontrar as pessoas conversaram em português. Somente com os haitianos, eu posso encontrar com um haitiano eu falo crioulo com ele mas não é bater papo pouco tempo. Até um ou dois minutos conversa em crioulo e depois é sempre português por isso nesse momento eu não me senti bem porque na Universidade eu tenho mais a possibilidade para conversar para português né. Nessa pandemia eu não tenho nenhuma pessoa para conversar em português. Sí, eu assisti filme, vídeo, também escuta a música em português, só isso. Mas na Universidade cada dia sempre..sempre conversa mais prática.”(CaGI-Hait-F)

Os haitianos usam o crioulo para falar com os estudantes haitianos e, quando falam com os professores, usam português, notamos isto no relato seguinte:

Inquiridora: Como e/foi na universidade o uso de Crioulo/Francês?

Informante: “Na UFFS eu não usei as minhas línguas, só para conversar com os estudantes haitianos, mas quando eu.. eu falei com o professores, ..Quando o professor esse eu não.. eu não usei tá.. É que eu tinha um professor de história. Ele me ele me permitiu é para fazer a avaliação em francês. Eu não concordo, porque eu..eu deveria fazer em português, é melhor para mim para aprender mais as palavras entendeu? Eu.. eu fiz em português porque eu preferia fazer em português. Eu essa situação para mim não tá”. (CaGI-Hait-F)

Quando a informante CaGI-Hait-F se refere “na UFFS, eu não usei as minhas línguas”, podemos interpretar que ela remete de um modo geral falar com todas as pessoas, professores, alunos, servidores da biblioteca etc. Na situação que ela relata, quando estava no curso de História que um professor ofereceu a ela a oportunidade de fazer uma prova escrevendo em francês, percebemos que ela se sentiu segura em optar para responder a prova toda em português e entende que para ela o professor deveria incentivá-la para fazer a avaliação em português a fim de praticar mais as habilidades de leitura e escrita nesta língua.

Comparando os resultados, os informantes haitianos da Ca e Cb possuem em comum a necessidade de criar motivações para falar português. Os quatro informantes haitianos apresentaram situações em que falam a língua crioula com colegas haitianos, mas consideram que devem falar menos em crioulo e praticar mais o português. Desse modo, eles priorizam esses contextos de instrução escolar para aprender e praticar mais o português. Portanto, eles recebem o incentivo do uso do português, tanto por parte dos professores, quanto por motivação própria pois, segundo os informantes haitianos, pelo fato de estarem no contexto escolar precisam imediatamente se motivar a falar português.

O nível de escolaridade mostrou diferença no grupo dos haitianos no que se refere à opção de qual língua podem usar na universidade (classe alta). A título de exemplo citado pela informante, mesmo se tratando de uma situação pontual vivida apenas por esta informante, comprando aos demais informantes haitianos, o que chama atenção é a situação

de ela se sentir segura em realizar a prova usando a língua portuguesa e não a francesa, como possibilitou o professor. Situações como esta, de poder de escolha de qual língua usar neste contexto escolar, não foram citadas pelos informante haitianos no nível escolar ensino médio (classe baixa). Pelo contrário, um informante CbGI-Hait-H citou que, na escola, recebe instrução de falar apenas o português no ambiente de ensino porque a professora estimula os alunos haitianos a falarem o português pelo fato de não entender nem crioulo nem francês.

Comparando as respostas nesta dimensão diastrática dos dois grupos étnicos (íto-brasileiros e haitianos) tivemos como resultados em comum que o *Talian*, o crioulo e o francês foram pouco citados como sendo usados no ambiente escolar e universitário. Isso mostra a tendência para a substituição da língua de imigração para a língua majoritária, o português. Portanto, as línguas de imigração dos íto-brasileiros e dos haitianos foram pouco citadas nessas respostas. O dado mostrado pelo descendente de italiano se referindo somente à variedade do português chapecoense na universidade e não mencionando o *Talian*, sugere a substituição do dialeto italiano pelo português. E os haitianos ainda citam o uso do crioulo nesses ambientes, porque o contato com as pessoas da mesma etnia é bem marcado. Percebemos, também, que os haitianos se mostram mais interessados em falar português entre eles para melhor praticar esta língua e para conseguir uma melhor inserção na sociedade brasileira. Retomando a nossa hipótese para análise dos resultados na dimensão diastrática, descartamos a ideia de que seria possível, por exemplo, que os informantes com mais escolaridade (Ca) tenham comportamentos diferentes se comparados aos informantes da Cb.

A partir da dimensão diastrática, concluímos que a escolaridade não determina o comportamento de usos da língua de imigração. Tanto os informantes íto-brasileiros, quanto os informantes haitianos Ca e Cb mostraram, em seus relatos, as mesmas atitudes, havendo também diferenças pouco significativas.

5.1.3 A situação linguística dos íto-brasileiros e haitianos considerando a Dimensão Dialingual.

Para diagnosticar a situação linguísticas dos íto-brasileiros e imigrantes haitianos, procuramos, sob a análise na dimensão dialingual, constatar se há diferença de percepção de língua. Para tanto, selecionamos quatro perguntas do questionário metalinguístico (KRUG, 2013) que visavam mostrar as percepções de língua dos nossos informantes. Queremos saber se há diferença de percepção de língua relacionada à variação linguística e de como os informantes conceituam suas línguas de imigração.

Primeiramente, verificamos nas respostas dos informantes descendentes de italianos como eles denominam as línguas de imigração. Esperamos que as palavras dialeto, *Talian* e

italiano poderiam aparecer nos relatos e, além delas, português padrão. Observamos que, todos os informantes ítalo-brasileiros conceituam a língua de imigração usando somente os termos *Talian* e italiano. Assim um informante respondeu: “Nós chamamos de italiano mas depois de um tempo até eu vi umas reportagens na tv que era o tal do *Talian* né! Que não era o italiano em si. Mas a gente fala italiano, era assim que a gente denominava mas depois aprendemos que era o *Talian*, o dialeto.” (CaGI-Ita-H)

Esta resposta do CaGI-Ita-H sugere que ele chamava a língua de imigração de italiano e depois de ver uma reportagem na televisão descobriu que se tratava do dialeto *Talian*.

Outro dado interessante se revelou na pergunta em que buscava-se que o informante revelasse se tem e qual é a diferença entre a língua italiana para com o *Talian* usado na comunidade em que ele mora. Como resultado, identificamos que dos três informantes ítalo-brasileiros, dois reconhecem que sim, tem diferença entre o italiano-padrão e o *Talian* usado na comunidade Linha Colônia Cella. E, um informante respondeu que não sabe dizer se tem diferença porque nunca teve contato com a língua italiana. A informante que sabe a diferença teve contato com um grupo de italianos que veio visitar a comunidade:

Inquiridora: Tem diferença entre a língua italiana para com o *Talian* usado aqui? Qual é a diferença?

Informante: Eu achei bem diferente. Eu tive contato com um pessoal que veio da Itália esses tempos e digamos assim que eu entendo bem o que eles falam, mas assim a pronúncia, é muito diferente do nosso italiano, muito diferente. As pronúncias as palavras assim confundem bastante sabe é bem diferente. Mais difícil de entender porque a gente tá acostumado com o nosso dialeto né. Então veio uma turma de italianos aqui e era difícil de entender eles, muito difícil. (CaGI-Ita-F)

Nesta resposta, interpretamos a experiência que a informante teve em ouvir pessoas naturais da Itália falando a língua de origem e assim percebeu que conseguiu entender algumas palavras, mas no geral achou difícil de entender as pronúncias das palavras em italiano.

A outra informante sabe a distinção entre *Talian* e italiano porque frequentou um curso de Italiano-padrão. Segue o relato: “Ah tá. Tem umas palavras que tem uma diferença sim. Porque, eu, alguns anos atrás, mais ou menos uns 20 anos atrás, eu comecei fazer um curso de italiano mesmo né. Aí gente. Eu vi muita palavra que não tem nada a ver no caso do nosso dialeto né.” (CbGI-Ita-F).

Portanto, estas duas informantes descendentes de italiano sabem, mesmo que implicitamente, que existem diferenças entre essas línguas, *Talian* e italiano.

Para divulgar a cultura italiana da Linha Colônia Cella, uma das informantes participava de um grupo de dança típica que viajava pela região Sul. Neste contato, ela

percebeu que não há diferença da língua *Talian* falado na comunidade Cella para com o *Talian* falado em outras localidades. Disse a informante CbGI-Ita-F:

Inquiridora: O que identifica o *Talian*, típico usado na Colônia Cella?

Informante: Eu acredito que não. Assim que aonde a gente foi porque a gente ia mais aqui nas cidade próximas e no Rio Grande do Sul, a gente foi bastante porque no Rio Grande do Sul, a cultura é bastante, como vou dizer? Assim, preservada. Eu acredito que, não sei como te falar, não sei como te explicar, no caso. Eu acho que é a mesma coisa dos lugares porque eles falava e a gente conseguia entender. (CbGI-Ita-F)

Esta resposta da CbGI-Ita-F sugere que não tenha diferença do *Talian* usado na Colônia Cella se comparado com a língua falada em cidades do Rio Grande do Sul, sem especificar alguma, pois quando viajava com o grupo de dança e encontrava outras pessoas que também falavam *Talian* todos se entendiam facilmente.

Quando perguntamos para os haitianos, sobre como chama a língua deles, dos quatro informantes, um não compreendeu a pergunta, nem com um novo esclarecimento da questão. Os outros três informantes haitianos que compreenderam a questão disseram:

Inquiridora: Sobre a língua de origem, como se chama? Podia falar "um pouquinho sobre o que é típico?"

CbGI-Hait-H: Sim, é crioulo.

CbGI-Hait-F: Sim, ela diz que é crioulo haitiano. Nós chamamos crioulo haitiano.

CaGI-Hait-F: Haiti foi colonizado pela França é por isso que Haiti tem francês como língua oficial e crioulo eu acho que a língua crioulo vem da língua francês mas é uma deformação na língua francês que criou o crioulo, você entendeu?

Nestas respostas, os informantes destacam que eles chamam a língua deles de crioulo e de crioulo haitiano. O CaGI-Hait-F explica como chama as línguas que denominam como crioulo e francês e essas línguas são oficiais do Haiti. O interessante é a forma que ele cita na explicação dizendo que o crioulo é uma deformação do francês.

Nas seguintes questões: tem diferença entre a língua crioulo para com o crioulo usado daqui? Qual é a diferença? As respostas esperadas eram sob a temática da variação de línguas. Analisamos as respostas dos haitianos com a intenção de encontrar as explicações da variação na língua crioula ou no francês. Dos quatro informantes haitianos, três disseram que é o mesmo crioulo falado no Haiti, dizendo que o crioulo falado aqui no Brasil não tem diferença:

Inquiridora: Tem diferença entre a língua francesa e crioula do Haiti para com o francês e crioulo usado daqui? Qual e a diferença?

CaGI-Hait-F: para mim é mesmo crioulo que é mesma palavras eu consegui eu consegui conseguir conversar com os haitianos sem problemas para mim é mesmo crioulo.

Na resposta da CaGI-Hait-F, entendemos que ela acredita que não tem variação na língua crioulo falada no Haiti e que o mesmo crioulo de lá é o mesmo falado no Brasil porque consegue se fazer entender com todos os haitianos que conhece em Chapecó-SC.

O único informante que descreveu a variação na língua crioula foi o CbGI-Hait-H:

Inquiridora: Tem diferença entre a língua francesa e crioula do Haiti para com o francês e crioulo usado daqui? Qual e a diferença?

Informante: Sim, no Haiti também tem a cidade no Haiti que a maneira as pessoas no capital as pessoas no capital farão é diferente com as pessoas moravam no Campo exemplo de uma cidade no Haiti chama a cidade Capaícia, esse é o nome dessa cidade, as pessoas lá ele fala muito diferente com as pessoas no Capital quando..quando eu vejo uma pessoa dessa cidade fala eu ficar sempre a sorrir porque a maneira eles falam é sempre diferente né ele se pronuncia as palavras outra maneira. Sim porque as pessoas eu tenho muitos amigos nessa cidade que está no Brasil também no meu trabalho tem, na universidade tem também.

Nesta resposta, o informante CbGI-Hait-H descreve a diferença de pronúncia das palavras em crioulo da capital para com o crioulo falado no campo/rural. Com esta resposta sugere-se também que o informante identificou as pessoas haitianas da cidade de Capaícia, que falam dessa maneira diferente no Brasil.

Na busca de saber como os informantes identificam o crioulo típico usado aqui na região de Chapecó, dois informantes não souberam responder e dois disseram “CbGI-Hait-H: “Não tem diferença” e outro informante disse CbGI-Hait-F “Ela identifica na maneira de falar porque as palavras em crioulo são iguais se nós somos haitianos e tem haitianos que fala crioulo nós vamos identificar fácil”.

Nos resultados encontrados nesta análise da percepção de língua dos ítalo-brasileiros, identificamos que no grupo dos ítalo-brasileiros a língua de imigração é conhecida como *Talian* e italiano, que sabem que tem diferença entre o italiano padrão e *Talian*, mas não sabem identificar se há variação da língua *Talian*. No grupo dos haitianos, observamos que conceituam a língua com o crioulo e crioulo-haitiano, um informante denominou que o crioulo é uma deformação do Francês e sobre a variação da língua crioula alguns reconhecem que há variação outros falam que não, é sempre o mesmo crioulo falado lá no Haiti e o falado em Chapecó-SC.

Ao analisarmos e compararmos os resultados entre os grupos étnicos, observamos que é comum entre ambos os grupos CRENÇAS LINGUÍSTICAS, portanto apareceram mais frequentemente a comparação a língua de imigração para com a língua padrão e que nem todos sabem reconhecer a variação na língua. O resultado surpreendente, no grupo dos haitianos, é a explicação que o crioulo é uma deformação do francês.

Na dimensão dialingual, analisamos as percepções das línguas. Os ítalo-brasileiros sabem e reconhecem a variação da língua *Talian* e os imigrantes haitianos comparam as diferenças do Crioulo com o francês reconhecendo que nestas línguas há variação. Porém, em se tratando do português, os haitianos não mencionaram qualquer tipo de variação nesta língua.

Ao compararmos nossos resultados com os obtidos em outros estudos, em uma pesquisa sobre o bilinguismo nas línguas de imigração também realizada na região oeste catarinenses, Fornara (2018) notou que entre os homens e mulheres usam, praticamente na mesma proporção, as línguas de imigração na família e em locais públicos.

5.1.4 A situação linguística dos ítalo-brasileiros e haitianos na Dimensão Diatópica:

Para analisar, a partir da dimensão diatópica, ou seja, a situação linguística nos dois pontos de pesquisa de Chapecó, Linha Colônia Cella (rural) e bairro Efapi (urbano), analisamos três questões para identificar a maneira e o sentimento com que os informantes abordam as línguas de imigração. Supomos que tenha diferença de usos em alguns contextos e que são os ítalo-brasileiros da zona rural que tem mais afluência o sentimento de identidade com o *Talian* se comparado aos haitianos da zona urbana, que priorizam o uso do português na variedade do Rio Grande do Sul.

A língua *Talian*, na Linha Colônia Cella, tem como característica ser usada somente de forma oral com pessoas da geração mais velha (acima de 56 anos). Em outras palavras, como citado anteriormente, os informantes que são da GI afirmam que só conversam em português e *Talian* com as pessoas de mais idade, muitos falaram que mais ouvem os idosos falando em *Talian* e respondem, muitas vezes, só em português ou as duas línguas juntas.

Observamos que o *Talian* está se perdendo, parando a transmissão da língua na geração jovem. A GI que ainda tem contato com a GII conseguirão desenvolver a habilidade na língua de imigração somente na competência auditiva. A teoria que a língua nas comunidades rurais é preservada, neste caso do *Talian* na Linha Colônia Cella, foi confirmada até a GII, que conseguiu ensinar seus os jovens a pelo menos entender a fala *Talian*. Porém, os jovens não estão ensinando seus filhos este dialeto, e acreditamos que é devido a mobilidade para a cidade, saem da zona rural para trabalhar e estudar, fazendo com que o contato com o português seja maior do que o contato *Talian* na família.

Lembrando que um dos requisitos deste estudo era entrevistar pessoas descendentes de italianos com idade de 18 a 36 anos que soubessem o dialeto *Talian*. Logo, os resultados mostraram que a maioria dos informantes, que são da GI, consideram saber compreender a

fala *Talian* e falam muito pouco este dialeto. Importa registrarmos a dificuldade em encontrar pessoas descendentes de italianos da geração jovem que falassem este dialeto e o resultado foi que não encontramos todos os informantes que estipulamos inicialmente para esta pesquisa, dos quatro informantes idealizados, encontramos três. Portanto, ressaltamos que a língua *Talian* está em uso cada vez menos e os informantes que entrevistamos comprovaram em suas respostas que o pouco do *Talian* que ainda sabem usam em específico com as pessoas de mais idade. Percebe-se nesta resposta:

Inquiridora: E se a visita só fala português? Se sente melhor quando é uma visita que também fala talian ou o português?

Informante: Na verdade, tipo como a gente já não fala o italiano, é bom conversar em português daí né. Não é questão de que me sinto melhor mas se a pessoa quiser falar, quiser que nem eu te falei antes, se quiser falar em italiano, só falar em italiano e ouvir em português, porque eu não vou conseguir falar né. Mas se quiser pra mim não muda nada, eu gosto muito de escutar eles falando. Então para mim a questão de sentimento eu prefiro falar escutar falar o italiano; A gente lembra de muita coisa boa. (CbGI-Ita-F)

Podemos interpretar que para os descendentes de italianos da zona rural o *Talian* é usado só na comunidade, ainda que pouco e somente com algumas pessoas de mais idade. O *Talian* é visto como aquele dialeto afetivo, que lembra entes queridos, a saudade.

Um olhar de como se configura o uso das línguas de imigração no contexto familiar:

Inquiridora: Que línguas costuma falar na família?

Informante: “A gente fala o português mas o italiano assim, um pouco, normalmente no meio, no contexto dentro do português tem umas palavrinhas e quando tu vê tá falando italiano. Dentro do português tu fala, ao mesmo tempo que tu tá falando ou brincando o *Talian* tu usa sim com o português”. (CaGI-Ita-H)

Nesta resposta, podemos inferir que eles usam mais de uma língua num mesmo discurso, português e *Talian*, mas com o predomínio do uso do português e o *Talian* aparece nas situações mais descontraídas, com piadas e brincadeiras.

Outra configuração de uso da língua *Talian*, os informantes ítalo-brasileiros relataram que não costumam iniciar a conversa neste dialeto falando com a GII. Percebemos isto nesta resposta:

Inquiridora: Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa *Talian*, mas insistia em só falar português?

Informante: “Comigo normalmente, vai, tipo. Eu não sou de puxar muito o *Talian*, mas se alguém vem falando *Talian* comigo eu falo *Talian* com ele. Assim né, de acordo com o contexto eu falo, assim mas se eu for puxar normalmente né assim. Se for alguém mais de idade que eu sei que gosta de falar *Talian* né. Se eu encontro um senhor, o pai da CaGI-Ita-F né, ele fala o *Talian*, nós brincamos e tal no *Talian*, e depois volta o português. Alguém da minha idade, no meu grupo de trabalho e tal eu falo o português daí”. (CaGI-Ita-H)

No relato do CaGI-Ita-H, está claro a insegurança do informante em iniciar a conversa no dialeto, mesmo em se tratando em ser um contexto de conversa com um familiar ali na comunidade rural.

Para identificar quais os ambientes os ítalo-brasileiros usam suas línguas português e *Talian* perguntamos como é ou foi na universidade e na igreja o uso do *Talian*? Nossa hipótese para esta questão era que na universidade o informante usaria o português, e na igreja o *Talian* e o português seriam usados de maneira mista. No entanto, como resultado registramos que, no contexto universitário, nenhum informante respondeu como acontece o uso da língua *Talian* em contato com o português. Podemos interpretar, que este resultado revela que é natural o uso do *Talian* no ambiente familiar, uma língua afetiva e informal. Logo, naturalmente o português é falado na universidade e escola por ser a formal e língua oficial neste ambiente de aprendizagem, por isso não lembraram de responder esta pergunta por parecer óbvio ser português neste ambiente de ensino.

Na igreja, no total temos três informantes ítalo-brasileiros, dois recordam que neste ambiente religioso há mais ou menos 4 anos havia um padre que falava algumas expressões da língua *Talian* durante as celebrações. Mas esse padre foi transferido e o atual fala só português. E uma informante acrescentou que é usado só o português nas celebrações, mas entre as pessoas que frequentam a igreja usam algumas expressões da língua *Talian*:

Inquiridora: Como e/foi na universidade e na igreja o uso de *talian*?

Informante: O último padre, o Scatolin, ele falava a expressão *sucolerete* é a última que eu lembro e quer dizer “de pé com as orelhas” é fique atento, ele falava essa expressão. Mas já faz quanto? uns três ou quatro anos que ele foi pra outra comunidade. O padre não fala eu acho. Não vi ele fala nada em italiano pelo menos. (CaGI-Ita-H)

Informante: Eu acho que não usa, faz tempo que eu não vou na igreja mas acho que não se usa mais. Na celebração não, mas na comunidade sim, as pessoas mais antigas usam expressões no *Talian*. (CaGI-Ita-F)

Na resposta seguinte, podemos perceber que a informante, possivelmente por não ter mais frequentado as celebrações religiosas, diminuiu o contato com o dialeto *Talian*, por isso procurou outra maneira de contato e assim poder recordar do italiano:

Inquiridora: Como e/foi na universidade e na igreja o uso de *Talian*?

Informante: Na verdade, hoje acho que não tem mais nada na igreja do italiano. Hoje tá tudo no português mesmo! Eu assisto algumas missa que tem o Papa, que tem outros que rezam em italiano. É mais nessas épocas que é quaresma, final de ano, que a gente tá mais envolvido né. Então, a gente acaba assistindo mais essas missas que eles rezam em italiano e eu gosto de assistir né.. mas se não, aqui não tem mais assim. Que a gente conhece né, é onde a gente tá. (CbGI-Ita-F)

Na resposta da informante CbGI-Ita-F, dá a entender que gosta de ver e ouvir missas na língua italiana porque remete as situações afetivas dos encontros de família.

A informante CbGI-Ita-F justifica que não fala no dialeto italiano e por isso acha bom conversar em português. Explica que, não é questão de ter mais sentimento em falar na língua portuguesa, mas por necessidade porque não vai conseguir falar em *Talian*. No final da resposta, a informante deixa claro que se a questão é sentimento, nota-se a confusão ao responder se ela prefere falar ou escutar em italiano ou se ela prefere que falem com ela no dialeto.

Questionamos também, quais são as etnias que preservam mais a língua e costumes de origem. Todos os ítalo-brasileiros responderam, em primeiro lugar, ser os italianos especificando ser somente as pessoas com mais idade (GII), dois responderam ser os haitianos e os alemães.

No grupo dos haitianos, ao questionarmos como é o uso da língua de imigração na igreja, dos quatro informantes, dois não responderam e dois disseram que neste contexto religioso usam mais crioulo, porque tem muito haitiano ali na igreja que não sabe português. Mas, lembraram de informar que o pastor haitiano sabe um pouco de português.

Quando recebem visita, os haitianos deram respostas variadas. Dois disseram que se sentem melhor falando em crioulo com esta visita, um informante não entendeu a pergunta e o outro respondeu que sempre usa crioulo com as visitas mesmo preferindo que fosse português.

Inquiridora: E se a visita só fala português? Se sente melhor quando é uma visita que também fala crioulo/francês?

Informante: Claro que não, eu costume falar francês e crioulo. Eu estou aprendendo português. Eu sinto melhor para Francês e crioulo porque é minhas línguas tá (CaGI-Hait-F)

Informante: “Não, não o problema porque eu sempre conversa com todas as pessoas em português. Porque quando uma pessoa não tem uma capacidade numa língua aí eu vou falar com ele nesse a língua ele ele Ele Pode Ele Pode considerar isso como uma humilhação né. E daí se ele já tem bastante tempo no Brasil e daí eu tenho um pouco tempo e ele não ele não pode ele não pode falar aí daí ele eu vou falar português com ele ele vai ficar brava né. Tem pessoas que tem ..ele ele pode brigar né muitas coisas porque ele aí também quando eu encontrei muitas pessoas por exemplo quatro ou três pessoas se eu sei nesse grupo tem uma pessoa não fala português mesmo quanto tem duas pessoas para português eu não vou falar português. Eu não vou falar português por outra pessoa. Sim, falo crioulo.

Sim, eu sentiria melhor quando se ele e ele fala português porque língua e crioulo e francês já eu posso fazer todas as coisa. (Vídeo e áudio travou, sem gravação da continuação desta resposta) Sim, eu falei que seria melhor para mim se a pessoa me visita e aí fala português”. (CbGI-Hait-H).

Interpretamos com esse resultado, que há uma preocupação em usar português, preferem praticar a fala do português com as visitas, mas também há o cuidado por não ofender, caso a visita não sabia falar em português. Neste caso, o informante deixou claro que há situações como esta e por isso usa mais crioulo com a visita, porém ele prefere português. Já a informante CaGI-Hait-F ressalta na sua resposta que é melhor falar em crioulo e francês, porque ela ainda está aprendendo o português. Com esta resposta, sugere uma certa insegurança em falar português com a visita e por isso costuma falar na língua materna.

Relacionando os resultados entre os grupos étnicos, identificamos um padrão no requisito sentimento de insegurança com o uso das línguas. No caso, os descendentes de italianos sentem-se inseguros em falar o *Talian* com suas visitas da GII e os haitianos se sentem inseguros por falar em português com as visitas porque nem todos os haitianos falam esta língua e, por consequência, para não ofenderem suas visitas conversam com mais frequência em crioulo.

No contexto religioso, o grupo dos ítalo-brasileiros ressalta que só se fala português durante a celebração, mas entre as pessoas da GII sabe-se que usam *Talian* e os haitianos, na igreja, falam crioulo. Percebemos que os ítalo-brasileiros mencionam que na celebração atualmente falam em português, logo, está implicado que antigamente falava-se mais no dialeto italiano, tanto por parte do padre durante a missa, como entre religiosos.

Em se tratando de especificar os resultados diferentes obtidos entre os grupos étnicos, destacamos que os ítalo-brasileiros mostraram mais justificativas no que se refere a fala *Talian* quando estão juntos com os idosos e que nestas situação os informantes não costumam iniciar a conversa neste dialeto e que muitos apenas gostam de ouvir a GII falando neste dialeto mas a resposta é em português. A insegurança é o sentimento que predominou entre as respostas dos ítalo-brasileiros, o *Talian* é visto como língua afetiva por lembrar sua cultura e seus familiares antepassados.

Concluimos que, por meio desta análise na dimensão diatópica, a maneira que os informantes da Linha Colônia Cella (rural) usam a língua de imigração é através do contato com os idosos, nos demais contextos a língua que predomina é o português. E, os haitianos do bairro Efapi (urbano) usam mais o crioulo em mais contextos, como igreja, universidade e trabalho. E o sentimento de insegurança está vinculado ao uso do português. Portanto, nossa hipótese inicial foi refutada, pois achamos que a língua *Talian* estaria mais preservada no meio rural, mas os dados revelam que há uma sutil preservação deste dialeto em algumas situações.

5.2 Correlação dos resultados entre os grupos étnicos

O resultado mais importante que observamos refere-se ao fato de nossos informantes ítalo-brasileiros falarem a variedade *Talian* somente com as pessoas da segunda geração. Isto implica que esta variedade do italiano não foi aprendida ou não está sendo usada pelos jovens. Entendemos que, enquanto houver o contato com as pessoas mais velhas, ainda se mantém a fala do *Talian*, porém, quando o contato com a geração mais velha não ocorrer, a tendência é que os jovens sejam influenciados pelos grupos que eles mais frequentam. Ao comparar este nosso resultado com outras pesquisas, em um estudo sobre o bilinguismo das línguas de imigração *Talian* e *Deitsch/Deutsch* nas cidades de Nova Erechim-SC e Saudades-SC, Fornara (2019) relata que percebeu que essas línguas de imigração em contextos de conversa entre vizinhos, conhecidos e familiares nas ruas ou nas casas também são usadas somente pelas GII.

Considerando que nossos informantes são jovens, compreendemos que o contato com a geração de mais idade está menor porque os informantes da GI saem da comunidade para estudar e trabalhar, logo, o contato com os familiares da GII pode ser menor. Esse comportamento encontramos nos estudos de Chambers; Trudgill (1994), quando mencionam o comportamento linguístico dos indivíduos que são muito influenciados linguisticamente pelos amigos, familiares, colegas de trabalho e membros de outras redes sociais das quais eles pertencem mais do que a qualquer outra pessoa.

Descobrimos que o nível de escolaridade não influencia nas atitudes linguísticas dos informantes. Isso significa que os ítalo-brasileiros da Ca e da Cb apresentaram algumas atitudes diferentes no que se refere ao uso do *Talian* e do português em determinados contextos, mas essas diferenças são consideradas mínimas e pouco significativas. Da mesma forma, a escolaridade dos imigrantes haitianos não é um fator determinante porque os imigrantes têm a necessidade de aprender línguas para melhor se adaptar na sociedade e conseguir emprego.

Em resumo, entre as conclusões mais importantes que encontramos está, além do fator escolaridade não influenciar nas situações de usos das línguas de imigração, que para o grupo dos ítalo-brasileiros a substituição da língua *Talian* para o português está cada mais vez mais consolidada. Já no grupo dos haitianos, percebemos uma leve tendência para essa troca da língua crioula voltada para o português. Esse resultado proporcionou uma reflexão para a velocidade dessa substituição da língua de imigração, se comparada aos imigrantes italianos que chegaram aos Brasil a partir de 1875.

Os haitianos vivem uma configuração de contextos linguísticos diferente daquela vivida pelos descendentes de italianos do século XIX. Desse modo, a necessidade de, na atualidade, aprenderem umas das línguas oficiais do Brasil é compreensível, mas o que difere é o movimento acelerado com que isso acontece. Muitos imigrantes aprendem português de forma autodidata, por exemplo, em aprender português por meio da internet, assistindo aulas no youtube em forma de tutoriais sobre o português e a partir de acesso a e-books. Por exemplo, esses informantes responderam onde aprenderam português: “Nas redes sociais e no CRAS” (Cb.GI.Hait.F) e “No YouTube, eu aprendi sobre no YouTube, uma brasileira que chama brasilien. Eu gosto dela muito o meu professor do CRAS tem um canal no YouTube eu aprendo com ele também”. (CbGI-Hait-H). Estes relatos dos informantes haitianos revelam que eles têm urgência em aprender português pois buscam mais meios de aprendizagem.

Na resposta seguinte, ainda quando questionamos onde aprendeu português, o informante revela essa urgência em acelerar o aprendizado e a procura por mais de um meio de aprendizagem:

Inquiridora: Onde aprendeu português?

Informante: “Não, ainda não concluí porque eu acabo no nível 2. Eu Tenho Um certificado por nível 2 e esse movimento também eu tenho curso português online com uma professora na universidade. O quê? Eu falei nesse momento da pandemia né na pandemia eu tenho um curso de português online com uma professora da universidade. Acho que é quarta-feira e quinta-feira, é duas, é dois dias na semana. É um nível mais avançado. Tem um escritório perto de minha casa. Acho que você sabe é um escritório chamado CRAS EFAPI, é uma instituição que recebe os imigrante para ajudar em todas as maneiras. Eu falei também, desde eu estava lá no Haiti, eu tenho um alguns mais mais um portugueses vídeo, tem uma brasileira agora ela mora em França, desde eu estava no Haiti eu assisti os vídeos dela ele era fez para muitas as pessoas na língua portuguesa né”. (CaGI-Hait-H)

Inquiridora: É vídeos do youtube?

Informante: “Sim, na internet. É ela é uma brasileira mas ela falar bem em francês. Porque era mora em França né”. (CaGI-Hait-H)

No relato do CaGI-Hait-H, entendemos que ele procura aprender português em três contextos, na universidade, no CRAS e por vídeos do youtube.

No entanto, esse aprendizado acaba sendo focado somente na comunicação básica para o campo de trabalho, para uma determinada ocasião, limitado para saber sobreviver o cotidiano sem o ensino de língua considerado completo e com o incentivo para a diversidade e para o bilinguismo.

Para aqueles que se envolvem com a aprendizagem formal do português, o desafio também está em manterem e concluírem o curso de português. A rotina de trabalho e estudos é de uma carga horária muito grande para se manter motivado num curso em que não se está

voltado ao trabalho com língua de acolhimento. Grosso (2010, p.68) conceitua língua de acolhimento como algo que “ultrapassa a noção de língua estrangeira ou de língua segunda”.

Sobre as características de ensinar língua de maneira acolhedora:

As características acolhedoras do trabalho com a língua portuguesa se manifestam na relação professor-aluno, ao promover ações com perspectiva humana e sensível às necessidades dos aprendizes, adequações ínfimas que diferenciam o ensino acolhedor do tradicional. Outra constatação feita é de que o espaço dado à língua materna e às concepções de mundo dos aprendizes funciona como aproximador cultural, mesmo que seu domínio por parte do professor seja restrito (SOARES E TIRLONE, 2017)

Adaptar o curso de português para estrangeiros voltado as características acolhedoras é motivador para o imigrante continuar os estudos da língua portuguesa.

5.3 O Bilinguismo dos ítalo-brasileiros e haitianos de Chapecó-SC

Nesta seção, nos propomos a medir o grau, a função, a alternância e a interferência das línguas crioulo-francês-português e *Talian*-português a partir dos pressupostos teóricos de Mackey (1972). Medimos o bilinguismo nas quatro habilidades linguísticas: na escrita, na leitura, na fala e na compreensão. No grau do bilinguismo, destacamos o nível de uso da língua por cada informante, identificando o seu conhecimento da estrutura, da gramática e do vocabulário das línguas em questão. Com a função, apresentamos como e onde os ítalo-brasileiros e haitianos empregam cada língua. No que se refere à alternância e à interferência, trabalhamos com algumas percepções que tivemos a partir da amostra em estudo.

Nossa hipótese é de que os haitianos têm um grau de bilinguismo maior, se comparado ao dos ítalo-brasileiros, com diferenças significativas no que se refere, especialmente, à interferência das línguas umas nas outras, fenômeno bastante perceptível em situações de aprendizagem de uma segunda língua. Os aprendizes de segunda língua ou LE costumam usar estratégias de incluir algumas palavras da língua materna, quando não as conhecem na língua alvo, Appel e Muysken (1996) afirmam que essa estratégia tem a finalidade de transmitir uma mensagem completa.

5.3.1 A Habilidade de Escrita dos ítalo-brasileiros e dos imigrantes haitianos.

No que concerne ao grau de conhecimento das línguas, selecionamos algumas questões que visavam medir, em escala, o nível de conhecimento em relação à escrita por parte dos nossos informantes ítalo-brasileiros e imigrantes haitianos. Em outras palavras, apresentamos qual é o domínio que o informante acredita ter na habilidade escrita em português, *Talian* e italiano ou crioulo, francês e português. Sendo assim, solicitamos que os nossos informantes indicassem uma das opções propostas em uma escala que variava entre

não sei escrever – escrevo um pouco – escrevo mais ou menos – escrevo bem – escrevo muito bem. No grupo dos ítalo-brasileiros, o gráfico abaixo mostra o que foi dito por cada um:

Gráfico 1 Percepção da habilidade da escrita dos ítalo-brasileiros



Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Letícia Cunha Zamaro (2020)

No gráfico 1 observamos o resultado dos descendentes de italianos e, no que se referente à habilidade escrita, nota-se que o grau do conhecimento das línguas italiano, *Talian*, português variam entre mais ou menos, bem e não escrevo. Dois informantes ítalo-brasileiros afirmam que não escrevem na língua *Talian* e um informante acredita que escreve mais ou menos nesta variedade. Três disseram que não escrevem na língua italiana e todos os informantes descendentes de italianos afirmaram que escrevem bem o português.

Todos os informantes ítalo-brasileiros responderam que a língua que sabem escrever melhor é o português, dois informantes colocaram em segundo lugar a língua *Talian* e um informante, o CaGI-Ita-H, foi o único que mencionou duas línguas estrangeiras (inglês e espanhol), colocando-as na posição de segundo lugar na escala antes do *Talian*, justificando que não sabe escrever na língua *Talian*. No que tange à observação dos resultados, percebemos que os depoimentos dos participantes apresentam indicações significativas em relação à importância das línguas, como evidenciamos nos trechos a seguir:

Inquiridora: Em sua opinião, qual é a língua mais importante aqui?

Informante: Português, inglês, espanhol, italiano, o *Talian* na verdade eu não sei, posso tentar escrever mas eu não sei se o que escrever vai dar certo. Não sei! Mas é isso. O *Talian* a gente se criou ouvindo e falando, não tem nada de escrita e não tinha acesso a nada. A minha avó, por exemplo, na época não tinha a escrita, que eu saiba não, né. Então, é mais na fala mesmo, se sabe da fala, da conversa, mas da escrita é muito pouco. Eu acho que nesse ponto, se tivesse mais coisas escritas e acessíveis para tomar inteira, algumas coisas seria mais propício para tu conseguir levar mais adiante e seguirem à risca isso né. (CaGI-Ita-H)

O informante CaGI-Ita-H sugere, em sua resposta, que a língua de maior domínio da escrita é o português, sabendo escrever também em inglês, espanhol e italiano. Afirma que não sabe escrever em *Talian*, mas que vai tentar escrever. Justifica que não sabe escrever na língua de imigração *Talian* porque a aprendizagem desta língua aconteceu por meio do convívio diário, ou seja, ouvindo e conversando com sua avó, não caracterizando ensino formal, além de considerar que teve pouco contato com materiais escritos nesta língua.

O português é a língua mais citada pelos informantes ítalo-brasileiros na questão referente a escala de qual língua sabe melhor. Importa ressaltarmos que a língua italiana não apareceu nas respostas espontâneas dos informantes, isso significa que todos os ítalo-brasileiros desta pesquisa acreditam que não sabem escrever na língua italiana padrão.

Na etapa seguinte, para medir o bilinguismo dos ítalo-brasileiros na habilidade de escrita para a testagem na prática, convidamos os informantes a escreverem de próprio punho um pequeno texto. Dessa maneira, sugerimos que fosse um bilhete e que eles tinham a liberdade de escolha do tema. Portanto, cada informante descendente de italiano precisava escrever nas línguas *Talian*, português e italiano padrão. Todos aceitaram fazer esta testagem da escrita, mesmo afirmando em suas respostas do questionário que não sabem escrever nas línguas de imigração.

Uma única informante ítalo-brasileira CbGI-Ita-F confirmou que teve acesso ao ensino formal da língua italiana, esclarecendo que frequentou um curso de italiano por aproximadamente três meses e, por ter frequentado poucas aulas e não ter concluído o curso, considera que não teve acesso ao ensino formal. Portanto, por esta informante ter frequentado poucas aulas, consideramos que esse dado não é significativo para confirmar que ela aprendeu de fato italiano padrão, isto significa que ela apenas iniciou o curso e não concluiu, pois frequentou algumas aulas. Essa informação não será considerada para confirmar que a informante CbGI-Ita-F de fato aprendeu e desenvolveu seus conhecimentos da língua italiana padrão nas quatro habilidades linguísticas. Desse modo, consideramos que todos os informantes afirmaram que o conhecimento dessas línguas, *Talian* e italiano, é exclusivo da

competência oral. Por isso, demonstraram insegurança quando mencionamos que seriam convidados a escrever nas línguas de imigração. Dois informantes aceitaram escrever nas línguas (português, *Talian* e italiano) e uma informante não escreveu em italiano padrão porque não se sentiu à vontade para escrever nessa língua. Para melhor entendimento, vejamos o quadro abaixo:

Quadro 3 Produção dos Bilhetes nas três línguas foco para este estudo dos ítalo-brasileiros

<i>Talian</i>		Italiano		Português	
Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem
●	●	●	●	●	●
●	I	○	I	●	I

Legenda: ● Escreveram; ○ não escreveram; I não tem informante

Fonte: Dados do ALCF:OC, criado por Letícia Cunha Zamaro (2020)

No que se refere à característica e ao conteúdo dos bilhetes, o grupo dos informantes ítalo-brasileiros escreveu sobre conteúdos breves, relatando informações sobre o que realizaram no dia, além de temas contendo avisos e convites para familiares. A seguir, transcrevemos fielmente os três bilhetes escritos pelos informantes.

Conforme o quadro abaixo, a informante CbGI-Ita-F escreveu dois bilhetes:

Quadro 4 Bilhetes escrito por CbGI-Ita-F

Bilhetes CbGI-Ita-F		
<i>Talian</i>	Italiano	Português
"Per que ti gio fato questo?"	I	"Podemos marcar uma visita para sabado as 13:00".

Legenda: I = não escreveu

Fonte: Dados do ALCF:OC, criado por Letícia Cunha Zamaro (2020)

Percebemos que a informante CbGI-Ita-F optou por não fazer a tradução nas línguas. O bilhete em português está escrito de forma coloquial, que é permitida no gênero bilhete. Há “erros” ortográficos na palavra sábado. A partir do bilhete escrito, supostamente em *Talian*, interpretamos que se trata de uma escrita com elementos marcados do *Talian*. Além disso, conforme pesquisamos com falantes de *Talian*, ocorreu uma variação: “Per que te ga fato questo?”, quando normalmente se diria também “Per quete gio fato questo?”. Além disso, descobrimos que, no italiano padrão a frase ficaria da seguinte forma: “Per que te ai fato questo?”

Segue, no quadro abaixo, a transcrição do bilhete da informante CaGI-Ita-F:

Quadro 5 Bilhetes escrito por CaGI-Ita-F

Bilhetes CaGI-Ita-F		
<i>Talian</i>	Italiano	Português
“Mariana! A mama está la su dei cob! Viem quã com mi.”	Mariana e Marlon! Ti noglio tanto Bene! Sei i’ amor dela mia vita.”	“Oi filha! Mamãe foi lá nos cabritinhos, quando acordar toma café e depois sobe lá comigo. Beijos.”

Fonte: Dados do ALCF:OC, criado por Letícia Cunha Zamaro (2020)

A informante CaGI-Ita-F escreveu os três bilhetes e também optou por não fazer a tradução literal nas línguas mas aqui, registramos que o conteúdo dos bilhetes se repetem em português e *Talian*, praticamente é feita uma tradução de conteúdo nessas línguas. Já ao escrever em italiano, a informante utiliza um texto diferente.

No período em *Talian* “Mariana! A mama está la su dei cob! Viem quã com mi.” há elementos claros de interferência do português, como, por exemplo, “a mama” ao invés de “la mama”, ou seja, o artigo “a”, possivelmente do português, é usado no lugar do artigo “la”, do *Talian*. Outro exemplo é “viem quã com mi”, com base na sintaxe do português comigo, pois no *Talian* se diria “viem qui”. Portanto, no bilhete em *Talian* há interferência do português.

De maneira geral, no período em italiano só percebemos um erro de grafia em “noglio”, quando seria “voglio”. Igualmente, o período em português não apresenta traços ou marcas de outras línguas.

Na sequência vejamos o quadro com os bilhetes escritos pelo informante CaGI-Ita-H:

Quadro 6 Bilhete escrito por CaGI-Ita-H

Bilhetes CaGI-Ita-H:		
<i>Talian</i>	Italiano	Português
<p>“El di de ancoy ascumiciá com sol e una bela facha! My indato tratar y vedèi, le galine e anca jutar in loori de casa.”</p>	<p>“Espetemo la para le 4 para tirar late de le vaque.”</p>	<p>07/08/2020 O dia de Hoje “Hoje sexta-feira o dia esperado por muitos na semana, por estar chegando o fim de semana. Para mim não é diferente, mas antes de pensar nisso, vamos para a luta diária. Acordei às 07:30, tomei meu café e iniciei minhas tarefas, vida de professor não é apenas dar aulas, mas também prepará-la. Ao fim da manhã um momento de descanso e ajudar na preparação do almoço.”</p>

Fonte: Dados do ALCF:OC, criado por Letícia Cunha Zamaro (2020)

Nos três textos acima, é possível registrarmos que o informante CaGI-Ita-H escreveu sobre assuntos diferentes e, de certa forma, avançou numa temática só, mesmo que de forma aleatória. Além disso, fica evidente a semelhança das línguas português, *Talian* e italiano. Destacamos algumas semelhanças entre *Talian* e italiano registradas nos textos escritos – o uso do artigo “le” para “le galine” e “le vaque”. Ainda, registramos o uso do português mais informal e com o diferencial que incluiu um título para seu bilhete, também percebemos que a informação do conteúdo está mais detalhada. No que tange à gramática do português, há ausência do sinal de pontuação vírgula. Ainda, considerando o texto em *Talian*, inferimos que “sol” é uma palavra muito usada no *Talian*.

Em resumo, na percepção dos informantes ítalo-brasileiros da habilidade de escrita, obtivemos como resultado que dois informantes afirmaram não saber escrever em *Talian* e italiano, mas se arriscaram a escrever frases nestas línguas. Uma informante foi categórica no início da entrevista ao afirmar não saber escrever em italiano padrão e ao final da entrevista, quando solicitamos que escrevesse nas três línguas (português-*Talian*-italiano), manteve a sua posição. Na testagem da prática da escrita, concluímos que os informantes ítalo-brasileiros sabem escrever nas línguas de imigração e apresentam algumas interferências de línguas e erros ortográficos.

Por outro lado, apenas um informante não respondeu a classificação das línguas, mas respondeu descrevendo as estratégias de como costuma praticar a habilidade escrita. Segue, abaixo, a transcrição da fala do informante CaGI-Hait-H: Nos três textos acima, é possível registrarmos que o informante CaGI-Ita-H escreveu sobre assuntos diferentes e, de certa

forma, avançou numa temática só, mesmo que de forma aleatória. Além disso, fica evidente a semelhança das línguas português, *Talian* e italiano. Destacamos algumas semelhanças entre *Talian* e italiano registradas nos textos escritos – o uso do artigo “le” para “le galine” e “le vaque”. Ainda, registramos o uso do português mais informal e com o diferencial que incluiu um título para seu bilhete, também percebemos que a informação do conteúdo está mais detalhada. No que tange à gramática do português, há ausência do sinal de pontuação vírgula. Ainda, considerando o texto em *Talian*, inferimos que “sol” é uma palavra muito usada no *Talian*.

Em resumo, na habilidade de escrita dos ítalo-brasileiros, obtivemos como resultado que dois informantes afirmaram não saber escrever em *Talian* e italiano, mas se arriscaram a escrever frases nestas línguas. Uma informante foi categórica no início da entrevista ao afirmar não saber escrever em italiano padrão e ao final da entrevista, quando solicitamos que escrevesse nas três línguas (português-*Talian*-italiano), manteve a sua posição. Na testagem da prática da escrita, concluímos que os informantes ítalo-brasileiros sabem escrever nas línguas de imigração e apresentam algumas interferências linguísticas e erros ortográficos.

Em relação à percepção da habilidade escrita, no grupo dos haitianos solicitamos, assim como realizado no outro grupo, que registrassem em escalas o conhecimento das línguas, com respostas espontâneas que precisavam colocar em primeiro lugar a língua que sabe escrever melhor. Do total dos quatro imigrantes haitianos, três colocaram no topo da escala a língua crioulo como a que sabem escrever melhor. Em seguida, na posição de segundo lugar, o francês e, por último, o português. Todos os informantes haitianos disseram as mesmas respostas espontâneas.

Por outro lado, apenas um informante não respondeu a classificação das línguas, mas respondeu descrevendo as estratégias de como costuma praticar a habilidade escrita. Segue, abaixo, a transcrição da fala do informante CaGI-Hait-H:

Inquiridora: Em que línguas você sabe escrever?

Informante: Eu escrevi muito, muito bem. Que depois. É porque eu escrevo, eu escrevo na minha casa sempre, sempre, sempre o nome deles, coloca no numa folha quando eu tenho algumas coisas bem importante para fazer. Eu faço acróstico com o nome dele e manda para eles.. eles..eles.. ficam muito feliz né. Na semana passada, eu tenho uma amiga brasileira estava o aniversário dele.. eu.. eu não tinha nada para dar..para dar com ela: - Eu faço acrostico com nome dela. Aí eu mandei para ela..

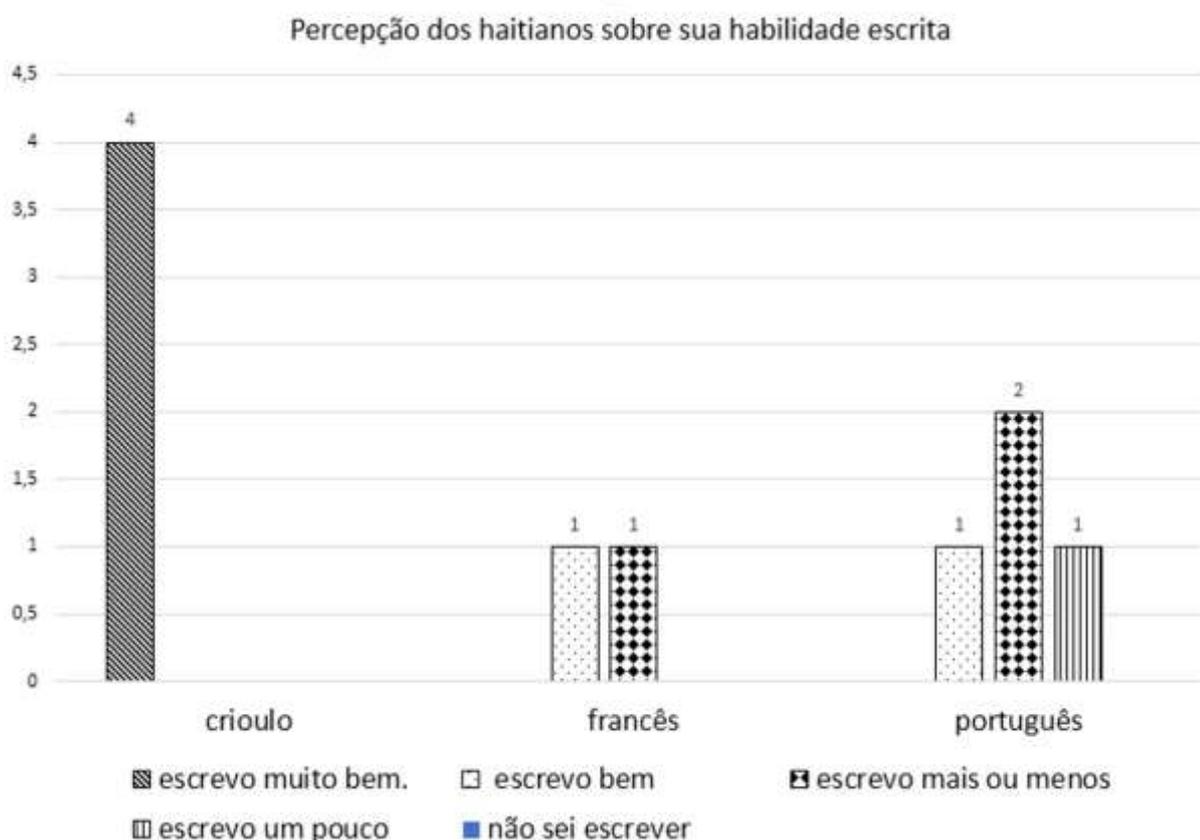
Inquiridora: O que que é um acróstico?

Informante: Colocar o nome de uma pessoa, acho que é na horizontal. Eles são tão numa folha e cada, cada letra do nome da pessoa faz alguma frase.

Outra solicitação era que o informante classificasse o conhecimento da competência escrita, escolhendo uma das seguintes opções: *muito bem; bem; mais ou menos; um pouco e não escreve*.

Nessa pergunta, os resultados foram que todos responderam que sabem escrever em crioulo “muito bem” e que dois informantes afirmaram escrever muito bem em francês, enquanto um classificou sua escrita em “bem” e o outro em “mais ou menos”. Com relação à classificação da escrita no português, tivemos respostas variadas em mais ou menos, um pouco e bem. As respostas da percepção dos informantes haitianos quanto à competência escrita estão apresentadas no gráfico seguinte:

Gráfico 2 Percepção dos haitianos sobre sua habilidade escrita



Fonte: Dados do ALCF:OC, criado por Letícia Cunha Zamaro (2020)

No que se refere à escrita do bilhete, todos os informantes haitianos escreveram os bilhetes nas três línguas, crioulo, francês e português, e não demonstraram insegurança no momento da escrita. Todos os bilhetes têm como característica um conteúdo curto, descrevendo uma mensagem do que fizeram naquele dia. Segue, abaixo, a transcrição dos bilhetes do informante haitiano CbGI-Hait-H:

Quadro 7 Bilhetes escrito por CbGI-Hait-H

Bilhetes CbGI-Hait-H:		
Crioulo	Francês	Português
“Nulen rekonet de Séi Kise Nadia ok Seky char Jou Nadia ap di Seky se tour pori li Sori Té Sà.”	“Je reconnais deuxsoluis Nadia et Seky tais lea jours Nadia Jeorlé que sexy est la seule persanne four ele sur la terra.”	“Eu reconheço duas irmãs Nádía e Seky todos os dias Nádía falava que Seky é a única pessoa para ela na terra.”

Fonte: Dados do ALCF:OC, criado por Letícia Cunha Zamaro (2020)

A partir da escrita de um texto curto em francês e a posterior proposta de tradução para o português e crioulo, é possível inferirmos que o informante CbGI-Haiti-H procurou amparar a sua escrita no francês, a língua oficial do Haiti, a língua da escola e de base escrita e oral diferente do crioulo, que é originariamente de base oral. Já o português é a nova língua de contato no Brasil, que está em fase de aprendizagem, e podemos notar que no bilhete escrito em português, o informante trocou o verbo conhecer por “reconheço”. Podemos inferir que foi inserido no sentido de conhecer a pessoa, no caso as irmãs, portanto, houve uma troca de uso do verbo.

Em se tratando do bilhete escrito em francês, registramos que não é uma tradução literal, pois há interferência da língua crioula neste bilhete. Referente à interferência das línguas, relacionamos este resultado com o que foi exposto sobre o francês ser um marco de classe social (OLIVEIRA, 2017). A possibilidade de conhecimento do francês deste informante se limitou, talvez devido ao fato dele não ter investido e avançado no ensino e aprendizagem do francês padrão. Como mencionado anteriormente, o ensino do francês na escola não é suficiente para o haitiano ser considerado proficiente na língua francesa.

No quadro a seguir está o bilhete escrito por CbGI-Hait-F:

Quadro 8 Bilhetes escrito por CbGI-Hait-F

Bilhetes CbGI-Hait-F		
Crioulo	Francês	Português
<p>“Erla, se yon ti fi li al viva k paran li. Yo renmen le anfil. Yo te te afrann le resfekte moun. Yo te leve li ak anfil lanmou. Konsa tou li te veni genyen anfil lanmou nan ki li, tout moun nan katye li te renmen li....”</p>	<p>“Erla, C'est une fitite fille, elle vit avec ses parents. Ils ont tellement l'aimée. Ils ont appris à respecter les gens. Ils ont élevé avec beaucoup d'amours dans son Coeur, tout le monde dans son quartier l'a adore....”</p>	<p>“Erla, esta uma pequena garota, ela mora com os pais dela. Ele á amavam tanto. Eles aprenderam a respeitar as pessoas. Eles o criaram com muito amor. Então ela passou a ter muito amor em seu coração, todos na vizinhança adoraram....”</p>

Fonte: Dados do ALCF:OC, criado por Letícia Cunha Zamaro (2020)

No quadro 8, podemos visualizar os bilhetes escritos pelo informante CbGI-Hait-F, nos quais percebemos o interesse pela tradução das frases. Registramos que no bilhete escrito em francês há muitas marcas de oralidade, além de ser um francês diferente daquele ensinado na escola e reconhecido como padrão. Outra característica que registramos está no texto em crioulo, que demonstra ser a transposição direta da fala para a escrita, sendo que o crioulo é de base oral.

Notamos que o bilhete em português possui marcas de contato com outras línguas, possivelmente mais salientes, pois o português é a língua que a informante está aprendendo na atualidade, desde que estabeleceu residência fixa no Brasil. O crioulo e o francês são as suas línguas maternas.

O quadro a seguir contém os registros dos bilhetes do informante CaGI-Hait-H:

Quadro 9 Bilhetes escrito por CaGI-Hait-H

Bilhete CaGI-Hait-H		
Crioulo	Francês	Português
<p>“Bonswa Frém; Kijan'w Je? Mwen ekriw lét so poum diw sam te fè maten na. Mwen tal nan Leão Pocos ak Bruno, paske Jodia se premye Jou trabvy li. Se nan yon lot vil yo voye le, men lop retou nen pita. Paske se nan you vil tou pre chapeci li te ale. Map Tann repons ou sou dosje a poum la fè swivi yo.”</p>	<p>“Salut; Comment ça va? Je t'envoie. Cehe lehe. Porle que f'aimerais avoir tes nauvettes.”</p>	<p>“Bom dia amigo; Você está bem? Quero te informar a UFFS está trabalhando para fazer os cursos online”.</p>

Fonte: Dados do ALCF:OC, criado por Letícia Cunha Zamaro (2020)

Conforme o quadro de número 9, com os bilhetes escritos pelo informante CaGI-Hait-H, percebemos que optou por manter o padrão das saudações nas três línguas, porém o conteúdo não é semelhante se comparadas as línguas em questão. Notamos que o bilhete escrito em português apresenta uma estrutura organizada e compreensível. Só faltou usar o termo “que” antes de “a UFFS” para seguir também as regras do português formal escrito.

Os bilhetes em crioulo e francês possuem conteúdos diferentes, portanto o informante CaGI-Hait-H optou por não fazer a tradução literal do crioulo para o francês. O bilhete em crioulo está mais desenvolvido no sentido de o conteúdo ter mais detalhes. Entendemos que seria um bilhete para um colega de trabalho avisando que precisa ir até uma cidade vizinha de Chapecó-SC.

O bilhete em francês, escrito pelo CaGI-Hait-H, teve um conteúdo pouco desenvolvido por ser considerado um texto curto e este texto está bem próximo as regras da gramática do francês padrão.

Na sequência apresentamos o quadro com os bilhetes escritos pela informante CaGI-Hait-F:

Quadro 10 Bilhete escrito por CaGI-Hait-F

Bilhete CaGI-Hait-F		
Crioulo	Francês	Português
<p>“Bonswa Jodia mwen te leve a 7h30 mwen benyen epi mwen manje. Mwen te soti awe k Sara, nou te ale nam maket toupre lakay lia.”</p>	<p>“Bonsori aujourd’hui, je me suis réveille a 7h30. Yai pris un bain et apris je suis alle chez Sarah. Nous somme aller au marhe tort pris de chez elle »</p>	<p>“Boa tarde Hoje acordei as 7h30. Os tomei em banho e depois fui na casa da Sarah.”</p>

Fonte: Dados do ALCF:OC, criado por Letícia Cunha Zamaro (2020)

Por fim, podemos analisar os bilhetes do quadro 10, nos quais a informante manteve um padrão estrutural do bilhete e fez a tradução literal entre eles. Contudo, o texto escrito em português apresentou alguns desvios das normas da língua padrão escrita, identificados, por exemplo, em “os tomei”.

Resumindo, obtivemos, primeiramente, resultados em comum entre os grupos étnicos, encontramos nos bilhetes escritos interferências das línguas de imigração, erros gramaticais e ortográficos e a opção de ambos os grupos por traduzir o conteúdo das frases nas três línguas.

Destacamos, como dados distintos a partir da comparação dos resultados entre os ítalo-brasileiros e haitianos, que os informantes descendentes de italianos demonstraram o sentimento de insegurança em escrever os bilhetes nas línguas de imigração, sendo que um informante se recusou a escrever na língua italiana padrão. Em relação à escrita dos bilhetes dos informantes haitianos, evidenciamos que os quatro informantes aceitaram escrever bilhetes nas três línguas, não demonstrando insegurança, o que nos permite supor que os informantes haitianos, diferentemente dos ítalo-brasileiros, de fato têm uma outra relação com o plurilinguismo, com destaque ao preconceito linguístico, às noções de certo e errado e à necessidade de haver uma língua superior às outras, pois mesmo o crioulo sendo de base oral e o português uma língua nova para os informantes entrevistados, eles se motivaram a escrever.

Ainda sobre a análise dos bilhetes dos haitianos, três dos quatro informantes iniciaram a escrita dos bilhetes em francês e propuseram, a partir da nossa compreensão, manter uma mesma linha de conteúdo dos bilhetes ou até mesmo uma tradução do primeiro bilhete em francês. A título de exemplificação, recortamos alguns trechos dos bilhetes para mostrar a tentativa do informante de traduzir o texto em francês para o crioulo e para o português: “Francês: Jodia mwente leve a 7h30 neven benyen epi mwen manje. Crioulo: aujoud’hui je me suis reveillee a 7h30. Português: Hoje acordei as 7h30.”

Além disso, ao apurarmos um pouco a nossa análise, percebemos que o francês dos nossos informantes tem relação com o francês histórico, mas não é completamente compreensível para um leitor que aprende francês como LE, por exemplo. Destacamos: "char Jou" no crioulo parece "chaque jour" no francês; de forma semelhante.

Por fim, registramos algo que já era de se esperar, até porque o gênero escrito sugerido foi um gênero mais livre, assim, os bilhetes têm marcas de oralidade e de interferência de uma língua na outra. Destacamos alguns exemplos de escrita com marcas da oralidade encontrados no bilhete do CaGI-Hait-H: “Bom dia amigo; Você está bem? Quero te informar a UFFS está trabalhando para fazer os cursos online.” Percebe-se que, no bilhete de CaGI-Hait-H, a marca da oralidade está para a parte inicial do texto em “Bom dia amigo” e “Você está bem?”

5.3.2 Análise da Habilidade Escrita considerando a dimensão Distassexual, dimensão Diastrática e dimensão Dialingual

Mostramos, nesta seção, os resultados sob a visão da **dimensão distassexual**, de modo a identificarmos se há diferença de usos na competência escrita dos informantes homens e mulheres ítalo-brasileiros e haitianos. As perguntas que nortearam nossa análise foram as seguintes: a) Os gêneros influenciam na maneira de escrever? b) Qual gênero apresentou mais interferência nas línguas de imigração?

À primeira vista, na análise dos bilhetes escritos em português pelos informantes ítalo-brasileiros, procuramos identificar se o homem e as mulheres que participaram desta pesquisa escreveram de maneira diferente no requisito estilo estrutural, frasal e vocabulário, contendo também interferência de línguas.

De início, comparamos as respostas do questionário no que se refere à percepção desta habilidade escrita. Desse modo, encontramos nas respostas que todos os informantes ítalo-brasileiros avaliam que escrevem bem em português. No entanto, ao analisarmos a forma que escreveram, destacamos que o homem e uma das mulheres desta pesquisa apresentaram baixo conhecimento nas normas padrão da língua. Portanto, podemos inferir que, apesar de eles afirmarem que sabem escrever bem em português, esta afirmação não foi comprovada de fato na habilidade da escrita. Portanto, interpretamos que não há diferença de percepção de uso da escrita entre os gêneros homem e mulher.

Constatamos diferenças no reconhecimento de domínio da escrita. A partir das respostas do questionário, observamos que as mulheres ítalo-brasileiras demonstram ter um pouco mais de conhecimento na competência escrita na língua *Talian* quando comparadas ao homem ítalo-brasileiro, o qual afirmou não saber escrever *Talian* e italiano.

Na testagem prática, em análise nos bilhetes escritos, procuramos verificar se homens ou mulheres apresentaram mais interferências das línguas na escrita dos bilhetes. Como resultado, tivemos destaque para as mulheres que tiveram menos interferências das línguas no conteúdo dos bilhetes, visto que uma informante escreveu o bilhete respeitando as regras da língua italiana padrão.

A nossa hipótese era de que as mulheres e os homens não apresentassem interferências de usos na escrita nos três bilhetes. Esta suposição não foi confirmada, porque os resultados adquiridos revelam que há diferenças. Quando comparados os grupos, as mulheres apresentaram menos interferências com relação ao único homem ítalo-brasileiro, porém não consideramos as diferenças significativas.

No grupo dos informantes haitianos, a semelhança que encontramos foi que todos os informantes optaram por fazer a tradução na maioria dos bilhetes, com a diferença de conteúdo em pelo menos um bilhete escrito por um homem, mas a tradução foi verificada em alguma medida nas três línguas. Outro dado em comum, refere-se à ausência da norma padrão da língua portuguesa. Homens e mulheres apresentaram algum nível de incoerência das regras da gramática.

Nos resultados escritos, notamos também uma diferença no requisito estrutura no bilhete, um homem, o informante CaGI-Hait-H, iniciou o texto com saudações e desenvolveu mais o bilhete escrito em crioulo. Em outras palavras, comparando o requisito homem e mulher para identificar qual sexo se sobressai no fator conhecimento das línguas, os resultados apontam que os homens haitianos apresentam melhor domínio na habilidade escrita.

Contrastando os dados dos dois grupos étnicos, concluímos que houve semelhança no que se refere ao não respeito às regras gramaticais da escrita. Apenas uma informante, a CaGI-Ita-F, escreveu o bilhete em português obedecendo as regras gramaticais e um informante, o CaGI.Hait-H, escreveu sem desvios no português. Também, um informante criou o bilhete com uma estrutura diferente dos demais, iniciando o texto com saudações e desenvolvendo mais o bilhete em crioulo. Contudo, podemos interpretar que os ítalo-brasileiros e os haitianos não apresentaram disparidade nos resultados desta dimensão diasssexual. Aqui podemos mencionar os nossos estudos... italiano, alemão, polonês... que apresentaram algo parecido.

Com a testagem da habilidade escrita considerando a **dimensão diastrática**, buscamos identificar se a escolaridade influencia no uso da competência escrita dos informantes ítalo-brasileiros e dos imigrantes haitianos. Supomos que a escolaridade influencia na competência escrita pois as pessoas com mais escolarização tendem a aproximar sua fala à variedade padrão (LABOV, 2008).

Em resposta ao questionário, os informantes da Ca (com mais escolaridade) disseram que não sabem escrever *Talian* e italiano e classificaram em “bem” suas habilidades na escrita no português.

Os informantes CaGI-Ita-H e CaGI-Ita-F apresentaram um texto em português com erros gramaticais com a diferença que a informante CaGI-Ita-F escreveu seu bilhete em português não obedecendo as regras ortográficas faltando vírgula em uma das sentenças.

Tivemos resultados semelhantes entre as classes. Pelo menos um representante de cada classe marcou a ausência da gramática padrão do português. Podemos compreender que o

gênero bilhete tem por característica o uso do português coloquial, com estrutura livre e com objetivo de informar em um texto breve. Interpretamos que talvez essa liberdade que o gênero permite causou a falsa sensação de que se pode escrever não obedecendo as regras gramaticais do português escrito.

A classe social não influenciou na escrita dos informantes ítalo-brasileiros. Esperávamos que todos os ítalo-brasileiros da classe alta escrevessem seus bilhetes obedecendo as regras gramaticais do português padrão. Dessa maneira, nossa hipótese não se confirmou, a escolaridade não influenciou no domínio da habilidade escrita no *Talian*, no português e no italiano padrão nos bilhetes escritos.

No grupo dos imigrantes haitianos, todos estão em formação escolar de nível médio e superior. Logo, o contato com as regras da língua está mais presente, já que estão em fase de aprendizagem. Nesse sentido, os resultados apontam que todos os informantes haitianos, da Ca e da Cb, apresentaram a não obediência às normas de escrita do português, isto significa que a escolaridade não influenciou na habilidade de escrita dos imigrantes haitianos.

Comparando os dados dos ítalo-brasileiros e dos imigrantes haitianos, observamos que os haitianos da Cb apresentam maior desvio das regras gramaticais pelo fato de, provavelmente, estarem aprendendo essas normas. Os informantes com mais escolaridade apresentaram desvios das normas em menor número, isto significa que encontramos poucos desvios regras gramaticais no bilhete escrito em português. Contudo, essas semelhanças que os dados mostraram não confirma nossa hipótese inicial, isto significa que o nível de escolaridade não influenciou na habilidade escrita dos dois grupos étnicos.

Analisamos a escrita com base na **dimensão dialingual** e procuramos identificar se nos bilhetes escritos por nossos informantes apareciam diferenças baseadas em quem os escreveu. Nossa hipótese era a de que este fenômeno é mais frequente na escrita dos imigrantes haitianos.

Nos bilhetes em português escritos pelos informantes ítalo-brasileiros, encontramos interferência do português no bilhete em *Talian*. Por exemplo, no bilhete de CaGI-Ita-F “Mariana e Marlon! Ti noglio tanto Bene! Sei i’ amor dela mia vita.”

Nos bilhetes escritos pelos haitianos, os dados nos mostraram que houve mais interferência de uma língua na outra. Por exemplo, na escrita em Crioulo encontramos breves elementos do português, o que é possível notarmos no texto escrito pela informante CaGI-Hait-F: “Hoje acordei às 7h30. Os tomei em banho e depois fui na casa da Sarah.” Podemos inferir que a informante manteve a marcação de pessoa na língua crioula pois “Os tomei” não faz parte da norma padrão escrita do português.

Relacionando a escrita dos grupos étnicos, identificamos que os descendentes de italianos e os haitianos apresentaram interferência de línguas. A diferença é que no grupo dos informantes haitianos todos apresentaram em maior medida a interferência de línguas na escrita dos textos nas três línguas.

5.3.3 A Habilidade da Leitura dos ítalo-brasileiros e imigrantes haitianos

Na coleta de dados por meio do estilo de leitura, procuramos analisar a relação dos informantes com um estilo mais controlado da língua, que requer algum conhecimento mais formal da língua, normalmente aprendido na escola. A leitura foi realizada ao final de cada entrevista e o texto proposto para o grupo dos descendentes de italiano era um texto do ALCF, traduzido para o *Talian* por Bortolotto (2014), intitulado “Preparativos de um casamento”. Apresentamos o texto escrito nas línguas: italiano padrão, *Talian* e português. Já os imigrantes haitianos leram um fragmento de um texto retirado do livro: *M’ap li ak Kè kontan* (título em português - Eu estou lendo com alegria) dos autores Patrick Augustin e Guy Constant (1989).

Os ítalo-brasileiros se mostraram inseguros também na competência de leitura nas línguas de imigração. Esta hesitação foi revelada porque os informantes afirmaram que nunca tiveram acesso a qualquer material nas línguas *Talian* e italiano padrão. Portanto, nesta pesquisa aconteceu o primeiro contato com a escrita nas línguas de imigração e, neste caso, acreditamos que é natural todos se mostrarem inseguros. O informante CaGI-Ita-H, já no início da entrevista, procurou descrever como é o contato com o dialeto *Talian*:

Informante: Então, falando do dialeto em si, né. Eu me criei, nasci e me criei na Linha Colônia Cella, assim como a CaGI-Ita-F né, com certeza (risos). Eu morei, né, e minha avó morava comigo e falava bastante no *Talian* com as minhas tias e com meu pai. Ela morou comigo toda a época até ela falecer né, e a gente tinha esse costume meio que natural desde infância e ela ia falando no tal do *Talian* e a gente ia ouvindo as palavras e devagarinho ia se inserindo né. Então, não precisava ir em curso, ia aprendendo aos poucos e daqui a pouco quando tu via que já estava falando umas palavrinhas e já estava entendendo o que estavam falando. E, ficava um pouco por dentro do dialeto. Mas a questão da escrita, eu nunca escrevi, nunca li nada nesse sentido, no *Talian* né. Mas foi mais ou menos esse o contato que eu tive com a língua. Desde pequenininho assim, foi isso.

Nesta fala do informante descendente de italiano, ele procurou explicar o que sabe na língua *Talian* para mostrar que o conhecimento dele se restringe a modalidade oral e se no momento da entrevista cometesse algum “erro” na escrita ou na leitura era porque ele não teve contato com materiais para praticar a língua de imigração nestas competências. Contudo, aceitou fazer a leitura para, ao menos, conseguir identificar algumas palavras.

Observando os dados levantados, o grupo dos ítalo-brasileiros demonstrou saber melhor o português e possuir menos conhecimento no dialeto *Talian*. Com relação ao resultado da análise da resposta do questionário referente ao grau de bilinguismo dos informantes, solicitamos que o classificassem em nível, começando pelo que sabem melhor em primeiro lugar e o que sabem menos por último. Tivemos como resultado que todos os informantes apontaram o português como a língua que sabem ler melhor, em segundo lugar dois informantes colocaram o dialeto *Talian* e a língua italiana não foi citada por nenhum dos informantes. Apenas um informante citou línguas estrangeiras, não classificando o *Talian*, ficando o Português em primeiro lugar, em segundo o Inglês e em terceiro o Espanhol. Segue, abaixo, a justificativa do informante:

Inquiridora: Estabeleça uma hierarquia das línguas que você sabe, começando por aquela que sabe melhor! Em que línguas você sabe ler?

Informante: Ler que tu diz é o ler perfeitamente tipo assim eu leio artigos em inglês mas tem palavras lá no meio que eu tenho que olhar. Assim, eu fiz a proficiência pro mestrado em inglês, no caso, eu consigo ler depende do nível, as vezes tem palavras mais difíceis que eu preciso procurar, mas enfim, é o português, o inglês, alguma coisa de espanhol, eu tive espanhol no ensino médio então um pouquinho de espanhol a gente trabalhou e o *Talian* nunca li nada eu acho. (CaGI-Ita-H)

Para registrar o grau de domínio na habilidade de leitura, perguntamos qual era o nível de conhecimento de leitura nas línguas português- *Talian* – Italiano. Assim, fizemos as perguntas para identificar a percepção deles nesta habilidade podendo escolher uma das seguintes alternativas: *não sei ler; leio um pouco; leio mais ou menos; leio bem; leio muito bem.*

Gráfico 3 Grau da Habilidade em Leitura dos ítalo-brasileiros



Fonte: Dados do ALCF:OC, criado por Letícia Cunha Zamaro (2020)

Em resultados, todos os informantes ítalo-brasileiros oscilaram entre “bem” e “muito bem” na habilidade de leitura em português. No que se refere às línguas de imigração, mais especificamente a percepção da leitura na língua italiana, dois responderam que leem um “pouco” e um informante respondeu que “não lê”. Dois informantes disseram que leem “bem” no dialeto *Talian* e um disse que não lê nesta língua de imigração.

Analisando os áudios das leituras, tivemos os resultados expostos a seguir. Todos os informantes ítalo-brasileiros leram os textos nas três línguas (português-*Talian*- Italiano-padrão). Ao compararmos a leitura nas três línguas, percebemos que todos tiveram maior domínio na leitura em português. Entretanto, nas leituras em línguas de imigração, todos apresentaram diferentes níveis de dificuldades. Em outras palavras, quando leram na língua *Talian*, todos fizeram uma leitura mais pausada, alguns verificando a pronúncia das palavras e outros não obedecendo as pontuações.

Todos os informantes, ao terminarem a leitura nas línguas de imigração, comentaram que acharam muito difícil ler. A informante CaGI-Ita-F até se ofereceu para ler novamente e fazer uma gravação da leitura melhor e comentou: “Que horrível essa minha leitura”. As dificuldades apresentadas foram o não reconhecimento de muitas palavras e a pronúncia, além de percebermos que não conseguiam produzir determinados sons. Comparando a leitura dos textos escritos em *Talian* com italiano, todos se dispuseram a ler, mesmo nunca acessando previamente leituras nessas línguas.

Resumindo, nos resultados da habilidade em leitura dos ítalo-brasileiros, observamos que todos os informantes responderam que a língua de maior domínio em leitura é o português, disseram que sabem ler um pouco em *Talian* e que não sabem ler em italiano padrão. No entanto, na testagem, os dados revelaram que apenas um informante apresentou domínio na leitura em português e todos apresentaram muito mais dificuldades nas leituras na língua de imigração.

Referente ao domínio em leitura dos imigrantes haitianos, na análise das respostas referentes ao grau de conhecimento da língua, os dados mostraram que os informantes haitianos acreditam que sabem ler melhor em crioulo e em francês. Dos quatro informantes, dois responderam que sabem ler melhor em crioulo, os outros dois informantes haitianos disseram que sabem ler melhor em francês. Todos colocaram o português em último lugar na escala das três línguas.

Além disso, no grau de percepção dos informantes referente ao nível de conhecimento em leitura em francês, crioulo e português, as respostas oscilaram em “bem”, “muito bem”, e

“mais ou menos”. Nesse sentido, os dados revelaram que os haitianos desta pesquisa sabem ler muito bem em crioulo, bem em francês e um pouco e mais ou menos em português.

Todos os informantes haitianos aceitaram ler todos os textos e demonstraram algum nível de dificuldade na forma de pronunciar as palavras. Importa destacarmos que nenhum informante haitiano mostrou insegurança na leitura em português, não fazendo comentários de julgamentos referente as leituras que fizeram.

Comparando a percepção da habilidade em leitura dos ítalo-brasileiros e haitianos, notamos que os descendentes de italianos se mostraram inseguros com o desempenho na leitura e foi comprovado que tiveram muito mais dificuldades em ler nas línguas *Talian* e italiano padrão e apenas uma informante se destacou lendo muito bem em português. No grupo dos haitianos, nenhum informante mostrou insegurança no desempenho da leitura. Desse modo, leram muito bem em crioulo, tiveram um desempenho razoável a bom em francês e apresentaram um pouco de dificuldades na leitura em português.

A seção seguinte apresenta os resultados para a habilidade em leitura na perspectiva das análises qualitativas nas dimensões Diassexual, Diastrática e Dialingual.

5.3.4 A Habilidade da Leitura com base nas dimensões Dimensão Diassexual, Dimensão Diastrática e Dimensão Dialingual

Para analisarmos a leitura de nossos informantes, nos baseamos na perspectiva teórica da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional conforme aborda Thun (1998). A dimensão diassexual está relacionada à nossa busca em compreender se há diferenças no nível de domínio da leitura dos informantes do sexo masculino e do sexo feminino. A análise foi feita com base nos critérios ler com entonação/ritmo as frases e pronunciar as palavras. Desse modo, a hipótese é a de que as informantes de sexo feminino superam os informantes de sexo masculino no que se refere a maior habilidade da leitura. Em seus estudos, Labov (1972), o qual compara a fala das mulheres com a fala dos homens, concluiu que as mulheres tendem a se aproximar mais da norma estabelecida pela comunidade.

No grupo de ítalo-brasileiros, contrapondo a leitura dos homens com as mulheres, os dados mostraram que as leituras na língua *Talian* e italiano padrão foram as que mais revelaram dificuldade entre todos os informantes, ou seja, homens e mulheres mostraram baixo desempenho na leitura do dialeto *Talian* e italiano.

Por outro lado, na leitura do texto em português as informantes mulheres apresentaram um resultado ainda melhor quando comparada à leitura nas línguas de imigração. Os resultados indicam que, ao contrastarmos a leitura do português entre homens e mulheres não parece haver diferença significativa de proficiência em leitura. Houve diferença mínima, por

exemplo, a CaGI-Ita-F leu com mais entonação no português, destacando característica de uma narração da história. A leitura em português do CaGI-Ita-H indicou uma leitura rápida, mecanizada e não respeitando a pontuação.

Como apresentado anteriormente, os dados do reconhecimento da percepção em leitura mostraram que o CaGI-Ita-H avaliou seu conhecimento em leitura no português como “muito bem”, no entanto, no teste prático essa avaliação não foi confirmada. Em se tratando da leitura em *Talian* e italiano padrão, o informante respondeu que “não lê” nessas línguas, informação que foi confirmada na análise dos dados.

As mulheres ítalo-brasileiras responderam que sabem ler em português, CaGI-Ita-F respondeu “Muito bem” e CbGI-Ita-F disse que sabe ler “bem”. Referente à leitura em italiano-padrão, ambas disseram que sabem ler “um pouco” e classificaram ler “bem” em *Talian*. Tais percepções das informantes ficaram evidenciadas, em certa medida, no teste prático da leitura do texto. Isso significa que, a percepção da informante CaGI-Ita-F, que disse saber ler muito bem em português, se confirmou. A leitura em italiano-padrão e *Talian* desta informante revelou dificuldades, considerando que leu melhor em italiano-padrão. A informante CbGI-Ita-F disse que considera que lê bem em português, porém no teste mostrou dificuldades na entonação da leitura, no *Talian* e Italiano-padrão os dados mostraram mais dificuldades nessas duas línguas.

Podemos inferir que os dados, na leitura dos homens e mulheres ítalo-brasileiros nos mostram uma certa variação, em outras palavras, as dificuldades de domínio nas três línguas apareceram, mesmo que sutilmente, com uma leve tendência ao maior domínio por parte do sexo feminino.

No grupo dos haitianos, todos aceitaram ler nas três línguas, português, crioulo e francês. Não fizeram comentário antes, durante ou após o teste. Notamos que a leitura realizada pelas mulheres nas línguas crioulo e português tiveram resultados variando entre bem e um pouco. Já em crioulo e francês a leitura foi melhor, variando entre muito bem e mais ou menos. A leitura dos homens foi avaliada da seguinte maneira: em português foi classificada em mais ou menos, em francês a leitura variou entre muito bem e mais ou menos e em crioulo a leitura dos homens foi classificada em bem.

Contudo, ao analisarmos a leitura entre homens e mulheres imigrantes haitianos, observamos que as mulheres têm melhor domínio na leitura em maior quantidade de línguas. Comparando os resultados da leitura entre as etnias, percebemos que as mulheres ítalo-brasileiras e as haitianas se destacaram nas leituras lendo melhor em português e as mulheres haitianas leram melhor em crioulo e português. Portanto, nota-se que as mulheres haitianas

apresentaram melhor domínio da leitura em duas línguas, tendo melhor competência se comparadas às mulheres descendente de italianos, que dominam a leitura somente em português.

Mostraremos a análise da leitura na dimensão diastrática quando identificamos se o nível de escolaridade influencia na habilidade de leitura nas línguas *Talian*/Italiano/Português e crioulo/Francês/Português. Em seu estudo com os ítalo-brasileiros de Nova Erechim, Fornara (2019) descobriu que seus informantes têm maior domínio da leitura na língua *Talian* porque são os que têm mais contato com materiais impressos nessa língua de imigração.

Em análise, comparamos a leitura dos dois informantes ítalo-brasileiros (Ca e Cb)) e notamos que ambas as classes apresentaram domínio médio na leitura nas três línguas (*Talian* –Português-Italiano), nível mediano por apresentar dificuldades em graus diferentes no que se refere ao processo de decodificação na leitura ascendente (bottom up¹). Ao observarmos em qual língua estes informantes apresentaram mais domínio, podemos dizer que a melhor leitura foi realizada em português, em segundo lugar italiano e, em terceiro lugar, sendo a leitura que apresentaram mais dificuldade, foi o texto em *Talian*.

Dessa forma, concluímos que nas classes sociais do grupo dos ítalo-brasileiros não houve diferenças significativas no que se refere às línguas de imigração *Talian* e italiano, porque todos os informantes mostraram, em suas leituras, dificuldades no nível de decodificação. A sutil diferença de leitura foi revelada no resultado da leitura em português pela informante CaGI-Ita-F, que mostrou maior domínio do texto lido.

No grupo dos haitianos, em primeira análise da leitura na dimensão diastrática, percebemos que a Ca teve bom desempenho na competência da leitura nas três línguas, variando entre muito bem e bem, com a diferença da leitura em português, em que um informante teve desempenho razoável. Os haitianos com menos escolaridade (Cb) mostraram em seus resultados que o domínio da leitura das três línguas oscilou. Desse modo, a Cb apresentou baixo desempenho na leitura em português, enquanto francês e crioulo foram classificados em bem e mais ou menos. Estes resultados eram esperados porque os informantes com menos escolaridade estão em fase de aprendizado do português e, além disso, uma das informantes reside no Brasil há pouco tempo (menos de um ano).

Os resultados dos ítalo-brasileiros e dos haitianos foram correlacionados e observamos que a leitura mais proficiente em português foi desempenhada pelos descendentes de italianos

¹ Referente às concepções de leitura de Kato (1985). O foco de nossa pesquisa é descrever e analisar o tipo de leitura, logo, não adentramos nos fatores e estratégias de compreensão em leitura.

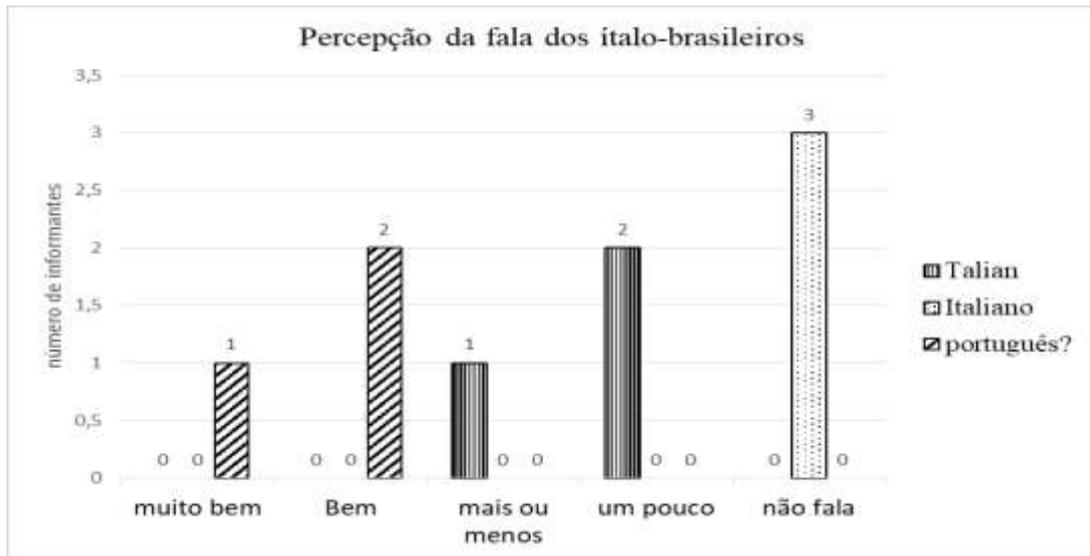
da Ca e os haitianos Ca e Cb mostraram a melhor competência em leitura nas suas línguas maternas (crioulo e o francês) e uma boa proficiência na leitura em português. Portanto, consideramos que a performance da leitura em português pelos haitianos foi condizente ao nível de aprendizado do português.

Referente à dificuldade em leitura dos informantes nas línguas de imigração, os ítalo-brasileiros desempenharam a leitura mostrando muito mais dificuldades na habilidade em ler do que os haitianos quando leram em português. Isto significa que avaliamos a leitura em *Talian* como baixo desempenho porque, segundo a maioria dos informantes, durante a entrevista e durante a leitura nunca tiveram acesso a textos escritos nessas línguas de imigração. Portanto, as dificuldades dos informantes descendentes de italianos se justifica por terem pouco conhecimento do *Talian* e por não terem contato com materiais nas línguas. Lembrando que todos os informantes ítalo-brasileiros mostraram preocupações antes, durante e após a leitura, julgando que leram mal, com dificuldade e faziam questão de ressaltar durante o teste e na entrevista que esta pesquisa proporcionou o primeiro contato com textos escritos em *Talian* e italiano.

5.3.5 A Habilidade da Fala dos ítalo-brasileiros e imigrantes haitianos

Nesta seção, mostramos a testagem acerca da habilidade de fala nas línguas de imigração. Investigamos a fala dos ítalo-brasileiros e dos imigrantes haitianos nos estilos de pesquisa: conversa semidirigida e questionário. Nesse sentido, organizamos esta análise da seguinte maneira, primeiramente, investigamos as respostas referentes à fala dos informantes ítalo-brasileiros e, na sequência, as percepções dos imigrantes haitianos respondidas no questionário. Depois descrevemos e analisamos como se realiza a habilidade de acordo com as dimensões Diafásica, Diassexual e Diastrática. Ao examinarmos as respostas dos informantes ítalo-brasileiros no que se refere a percepção da fala nas línguas Português/*Talian*/ Italiano, elaboramos o gráfico a seguir:

Gráfico 4 Percepção da habilidade fala dos ítalo-brasileiros



Fonte: Dados do ALCF:OC, criado por Leticia Cunha Zamaro (2020)

O gráfico 4 resume que, no que se refere ao português, as respostas oscilam entre “bem” e muito bem” no nível de conhecimento da fala. Por outro lado, estes informantes avaliam sua fala em *Talian* no nível moderado (“mais ou menos” e “um pouco”) e a respeito do italiano padrão as respostas foram unânimes: não falam. Podemos interpretar que, ao contrapormos as compreensões da fala em português com o *Talian*, os informantes ítalo-brasileiros sentem mais confiança na fala em português e uma sensação de insegurança, que falam pouco ou que poderiam ser melhores, na fala na língua *Talian*. Este resultado nos remete às motivações que levam a substituição *do Talian* pelo português.

Em estudos desenvolvidos, Horst e Bernieri (2019) buscaram compreender os fatores (in)conscientes que influenciaram a decisão de uma ítalo-brasileira a usar mais o português e menos o *Talian*. Essas motivações tiveram muitas configurações para o uso mais frequente do português, entre as consideradas mais importantes estão o medo e o interesse de interagir socialmente com pessoas não-falantes da variedade, além da educação dos filhos, que despertou a preocupação em incentivar mais o a fala do português porque, conforme a crença de muitos, falar a língua de imigração precocemente pode prejudicar na aprendizagem do português, sendo que com os netos essa preocupação se manteve, porém com o acréscimo de criar mais afinidade com os netos que falavam só o português.

Nessa configuração citada do contato da avó com os netos, Horst e Berniere (2019) revelam que ela é semelhante à dos nossos informantes ítalo-brasileiros, pois eles aprenderam a falar o *Talian* com a avó. Somente neste contexto familiar também ocorreu o uso gradual do português e houve uma perda da língua minoritária. Portanto, é gradual a dificuldade de

encontrar pessoas jovens que falam *Talian* e nos nossos resultados referentes à percepção da fala está marcada a insegurança por não haver a prática do uso da língua, ou por praticarem a fala do *Talian* com menos frequência e com poucas pessoas.

A fala dos ítalo-brasileiros e haitianos no estilo conversa semidirigida foi escolhida para ser realizada no início, logo no primeiro contato entre entrevistador e entrevistado, para que os participantes se sentissem à vontade antes da aplicação do questionário. Desse modo, instruímos os informantes a contarem um pouco da sua vida e da história de sua família. A conversa foi realizada em português, tanto com os ítalo-brasileiros quanto com os haitianos.

Observamos que os ítalo-brasileiros falaram sobre suas vidas e contaram detalhes da história de seus familiares. De modo geral, todos falaram bastante, com riqueza de detalhes da vinda dos seus antepassados para o Brasil. Notamos, que em alguns momentos, quando os informantes falavam de seus antepassados, eles usavam alguns termos de parentesco na língua *Talian*.

À primeira vista, observamos que os haitianos mostraram uma dinâmica um pouco diferente na conversa semidirigida. Iniciaram se apresentando, contando nome completo, idade, profissão, onde moram e há quanto tempo estão no Brasil, a diferença da conversa está nos poucos detalhes do cotidiano, falaram pouco sobre seus familiares, não entendiam as perguntas e por isso foi necessário adaptá-las para saber mais sobre as suas vidas e, mesmo dessa maneira, as respostas eram breves, sem muito detalhamento.

A fala dos ítalo-brasileiros e dos haitianos no questionário foram feitas de modo que o informante tivesse a liberdade em responder de maneira mais descritiva ou de forma mais objetiva. No grupo dos descendentes de italianos, as respostas eram mais aprimoradas, propiciando opiniões com mais detalhes, assim como perguntas que conhecemos como fechadas, com alternativas.

Desse modo, notamos que na fala dos ítalo-brasileiros no estilo do questionário, esperava-se que ao não saberem se expressar em português eles poderiam usar o *Talian*. No entanto, esta hipótese não se realizou porque todos os informantes responderam em português, desenvolveram suas respostas bem elaboradas em português. Exceto, quando a questão solicitava exemplo de expressões na língua *Talian*, assim respondiam que às vezes falavam aquele determinado termo lexical.

Os informantes haitianos tiveram outro comportamento, pois tanto nas respostas objetivas quanto nas discursivas, a maioria dos informantes não desenvolveu suas respostas, pouco elaboravam os relatos na língua portuguesa. Esperávamos que nestes estilos de respostas os informantes usassem a língua materna para concluir a mensagem que não

estavam conseguindo expressar no português, por exemplo, o *code-switching* ser mais presente. Na dimensão Dialingual, apresentamos mais detalhes de como ocorreu a fala dos informantes haitianos no quadro abaixo:

Quadro 11 Percepção dos usos das línguas por parte dos informantes

Ítalo-brasileiros	Haitianos												
<table border="1"> <thead> <tr> <th>Mulher</th> <th>Homem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>○</td> <td>○</td> </tr> <tr> <td>○</td> <td>I</td> </tr> </tbody> </table> <p>Legenda: ● <i>Talian</i>; ○ português; ◐ Português e <i>Talian</i> juntos; I não tem informante.</p>	Mulher	Homem	○	○	○	I	<table border="1"> <thead> <tr> <th>Mulher</th> <th>Homem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>◐</td> <td>◐</td> </tr> <tr> <td>●</td> <td>○</td> </tr> </tbody> </table> <p>Legenda: ● <i>Crioulo</i>; ○ português; ◐ Português e <i>Crioulo</i> juntos; ● Francês.</p>	Mulher	Homem	◐	◐	●	○
Mulher	Homem												
○	○												
○	I												
Mulher	Homem												
◐	◐												
●	○												

Fonte: Dados do ALCF:OC, criado por Letícia Cunha Zamaro

O quadro 11 mostra a comparação da habilidade da fala dos ítalo-brasileiros e dos haitianos. Os resultados são que no grupo dos descendentes de italianos o português é a língua que falam com maior frequência. No grupo dos haitianos, notamos uma diferença, eles usam com mais frequência duas línguas, o crioulo e o português juntos.

5.3.6 Análise da Habilidade da Fala considerando as diferentes dimensões em estudo

Na sequência, faremos a análise considerando as dimensões diafásica, diasssexual, dialingual e diastrática, a relação de usos da língua na habilidade da fala dos ítalo-brasileiros da Linha Colônia Cella e dos Haitianos que moram no bairro Efapi.

Primeiramente, perguntamos aos ítalo-brasileiros qual língua é mais importante na Colônia Cella? Tivemos como resultado que, na comunidade Cella fala-se português e *Talian*. Dois informantes disseram que a língua mais importante é o português; outra informante disse que é o *Talian* a língua mais importante. Veja no quadro a seguir está a representação dos resultados do questionário. Na sequência, faremos a análise considerando as dimensões **diafásica, diasssexual, dialingual e diastrática** e a relação de usos da língua na habilidade da fala dos ítalo-brasileiros da Linha Colônia Cella e dos haitianos que moram no bairro Efapi.

Primeiramente, perguntamos aos ítalo-brasileiros qual língua é mais importante na Colônia Cella. Tivemos como resultado que, na comunidade Cella fala-se português e *Talian*.

Dois informantes disseram que a língua mais importante é o português, outra informante disse que é o *Talian* a língua mais importante. Vejamos no quadro a seguir a representação dos resultados do questionário:

Quadro 12 A percepção por parte dos informantes sobre a língua mais importante nos pontos de pesquisa

Ítalo-brasileiros	Haitianos												
<table border="1"> <thead> <tr> <th>Mulher</th> <th>Homem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>○</td> <td>○</td> </tr> <tr> <td>◐</td> <td> </td> </tr> </tbody> </table> <p>Legenda: ● <i>Talian</i>; ○ Português; ◐ Italiano; ◑ Português e <i>Talian</i> juntos; não tem informante.</p>	Mulher	Homem	○	○	◐		<table border="1"> <thead> <tr> <th>Mulher</th> <th>Homem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>○</td> <td>◐</td> </tr> <tr> <td>●</td> <td>○</td> </tr> </tbody> </table> <p>Legenda: ● Crioulo; ○ Português; ◐ Português e Crioulo juntos; ◑ Francês.</p>	Mulher	Homem	○	◐	●	○
Mulher	Homem												
○	○												
◐													
Mulher	Homem												
○	◐												
●	○												

Fonte: Dados do ALCF:OC, criado por Letícia Cunha Zamaro (2020)

Os haitianos apresentaram respostas diferentes no que se refere à língua que é mais importante no bairro EFAPI. Os haitianos disseram que a língua mais importante é o crioulo, português e crioulo juntos, e somente o português. Isso significa que este dado reflete a oscilação do que eles consideram como língua mais importante neste território.

Na dimensão diasssexual, observamos as respostas dos homens e das mulheres desta pesquisa que, no grupo dos descendentes de italianos, as mulheres mostraram mais desenvolvimento nas respostas, mais riqueza nos detalhes, com relatos mais elaboradas falando em português. Por outro lado, o homem ítalo-brasileiro não desenvolveu as suas respostas, falando muito pouco se comparado às mulheres.

Em se tratando da competência da fala no grupo dos haitianos, os homens mostraram mais desenvolvimento na fala, em outras palavras, mostraram mais domínio nesta competência. Consideramos isso por desenvolverem, por acrescentarem mais detalhes nas respostas durante a entrevista, também por mostrarem vocabulário e apresentarem menos interferência das línguas crioulo e francês. Das mulheres haitianas, apenas uma fala em português e tinha como característica dar respostas pontuais, significativamente curtas e diretas, falando somente em crioulo e a irmã traduzindo para português.

A habilidade da fala na dimensão diastrática compreende relacionarmos como a escolaridade influencia na maneira de falar dos informantes ítalo-brasileiros e haitianos.

Dessa maneira, identificamos qual classe desempenhou melhor domínio da fala nas línguas de imigração. A nossa hipótese era a de que, possivelmente, o informante que tem maior escolaridade fala melhor. Os momentos em que os ítalo-brasileiros demonstraram a competência da fala na língua *Talian* foram somente nos momentos da leitura. Portanto, a entrevista foi realizada na língua portuguesa, dessa forma, notamos que ao compararmos as classes não houve disparidade de resultados pois ambos, Ca e Cb, mostraram bom domínio da habilidade na fala.

Ao relacionarmos e analisarmos a fala dos ítalo-brasileiros na dimensão diastrática, notamos que a escolaridade não influenciou no domínio da fala. Isso significa que, o fator nível escolar não apresentou diferenças na habilidade da fala porque todos os informantes ítalo-brasileiros demonstraram dificuldade em executar a leitura na língua *Talian*.

O grupo dos haitianos também teve a mesma oportunidade de demonstrar a habilidade da fala na língua de imigração no momento da leitura. Sendo o português língua estrangeira para o imigrante haitiano, também avaliamos como o fator escolaridade se comporta na competência da fala. Os resultados dos haitianos se revelaram diferentes se comparados aos resultados dos ítalo-brasileiros, pois os haitianos mostraram que a escolaridade influencia no domínio da fala nas línguas estrangeiras. Os informantes da Ca falam melhor que os informantes da Cb, mostrando mais desenvoltura em justificar as respostas falando em português, mesmo que sutilmente. Os informantes da Cb foram mais categóricos e pontuais em suas falas.

No que se refere à fala na conversa semidirigida no grupo dos ítalo-brasileiros, identificamos que a língua portuguesa foi a única utilizada por todos os ítalo-brasileiros. Todos dizem saber falar na língua de imigração em algum nível, justificam que, antigamente, no convívio com os avós, falavam mais o *Talian* e atualmente o uso da língua se limita apenas em algumas expressões.

Notamos que, em alguns momentos da conversa, a língua *Talian* se manifesta em alguns através dos usos de termos de parentesco. A título de exemplo, ao pesquisarem o contato linguístico alemão-português, no município de Colinas-RS, Horst (2011) e Horst e Krug (2012) destacam que o processo de lusitanização de termos do alemão está diretamente relacionado aos casamentos inter étnicos, entre alemães e pessoas de outras etnias. Dos três informantes descendentes de italianos, apenas um mencionou termo de parentesco do tipo sanguíneo. A informante CbGI-Ita-F mencionou os termos “nona” e “nono” quando contou a história de sua família, esses termos em *Talian* por algumas vezes foram mencionados também em português. Podemos perceber na descrição da fala da informante:

Informante: A minha avó, a minha nona que a gente chama né.. a mãe do meu pai é Ela que é descendente de italianos, ela veio com um ano de idade que ela veio da Itália com os pais dela. E eles foram morar lá pro Rio Grande do Sul né. Aí depois, eu não lembro com idade ela estava que ela veio para cá ! Daí ela casou também né.. ela casou jovem né naquela época se casava jovem ainda. Ela casou , teve três filhos. Depois, ela ficou viúva e casou de novo, teve mais o meu pai e mais a minha tia.. né ! Teve mais dois filhos. O meu pai, ele não chegou a conhecer o pai dele porque quando ela tava grávida eles mataram o meu nono né.. Aí ele não chegou a conhecer. E, aí ela viveu com meu bisavô que ajudou ela né.. a se manter, a cuidar dos filhos e tudo mais. É mais ou menos isso aí.. do lado da minha mãe já são caboclo que fala né? já são brasileiros né. Daí já nasceram aaa também a minha avó também vieram do Rio Grande do Sul depois vieram pra cá né pra ficar. (CbGI-Ita-F,)

Neste relato, a informante CbGI-Ita-F contou a história de seus antecedentes familiares dizendo que a avó é italiana e veio para o Brasil com seus pais quando tinha um ano de vida. Da Itália foram morar no Rio Grande do Sul e depois mudaram-se para Oeste de Santa Catarina, em específico na região do interior de Chapecó chamada de Linha Colônia Cella. Nesta localidade catarinense, a avó da informante se casou, teve três filhos, depois ficou viúva, casou novamente e teve mais dois filhos com o novo esposo, ou seja, no total a avó da informante teve cinco filhos, que depois da morte do segundo marido, o bisavô da nossa informante ajudou a criar/cuidar os órfãos de pai. A respeito dos familiares por parte da mãe, a informante disse que são caboclos e que já moravam na região do oeste de Chapecó-SC e que apenas a bisavó veio do Rio Grande do Sul.

De modo geral, na fala de todos os ítalo-brasileiros não houve interferências ou substituições de outras línguas. Observamos que apenas na fala da informante CbGI-Ita-F podemos entender que o português predominou, isto significa que não observamos o *code switching*, houve, poucas vezes, o uso termos de parentesco do tipo sanguíneo da língua *Talian* neste momento de conversa semidirigida.

5.3.7 A habilidade de compreensão auditiva dos ítalo-brasileiros e imigrantes haitianos

Nesta seção, mostramos a testagem da habilidade da compreensão nas formas orais das línguas dos informantes ítalo-brasileiros e imigrantes haitianos. A questão que buscamos respostas é a seguinte: qual etnia apresenta maior domínio na compreensão e na expressão das línguas por eles faladas? Nossa hipótese é que os ítalo-brasileiros apresentam maior domínio na compreensão auditiva no português e o menos no *Talian* e que os imigrantes haitianos apresentam domínio regular no português.

Ao descrever o bilinguismo, Mackey (1972) afirma que a pessoa pode ser bilíngue e não precisa ter domínio igual de todas as línguas, isso significa que a pessoa pode entender ambas as línguas, mas não saber falar nessas línguas. Para a testagem da compreensão

auditiva dos informantes desta pesquisa, primeiro descrevemos e analisamos as respostas ao questionário, que buscavam entender as compreensões das línguas dos informantes, depois descrevemos e analisamos os áudios contendo as falas dos ítalo-brasileiros e haitianos para avaliar o nível de compreensão do português. E, por fim, relacionamos os resultados obtidos por cada grupo étnico para identificarmos qual etnia apresenta maior domínio na habilidade de compreensão oral do português.

No grupo dos ítalo-brasileiros, os informantes tinham dificuldades em entender o enunciado de algumas perguntas, mas a não compreensão em nenhum momento foi em função da língua. Para resolver isto, a entrevistadora explicava com outras palavras, buscando sinônimos até ser esclarecido o sentido pretendido na questão. A título de exemplo, indicamos uma citação de um dos informantes ítalo-brasileiros:

Inquiridora: Como chamam as pessoas que não são de origem italiana? É tu tá falando no povo geral assim?

Informante: Eu não consegui assimilar direito se tu tá dizendo, os alemães são alemães que veem da Alemanha, os ingleses são ingleses quem nasce tu tá dizendo? Depois de explicar melhor a questão: Ah tá agora entendi. Eu me considero italiano, até mesmo pensando no sobrenome, ah os finco, os Cella, vieram da Itália, então a gente é de origem italiana, pensa desse jeito, até aqui mesmo a gente fala ah tu é alemão, tu é italiano, ou muitas vezes, italiano ou gringo. (CaGI-Ita-H)

Esta resposta sugere que o informante CaGI-Ita-H não compreendeu a pergunta, logo solicita que a entrevistadora explique melhor o que se pretende com a questão e nessa segunda tentativa ele compreende.

Vale ressaltar que nem todos os informantes haitianos possuem a competência auditiva na língua portuguesa bem desenvolvida, mas durante toda a entrevista, para cada grupo étnico, a língua dominante durante a coleta foi o português. No grupo dos descendentes italianos, todos diziam compreender o português e no grupo dos imigrantes haitianos dos quatro informantes, uma disse não falar nem compreender o português. Então, para esta informante realizar toda a entrevista, foi necessário o auxílio de sua irmã mais velha, que fazia a tradução do crioulo para o português. A seguir, mostramos através do quadro, a resposta que os informantes deram para pergunta do questionário sobre entenderem o português:

Quadro 13 Percepção por parte dos informantes sobre a compreensão do português dos ítalo-brasileiros e haitianos

Ítalo-brasileiros		Haitianos	
Mulher	Homem	Mulher	Homem
●	●	◐	◐
◐	◑	◑	◑

Legenda: ● Muito bem; ◐ Bem; ◑ Mais ou menos; ◒ Um pouco; ○ Não entende

Fonte: Dados do ALCF:OC, criado por Letícia Cunha Zamaro 2020

Neste quadro, temos o resultado do grau de percepção de cada informante em relação à compreensão auditiva do português. Os dados revelam que dois informantes ítalo-brasileiros têm um bom domínio na compreensão da língua portuguesa e uma informante disse que entende “bem” essa língua. No grupo dos haitianos, dois informantes responderam que entendem bem português, outro respondeu que entende mais ou menos e uma informante afirma que entende um pouco de português. Porém, como informado anteriormente, nem todos os informantes compreendiam o português, em alguns momentos da entrevista, os haitianos não compreendiam o conteúdo da pergunta e também não entendiam algumas palavras. Nesse sentido, sempre que eles informavam que não entendiam, repetíamos a pergunta e, mesmo com a explicação, alguns informantes respondiam, aparentemente, sem ter compreendido de fato o que se pretendia.

Por exemplo, nesta pergunta: e se a visita só fala português? Se sente melhor quando é uma visita que também fala Crioulo/francês? O informante CbGI-Hait-H respondeu: “Responde pra mim por favor. Fala de novo.” Esse dado sugere que ele não entendeu o conteúdo da pergunta e pediu pra repetir a questão. Nota-se que ele empregou o verbo “responder” de maneira incoerente com a frase, e, logo em seguida, ele percebe e usa o verbo correto” (CbGI-Hait-H).

Em outro momento da entrevista, o mesmo informante não entende a seguinte pergunta:

Inquiridora: Como chamam as pessoas que não são de origem haitiana? (Na língua de imigrante e no português?)

Informante: Religião? Como que é? É o vodu. Aqui no Brasil como que se chama que gosta de japonês vodu lá no Haiti mesmo como na igreja e eles fazem culto também eles fazem culto duas vezes (não entendi) todo mundo tem religião todo mundo tem religião se você não é evangélico você é do demônio igual. (CbGI-Hait-H).

Percebemos nesta resposta que o informante haitiano não compreende a pergunta, e questiona se entendeu correto, mas não dá chance para a entrevistadora explicar novamente o que realmente se pede na questão.

No que diz respeito à compreensão auditiva, analisamos se os gêneros – dimensão diassexual - influenciam para determinar o domínio no entendimento da língua portuguesa. Supomos que o gênero não influencia na compreensão da língua. Não encontramos diferenças significativas na competência da compreensão auditiva dos ítalo-brasileiros. Ambos os sexos demonstraram uma certa dificuldade de compreensão nos enunciados das perguntas. Porém, quando sanadas as incompreensões, tanto os homens quanto as mulheres descendentes de italianos apresentaram facilidade para compreender e assim desenvolveram suas respostas em português.

Referente à competência da compreensão auditiva dos imigrantes haitianos, os resultados foram semelhantes aos dos ítalo-brasileiros. Durante a entrevista todos os informantes haitianos, em certa medida, não compreendiam o que se falava, no sentido de a inquiridora, em praticamente todas as questões, precisar explicar mais de uma vez o que se pedia na pergunta. Resumindo, todos os homens e mulheres haitianos mostraram dificuldades de compreensão em português.

Ao analisarmos qual etnia tem maior competência na compreensão auditiva no português, podemos afirmar que os ítalo-brasileiros possuem maior domínio desta língua. Todos os haitianos, além de não entenderem o enunciado mesmo a entrevistadora explicando e usando palavras sinônimas, apresentaram respostas que, algumas vezes, não condiziam com o solicitado.

Analisamos a compreensão dos ítalo-brasileiros e dos imigrantes haitianos na dimensão diastrática, com o intuito de identificar qual classe, Ca ou Cb, tem maior domínio da língua portuguesa.

O fator escolaridade no grupo dos ítalo-brasileiros não influenciou na competência de compreensão oral do português, em outras palavras, não identificamos diferenças relevantes. De fato, como comentado anteriormente, as incompreensões não foram a nível língua e sim de interpretação do enunciado da pergunta. Portanto, todos os informantes da Ca e da Cb, em certa medida, não compreendiam o sentido da pergunta.

Em contrapartida, com os imigrantes haitianos encontramos diferenças significativas no que concerne a influência da escolaridade na competência da compreensão do português. A quantidade de incompreensões, tanto dos enunciados quanto ao reconhecimento das palavras, dos haitianos da Cb demonstrou mais dificuldades no entendimento do português falado.

5.3.8 Correlação dos dados relacionados às habilidades linguísticas

Nesta seção, mostramos a relação dos dados apresentados anteriormente para compreendermos o grau de bilinguismo dos informantes. Para isso, elaboramos um quadro mostrando as habilidades linguísticas dos dois grupos étnicos:

Quadro 14 Correlação dos dados no grau de bilinguismo dos informantes

Ítalo-brasileiros – Linha Colônia Cella					Haitianos – Bairro Efapi				
		<i>Talian</i>	Italiano	Português			Crioulo	Francês	Português
CbGI-Ita-F	Ler	◐	◑	◐	CbGI-Hait-F	Ler	◐	◐	◑
	Escrever	◑	○	◐		Escrever	●	◑	◑
	Compreender	●	◑	◐		Compreender	●	●	◑
	Falar	◑	○	◐		Falar	◐	◑	◑
CaGI-Ita-H	Ler	○	○	●	CaGI-Hait-H	Ler	●	●	◐
	Escrever	○	○	◐		Escrever	●	●	◐
	Compreender	◐	○	●		Compreender	●	●	◐
	Falar	◑	○	●		Falar	●	◐	◐
CaGI-Ita-F	Ler	◐	◑	●	CbGI-Hait-H	Ler	●	◐	●
	Escrever	○	○	◐		Escrever	●	◐	◑
	Compreender	●	◑	●		Compreender	●	◐	◑
	Falar	◑	○	◐		Falar	●	◐	◑
I Não tem informante					CaGI-Hait-F	Ler	●	●	◑
						Escrever	●	●	◑
						Compreender	●	●	◐
						Falar	●	●	◑
Legenda: ● muito bem; ◐ bem, ◑ mais ou menos; ◑ um pouco; ○ não sei									

Fonte: Dados do ALCF:OC, criado por Letícia Cunha Zamaro (2020)

O quadro 14 mostra os dados referentes à opinião de cada informante sobre suas quatro habilidades linguísticas. Extraímos esses dados do questionário metalinguístico, no qual os informantes precisavam identificar em cada habilidade, em forma de escala, as seguintes sugestões de respostas: “muito bem”, “bem”, “mais ou menos”, “um pouco” e “não sei”.

Interpretamos que os dados contidos neste quadro, referentes à correlação das línguas faladas pelos ítalo-brasileiros e pelos haitianos, revelam que os haitianos acreditam ter maior domínio na língua portuguesa se comparados ao domínio da língua de imigração dos ítalo-brasileiros. Em específico, os resultados mostram que os haitianos avaliam que falam “bem” e “um pouco” o português. Na prática da testagem, consideramos todas as habilidades linguísticas (escrever-ler-falar-compreender) e concluímos que os haitianos falam “bem” o português.

Interpretamos que os informantes ítalo-brasileiros, quanto ao grau de bilinguismo, compreendem mais *Talian* do que eles realmente acreditam. A compreensão do *Talian* não pode ser verificada na entrevista, mas nas conversas e nas respostas em português analisamos o uso deste dialeto e observamos que os informantes descendentes de italianos podem apenas sentir vergonha em falar o *Talian*, mas entendem muito bem e conseguem falar.

5.3.9 Função de usos das línguas dos ítalo-brasileiros e haitianos

Mostramos, nesta seção, a análise os dados para compreender as funções de uso das línguas dos ítalo-brasileiros dos haitianos. Para isto, analisamos as respostas do questionário que nos permitem identificar com quem, quando e onde os informantes utilizam suas línguas de imigração:

Quadro 15 Percepção por parte dos informantes sobre sua fala na língua de imigração

Ítalo-brasileiros da Linha Colônia Cella	Haitianos do Bairro Efapi												
<table border="1"> <thead> <tr> <th>Fem.</th> <th>Homem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>◐</td> <td>◐</td> </tr> <tr> <td>◑</td> <td>◑</td> </tr> </tbody> </table>	Fem.	Homem	◐	◐	◑	◑	<table border="1"> <thead> <tr> <th>Fem.</th> <th>Homem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>◐</td> <td>○</td> </tr> <tr> <td>●</td> <td>◐</td> </tr> </tbody> </table>	Fem.	Homem	◐	○	●	◐
Fem.	Homem												
◐	◐												
◑	◑												
Fem.	Homem												
◐	○												
●	◐												
<p>Legenda: ● <i>Talian</i>; ○ Português; ◐ Português e <i>Talian</i> juntos; ◑ não tem informante.</p>	<p>Legenda: ● Crioulo; ○ Português; ◐ Português e Crioulo juntos;</p>												

Fonte: Dados do ALCF, coletados por Letícia Cunha Zamaro (2020)

Com quem?

Para identificar com quem os ítalo-brasileiros costumam utilizar suas línguas, selecionamos três perguntas do questionário metalinguístico: a) Que línguas costuma falar na família? b) Quando vem visita, que língua prefere usar? E, c) Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?

Há diferença de como se comportam as línguas nos dois grupos étnicos. No grupo dos ítalo-brasileiros, informaram que costumam falar na família ambas as línguas, português e *Talian*: “Também, falo o português e o *Talian* aparece no meio, igual como ele falou e principalmente nas brincadeiras.” Interessante o detalhe que essas duas línguas são faladas com mais frequência nas famílias de descendentes de italianos com pessoas da geração mais velha. Portanto, os ítalo-brasileiros, ao responderem com quem falam as línguas *Talian* e português, citaram os pais, as tias e as sogras. O português geralmente é utilizado somente com a geração jovem, filhos, sobrinhos e primos. A título de exemplo, segue o relato de uma informante:

Inquiridora: Que línguas costuma falar na família?

Informante: “Aqui em casa é muito pouco. Mais mesmo é quando a gente vai no pai mesmo. O pai é que puxa umas conversas em italiano. Quando eu era mais pequena, que a gente morava com a minha nona, ela só falava o italiano. Então a gente convivia mais. Aí depois que eu casei na minha casa não é mais quando a gente vai no pai mesmo”. (CbGI-Ita-F)

A resposta da informante CbGI-Ita-F mostra que depois que casou o *Talian* é muito pouco falado com seu marido e filhas. Contudo, a maior frequência no uso desta língua de imigração está nos momentos em que ela vai visitar seu pai e, juntos, falam em *Talian*.

Os haitianos, apresentaram um resultado diferente, sendo a maior frequência do uso de crioulo com seus familiares. Uma das possíveis justificativas para esse resultado é o fato de os informantes deste estudo residirem sozinhos aqui no Brasil, mantendo contato com seus familiares que estão no Haiti. As informantes CaGI-Hait-F e CbGI-Hait-F são irmãs que moram juntas, porém uma delas não sabe falar português, e justificaram que falam mais crioulo, às vezes francês e um pouco em português, como cita CaGI-Hait-F: “crioulo, ela costuma falar crioulo. Praticamos um pouco o português mas ela não fala bem nós falamos crioulo, só crioulo, um pouco palavra francês porque tem palavra francês que mistura na língua crioulo, mas nós falamos crioulo.”

Ambos os grupos étnicos falam a língua de imigração com pessoas da família, com a diferença que no grupo dos ítalo-brasileiros os informantes falam o *Talian* com os familiares da geração mais velha. Ambas as línguas, português e *Talian*, são faladas com os demais

familiares da geração jovem (filhos, primos, irmãos e sobrinho) com a redução de que com essa geração o *Talian* se apresenta na configuração de descontração, nas brincadeiras e piadas, sendo o português a língua principal na geração jovem. No grupo dos haitianos, a língua de imigração está mais presente em ambas as gerações, falam crioulo com os irmãos, com os pais e com os avós que estão morando no Haiti, pois a maioria dos haitianos desta pesquisa residem sozinhos no Brasil, mas afirmaram que falam com bastante frequência com seus familiares através de contato por telefone.

Quando recebem visita, os resultados são diferentes se comparados ao contato das línguas de imigração com as pessoas da família. Os ítalo-brasileiros, quando perguntamos a língua de preferência ao receberem visitas, dos três informantes, dois responderam que a língua principal é o português, mas que o *Talian* aparece de forma nas expressões, piadas e brincadeiras e uma informante especificou que se a visita for uma pessoa de mais idade (GII) seu comportamento é diferente, segue a resposta na íntegra:

Inquiridora: Quando vem visita de uma amigo ítalo-brasileiro que língua prefere usar?

Informante: “Se a pessoa quiser falar em italiano pra mim. Eu gosto de ouvir que nem eu falei né. Desde quando a gente sai e vai visitar pessoas mais antigas né eles costumam falar mais do que nós né. Aí ele já perguntou né se a gente entende, se pode falar italiano? Não, pode falar! A gente responde: pode falar em italiano! Eu entendo, falo pouco mas eu entendo assim, eu gosto de escutar eles falando né. Mas eu prefiro assim né, se eles quiserem falar em italiano podem falar! Só eu não vou falar, eu vou entender tudo no caso. Falar mesmo eu falo muito pouco no italiano. Risos”. (CbGI-Ita-F)

O relato da CbGI-Ita-F sugere que se a visita é uma pessoa com mais idade (GII) prefere falar em italiano e gosta de ouvir, mas fala pouco nesta língua. Portanto, apenas esta informante fez essa especificação de fala na variedade italiana com visitas. Percebemos uma certa insegurança por parte da informante quando diz que prefere e que gosta de ouvir os idosos falando em *Talian*, mas que fala pouco nesta língua de imigração.

Na configuração das respostas dos haitianos, obtivemos dados mais detalhados referente às pessoas com quem falam as línguas. Nesse sentido, as respostas variaram entre depende a pessoa, falamos português e crioulo e uma informante respondeu somente crioulo porque não sabe falar português. Portanto, dos quatro informantes, três responderam que falam sempre em crioulo quando identificam pelas características físicas que a pessoa é haitiana, caso contrário falam português. Também, relataram que se o amigo haitiano sabe falar português falam nesta língua para poderem praticar mais a fala, mas se o amigo haitiano quer falar em crioulo ou francês o informante respeita e também usa estas línguas.

Inquiridora: Quando vem visita de uma amigo haitiano, que língua prefere usar?

Informante: Tá espera. Tem um problema aqui, se eu tenho um amigo haitiano que fala português, eu falar português com ele. Mas se ele não fala português eu falo qualquer, falo Criolo com ele porque nem todo mundo, tem muito haitiano que não fala português. Criolo, português. (CbGI-Hat-H)

O informante simula a estratégia para identificar qual língua vai usar numa conversa com um amigo:

“O amigo, tudo bem? Se ele responder: Tudo certo. Em seguida uso português”.
(CbGI-Hat-H)

O informante CaGI-Hait-H mostra que ele não usa somente a estratégia de identificar a etnia pelas características físicas para definir qual língua utilizara com aquela pessoa. Entendemos que quando o informante está em outros contextos, fala primeiramente em português e, se a pessoa responde em português, continua a conversar nesta língua, caso ele percebe que a pessoa não fala português, então usa crioulo ou francês.

Comparando os resultados entre os grupos ítalo-brasileiros e haitianos, notamos que os ítalo-brasileiros usam a língua *Talian* somente quando recebem visitas das pessoas da GII. Os haitianos, mostram uma atitude um pouco diferente, a maioria disse que se sabem que é uma pessoa haitiana sempre falam em crioulo, mas também tivemos um informante que usa estratégias para identificar se a visita fala determinada língua.

Quando?

Nesta seção, mostramos em que ocasião os informantes ítalo-brasileiros e haitianos utilizam cada língua. Para isto, analisamos as respostas que buscam identificar situações em que eles usam o *Talian* e o português, para os descendentes de italianos, e crioulo, francês e português, para os imigrantes haitianos. Começamos a análise pela frequência de uso das línguas, em que os informantes precisavam escolher uma das seguintes opções: “todos os dias”, “frequentemente”, “de vez em quando”, “raras vezes” e “nunca”.

Observamos que, no grupo ítalo-brasileiro, todos responderam as mesmas alternativas. Sendo que utilizam com mais frequência o português se comparado ao uso do *Talian*. Alegam, portanto, que usam o português todos os dias e o *Talian* de vez em quando.

Quadro 16 As línguas que os informantes falam na família

Ítalo-brasileiros da Linha Colônia Cella	Haitianos do Bairro Eflapi												
<table border="1"> <thead> <tr> <th>Fem.</th> <th>Homem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>◐</td> <td>◐</td> </tr> <tr> <td>◐</td> <td> </td> </tr> </tbody> </table>	Fem.	Homem	◐	◐	◐		<table border="1"> <thead> <tr> <th>Fem.</th> <th>Homem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>●</td> <td>●</td> </tr> <tr> <td>●</td> <td>●</td> </tr> </tbody> </table>	Fem.	Homem	●	●	●	●
Fem.	Homem												
◐	◐												
◐													
Fem.	Homem												
●	●												
●	●												
<p>Legenda: ● <i>Talian</i>; ○ Português; ◐ Português e <i>Talian</i> juntos; não tem informante.</p>	<p>Legenda: ● Crioulo; ○ Português; ◐ Português e Crioulo juntos;</p>												

Fonte: Dados do ALCF, coletados por Letícia Cunha Zamaro (2020)

De modo geral, como percebemos no quadro 16, que mostra a percepção dos informantes no que se refere à percepção das línguas que mais costumam falar, obtivemos como resultado que no grupo dos ítalo-brasileiros todos confirmam que falam mais o português. Já no grupo dos haitianos, as respostas referentes a qual língua falam mais variaram entre português e crioulo juntos, somente português e somente crioulo. Concluímos que os ítalo-brasileiros não falam mais a língua de imigração (*Talian*) e os haitianos apresentam uma leve tendência para a combinação de usos de português e de crioulo.

Onde?

Determinando os locais onde são utilizadas as línguas de imigração, podemos determinar a quantidade de áreas de contato entre *Talian* e português, crioulo-francês e português. Com a pergunta que línguas você fala nas seguintes ocasiões em seu município, determina as funções externas do uso das línguas. Neste caso, perguntamos quais eram as línguas usadas em cada estabelecimento, por exemplo, no correio, no supermercado, nas lojas, no sindicato, no restaurante, na prefeitura, no posto de saúde, com o padre/pastor, nas festas e nos bailes, no posto de gasolina e no trabalho?" Nas respostas dos informantes de cada grupo étnico é possível compreender qual é a variação, frequência, pressão nos usos das línguas para cada contexto.

No correio, no mercado, no sindicato, na prefeitura, no confessionário e no posto de gasolina, os haitianos afirmam que falam português. No restaurante, no posto de saúde, nas festas/bailes e no trabalho, alguns haitianos disseram que depende, se a pessoa for haitiana,

eles vão falar em crioulo ou francês. Com o padre/pastor, alguns informantes disseram que falam um pouco em português, que falam mais em crioulo.

Os ambientes que os ítalo-brasileiros falam português são correio, mercado, sindicato, restaurante, prefeitura, posto de saúde, com padre/pastor, confessionário, posto de gasolina e no trabalho. Com exceção aos bailes e festas, em que eles disseram que usam português e *Talian*, dependendo da pessoa que encontram na ocasião.

Todos os informantes haitianos revelaram que a língua predominantemente usada no contexto familiar é o crioulo. O informante CaGI-Hait-H reside no bairro Efapi com seu irmão e quando perguntamos que línguas costuma falar na família, ele respondeu que, ao falar com seu irmão que também mora aqui no Brasil, usa bastante crioulo, apesar de seu irmão também falar português. Ao detalhar a frequência do uso das línguas crioula e portuguesa:

Inquiridora: Que línguas costuma falar na família? (Quantas vezes? Quando, com quem?)

Informante: Às vezes, nos falamos mais em Criolo. Às vezes, faz um pouco tempo conversamos com português também porque ele tem uma capacidade também na língua portuguesa.

Inquiridora: Que língua você usa mais?

Informante: Que?

Inquiridora: No sentido de usar bastante o crioulo ou o português falando com seu irmão?

Informante: Sim, é bastante crioulo né, as vezes faz um pouco tempo conversamos com português também”. (CaGI-Hait-H)

Ainda sobre a percepção de língua, encontramos uma resposta diferente, este informante demonstra a necessidade de praticar o português e por isso ele cobra até que seus amigos haitianos que falem nesta língua. Também, percebemos que ele se importa em aprender a falar o português e tem o objetivo de que com a prática consiga falar igual a um brasileiro. Nas palavras do informante:

Inquiridora: Que tipo de língua é? Como se chama? Podia falar "um pouquinho sobre o que é típico haitiano

Informante: Eu Mora sozinho aqui no Brasil. crioulo, aqui falo mais o crioulo porque eu tenho muitos amigos brasileiros, depois amigos haitianos que falam crioulo todo dia. Eu falando com meus amigos haitianos: - “Por favor, fala português comigo porque eu quero falar português muito bom falando com me ajudame porque quero falar português muito bom como um brasileiro que fala português.” (CaGI-Hait-H)

Outra configuração de uso linguístico se mostrou no contexto religioso. Obtivemos como resposta que na igreja haitiana há uma organização pensando tanto nos haitianos que sabem português, quanto naqueles que falam só em crioulo:

Inquiridora: Como e/foi na universidade e na igreja o uso de Crioulo/Francês?

Informante: Sim, sou Evangélico. Eu sempre vai na igreja. Cada domingo, vou duas vezes na igreja. De manhã vou na igreja haitiana ali é sempre Crioulo, sempre Crioulo, nada de português. Somente acho que é 4 domingo do mês, esse dia é sempre um pastor brasileiro vem na igreja para conversa com as pessoas. Nesse momento ter uma pessoa na igreja para traduzir para outras pessoas, porque já já eu falei para você, tem bastante haitiano e haitiana quem não sabe nada na língua portuguesa né. Por isso, o pastor da igreja bem que é...Assim, eu falei na igreja quando o pastor brasileiro vem para conversa com as pessoas na igreja ou pastor na igreja haitiana ele pegar uma pessoa para traduzir para todas as pessoas. Se não tem muitas pessoas não vai entender. Porque eles não eles não têm a capacidade na língua portuguesa. Não tem dois culto na igreja. Tem, é porque não é fácil para encontrar um brasileiro ou uma brasileira visitar a igreja haitiana se ele não tem uma atividade bem específico. Só que eu eu vou duas vezes na semana na Igreja Todos os Domingos de manhã eu vou na igreja haitiana e à noite vou na igreja brasileira porque que eu gostaria de ter uma uma colaboração com as pessoas que já fala bem a língua portuguesa porque eu sei Eles vão, eles vão me ajuda né. Ainda mais para ter uma capacidade mais avançada (CaGI-Hait-H)

Entendemos que o CaGI-Hait-H explicou como se organizam na igreja para o uso do crioulo e do português. Neste ambiente religioso, os haitianos falam mais o crioulo, mas às vezes vem um pastor brasileiro pra conversar com as pessoas haitianas e nesta situação o pastor haitiano chama outra pessoa para traduzir o que o brasileiro está dizendo. O interessante é que este informante disse que frequenta as duas igrejas, a haitiana e a brasileira. Costuma frequentar a igreja dos brasileiros para poder ter mais contato e praticar português.

No trabalho, um dos informantes haitianos explicou que ajuda colegas que não sabem português. No relato a seguir, percebemos a estratégia que ele criou para auxiliar o aprendizado do português neste ambiente empregatício:

Inquiridora: Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa Crioulo/Francês, mas insistia em só falar português?

Informante: Daí perto de minha casa e no meu trabalho também, no meu trabalho tem muitas pessoas, especificamente os haitianos e haitianas, eles não falam português. É por isso, nesse momento, o posso te mostrar aqui eu faço, eu estou preparando uma, uma, uma, uma folha no português e crioulo para dar com uns amigos no meu trabalho e perto de minha casa porque eu quero aprender aprender..eu..quero aprender aprender eles a falar a língua português. Mas eles não têm a vontade, às vezes sobre falando os documentos eles não vem para buscar. (CaGI-Hait-H)

Outra situação, referente ao sentimento de vergonha de falar crioulo ou francês, o informante haitiano revelou que ele não sente vergonha em falar essas línguas. A título de exemplo, ele descreve como é o contato do crioulo e do francês lá no Haiti, informando que lá a pessoa, em algumas localidades, não tem o poder de escolher qual língua prefere usar. Portanto, se a pessoa não sabe falar em francês em determinado local que é obrigatório o uso

desta língua ela pode se sentir intimidada, envergonhada. Por isso, este informante lembra que não viveu situações dessa natureza aqui no Brasil:

Inquiridora: Existem situações em que você tem vergonha de falar crioulo/Francês?

Informante: Acho que acho que para mim não mas quem algumas pessoas que ele que pensam quando ele ele ele ele fala que ouro francês nenhum lugar é um problema é isso não é uma Isso é uma problema Regional porque doente também tem algumas alguma localidade do Haiti é uma obrigação quando uma pessoa chegará para conversar em francês se ele fala somente crioulo as pessoas vai não vai aceitar ele com uma cara de alegria quem escritório também do Haiti quando você chegar a você viu um aviso aqui é o crioulo é proibido isso existe na escura também tem uma categoria de escolha do Haiti Os alunos não fala crioulo dentro na escola somente na fora e dentro na escola não vai não mas aqui no Brasil situação semelhante acho que não. Na universidade Curioso mesmo a universidade a universidade dessas pessoas têm direito para conversar em qualquer língua. E, no trabalho sempre crioulo é 80%, o moço dizer uma moça de lá é 80% de 20% essas pessoas que têm a capacidade para conversar pode. Quando o chefe do trabalho e se ele se ele quer se ele quer passa uma mensagem ele precisa ter uma pessoa para o outras pessoas que não falam (CaGI-Hait-H)

Ele finaliza sua resposta especificando como é o contato das línguas crioulo e português no contexto de trabalho, afirmando que a língua crioulo é usada com mais frequência porque tem muitos haitianos que não sabem falar português. Em razão disto, quando precisam falar com o chefe, por exemplo, este haitiano que sabe português precisa auxiliar os colegas haitianos.

Portanto, no ambiente trabalho, os haitianos revelaram que o crioulo é usado com maior frequência. Esta informação foi constatada por dois dos quatro informantes haitianos. Os informantes CbGI-Hait-H, CaGI-Hait-F e CbGI-Hait-F não trabalham, por isso não descreveram nada sobre o contato das línguas crioulo, francês e português neste contexto empregatício. CbGI-Hait-H afirma: “Ah tá trabalho com meu chefe eu falo português, quando estou com meus amigos haitianos eu falando Crioulo porque eu tenho muito amigo que fala Crioulo, depois francês um pouco aqui no Brasil”. A resposta de CbGI-Hait-H revela que ele usa português no trabalho, em situações de descontração com os amigos falam em crioulo e com aqueles amigos haitianos que não falam crioulo ele usa o francês.

5.4 Os desafios linguísticos dos ítalo-brasileiros e imigrantes haitianos

A situação linguística dos imigrantes apresenta muitos obstáculos para manter e para preservar a língua e a cultura. Algumas dificuldades que os italianos enfrentaram no século XIV foram a falta de direitos linguísticos, fato que acabou impulsionando o processo de perda linguística. O maior exemplo disto foi a proibição do uso das línguas de imigração na política do Estado Novo CAMPOS (2006).

Na configuração da situação linguística do novo imigrante pode haver diferenças e semelhanças se comparada à situação linguística do antigo imigrante. Em um estudo sobre o comportamento de docentes frente ao acolhimento do imigrante na escola pública de Chapecó, Horst e Bertiotti (2019) identificaram que há muitas crenças que impedem os professores de colocarem em prática o respeito à diversidade. Muitos docentes acreditam que as escolas devem promover um ambiente cultural e linguisticamente plural, mas têm dificuldade em fazê-lo em sala de aula. As instâncias organizacionais e políticas, muitas vezes, não consideram a sala de aula multilíngue. O estudo de caso de Horst e Krug (2020) apresenta possibilidades simples que podem ser adotadas por professores em suas salas de aula, em um trabalho conjunto entre família e escola, sem que a escola e a sociedade façam grandes investimentos financeiros, uma vez que se trata de uma mudança de postura e de atitude perante a realidade pluriétnica das escolas brasileiras.

A lacuna está para estudos envolvendo a situação das línguas maternas do imigrante haitianos (novo imigrante) a fim de dar visibilidade a pluralidade linguística no Brasil e também para mudar o curso de substituição das línguas de imigração e perda do bilinguismo, como ocorrido com os descendentes de italianos. Nosso objetivo desta seção é apresentar os desafios linguísticos dos descendentes de italiano e imigrantes haitianos para verificar se há semelhanças de situações linguísticas nos grupos étnicos envolvidos nesta pesquisa. Supomos que o novo imigrante vive realidades distintas que podem influenciar para uma perda irreparável do seu bilinguismo.

Ressaltamos a escolha de pesquisar os dois grupos de informantes, ao compararmos a situação linguística desses grupos étnicos tivemos o diagnóstico de que os ítalo-brasileiros estão num estágio mais avançado de “perda” da variedade do Talian, enquanto os haitianos estão passando por um estágio inicial de substituição e perda do bilinguismo. Dar visibilidade para estas variedades de línguas de imigração poderá mostrar que há como pôr em prática atitudes que podem evitar ou desacelerar o processo de “perda” linguística referente às línguas de imigração.

Para listar as semelhanças e as diferenças das realidades linguísticas de nossos informantes, investigamos os relatos que descreviam experiências vividas que poderiam ser vistas como desafios linguísticos. Dessa forma, selecionamos algumas questões em que apresentaram algumas vivências e agrupamos essas respostas em categorias, de modo a melhor visualizar cada momento. A seguir, destacamos os resultados contendo os principais acontecimentos linguísticos em comum e distintos entre os grupos étnicos, depois especificamos alguns obstáculos extralinguísticos que os haitianos enfrentam.

Para realizar a primeira análise, primeiramente organizamos as respostas por temáticas relacionadas a partir das respostas em comuns dos dois grupos étnicos. Desse modo, as categorias que nomeamos como desafios são as seguintes: 1) preconceito linguístico; 2) motivações para a manutenção da língua de imigração e 3) racismo e xenofobia.

O preconceito linguístico é uma das temáticas relacionadas entre os grupos étnicos. Então, buscamos refletir sobre as implicações dessa situação para a língua de imigração. Preconceito linguístico, segundo Marcos Bagno (1999), é o julgamento depreciativo com relação às variedades das línguas. Os dados mostram que há discriminação na língua, fato que é exemplificado no relato do informante CaGI-Ita-H, que faz alusão ao mito exposto por Bagno: “O certo é falar assim porque se escreve assim”. Dos três informantes descendentes de italianos, um relatou situação de preconceito linguístico.

O preconceito linguístico não é o foco dos informantes ítalo-brasileiros e haitianos, mas esses julgamentos se manifestaram de forma curiosa. A maneira que o informante descreve a situação de julgamento na língua portuguesa está mais voltada à escolha, à atitude. O informante ítalo-brasileiro faz referência ao bem falado e ao bem escrito, mas escolhe falar sem ser na norma culta no contexto universitário, para não ser apontado como aquele que “fala tudo certinho, o povo fala: aquele professor é metido, é todo o culto”. Segue na íntegra o que o informante disse:

Inquiridora: Em sua opinião, qual é a língua mais importante aqui?

Informante: O português bem escrito e bem falado porque a gente apanha bastante, primeiro. Aí depois eu inglês espanhol italiano, o português a gente precisa bastante porque precisa sempre estar se comunicando, tu tem que ter alguma forma de falar dentro de um padrão culto. E a gente sempre acaba trazendo algumas coisas que são próprias de Chapecó, a região de Chapecó tem muitas gírias: tem o krein né; tem muitas coisas que aparece até na aula. Você acaba assim na turma, no contexto, porque você cria uma sinergia legal e se a turma te vê falando assim com os alunos, quando vejo eu já fugi dessa parte e entra no pessoal. Assim é você se aproxima mais as pessoas. Se você fala tudo certinho, o povo fala aquele professor é metido, é todo o culto, se você é bem simples e espontâneo agrega né. Essa troca de conhecimento fica uma parceria. O *Talian* entra na importância junto com espanhol na terceira posição depois do inglês o *Talian* tá ali junto. As outras línguas, nunca toquei no assunto, então o *Talian* usar no dia a dia.. uso. Mas já o espanhol eu uso menos aqui na comunidade, eu encontro mais pessoas que falam italiano. (CaGI-Ita-H)

Esse exemplo de situação de preconceito linguístico é atípico, pois é muito mais comum encontrarmos relatos contento depreciação da língua. Neste caso, podemos interpretar que o preconceito se relaciona ao mito de que português deve ser bem escrito e deve ser bem falado. Conforme o informante CaGI-Ita-H, na prática, no contexto universitário, é possível reconhecermos na fala as expressões da variedade regional, a variedade chapecoense, como

algo que aproxima as pessoas e torna o ambiente mais pessoal, sendo que a fala informal com os alunos pode facilitar no aprendizado.

No grupo dos haitianos, o preconceito linguístico se manifesta de outra maneira, sob o julgamento e o desejo de falar igual a um brasileiro, aquele falar sem sotaque estrangeiro. Dos quatro informantes haitianos, dois apresentaram em suas respostas o preconceito referente à língua. Portanto, o resultado nos mostrou que o preconceito linguístico apareceu em situações nos dois grupos étnicos. A localização geográfica de um dos grupos também é um fator importante na influência para a manutenção ou substituição linguística, Pertile (2009) destaca que este fator da localização pode acarretar mudanças na forma de falar. Conforme a informante CaGI-Hait-F, quando perguntamos se ela já sentiu vergonha em falar português ela respondeu: “Sim, porque eu acho que minhas palavras e minha sotaque é um pouco diferente.” E, em outro momento da entrevista, a mesma informante relatou uma situação em que estava com alguém que sabia a sua língua crioulo ou francês, mas insistia em só falar português, e ela sentiu-se envergonhada porque queria saber falar bem o português:

Inquiridora: Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa crioulo/francês, mas insistia em só falar português?

Informante: “Sim, já aconteceu que eu só quer falar o português já aconteceu o Eu me sinto mal eu tenho vergonha de falar, quando eu estou com alguém que fala só português tenho vergonha pra mim não é legal de parar porque eu queria falar bem português sinto avaliada sim”. (CaGI-Hait-F)

Comparando os dados de cada grupo étnico, observamos que o preconceito linguístico é uma realidade em ambos, porém os informantes da etnia haitiana deixaram, em suas respostas, profundamente marcados esses julgamentos na língua. Embora no grupo dos ítalo-brasileiros também apareceu uma situação de julgamento na língua, foram com os haitianos que apresentaram maior frequência de situações de juízos de valor nas línguas.

Esse resultado vai de encontro ao que diz Appel e Muysken (1996) referente ao estigma, percebemos este sentimento de vergonha da informante que por apresentar sotaque de estrangeiro ao falar em português a torna diferente e isso causa o sentimento de vergonha. Desse modo, o esperado é a reação da informante em tentar se igualar ao brasileiro para não ser alvo do preconceito linguístico:

“Todo aquele que diferencia um grupo a outro constitui a identidade do grupo. Ainda não há critérios fixos, um grupo se considera grupo étnico com uma identidade étnica específica quando é suficientemente diferente dos outros grupos”. (Appel e Muysken 1996, p.24 tradução nossa)

Quando um indivíduo tem um atributo que o torna diferente dos outros, talvez menos desejável, ele se impõe ser igual aos outros pela dificuldade pode afastar as pessoas, que deixam de ver seus outros atributos estamos em face de um estigma.

Ao percebermos que o preconceito linguístico é uma situação presente nas realidades dos ítalo-brasileiros e haitianos, ressaltamos que é preciso atitudes positivas frente à fala. O primeiro passo pode ser dado com os professores no combate às crenças que estão relacionadas ao preconceito linguístico. A falta de maiores esclarecimentos acerca desta temática acaba fortalecendo o preconceito em relação às línguas.

No grupo dos ítalo-brasileiros, visualizamos como desafios as motivações para a manutenção da língua de imigração. Isso significa que os dados mostrados nesta pesquisa sobre o bilinguismo revelaram que os ítalo-brasileiros já não falam com muita frequência o *Talian*, pois o contato com esta língua está nas conversas com pessoas da GII. Se as pessoas da geração mais velha falecerem, será uma motivação a menos para manterem a língua *Talian* em uso, já que encontramos cada vez menos pessoas que falam essa língua de imigração.

Portanto, a escassez de falantes de *Talian* na geração jovem revela que essa língua de imigração está se perdendo. Os avós são um importante vínculo de motivação e de preservação da língua de imigração, todos os informantes ítalo-brasileiros mencionam que era com os avós o maior contato com a língua *Talian* e quando os avós morrem, perdem essa motivação.

Considerando as estratégias para manter o uso na língua *Talian*, mesmo que os resultados tendem para a perda desta língua de imigração entre a GI, notamos que nas respostas dos informantes ítalo-brasileiros aparecem algumas situações que eles criam para manter o contato com esta língua, além do uso no contexto familiar.

A informante CbGI-Ita-F disse que costuma assistir ao canal religioso em que passa a missa na língua italiana:

Inquiridora: Como é o uso do talian na igreja?

Informante: “Na verdade, hoje acho que não tem mais nada na igreja do italiano. Hoje tá tudo no português mesmo. Eu assisto algumas missa que tem o papa que tem outros que rezam em italiano mais nessas épocas que é quaresma, final de ano que a gente tá mais envolvido né, então a gente acaba assistindo mais essas missas que eles rezam em italiano e eu gosto de assistir né mas se não aqui não tem mais assim. Que a gente conhece né é onde a gente tá.(CbGI-Ita-F)

Podemos interpretar essa ação da CbGI-Ita-F como uma motivação em manter o contato com a língua italiana, o ideal seria haver mais ações motivadoras. Dos três informantes ítalo-brasileiros, apenas um demonstrou querer manter vivo o contato com a língua.

Importa ressaltarmos a dificuldade de encontrar um dos informantes que estabelecemos para esta pesquisa. A meta era encontrar um homem e uma mulher, com idades entre 18 e 36 anos (GI), menos escolaridade, que residam na comunidade Cella e que falem o *Talian*. Não encontramos um homem com todos esses critérios. Uma das barreiras foi, além da língua por não acreditarem que sabiam *Talian*, a escolaridade, pois os descendentes de italianos que foram contatados tinham o terceiro grau completo ou em andamento.

As motivações no grupo dos haitianos apresentaram uma configuração diferente. Eles apresentaram tanto motivação para a aprendizagem do português quanto para a manutenção da língua de imigração. O desafio é manterem a motivação, já que alguns haitianos não estão motivados a aprender a língua. Entre os informantes imigrantes desta pesquisa, muitos citaram que criam suas estratégias para aprender e para praticar a língua portuguesa, por exemplo, assistindo tutoriais no youtube, ouvindo músicas, assim como criam estratégias para acolher o colega haitiano que não fala português, como demonstra o trecho da pesquisa a seguir: irmã responde em português “ela aprende o português no youtube”, inquiridora: “são aquelas pessoas que dão aulas de português no youtube?”, a irmã traduz “sim” (CaGI-Hait-F).

Entendemos que os dados mostraram essa necessidade em aprender o português, para eles, saber a língua local é uma questão de sobrevivência e de adaptação na sociedade brasileira. Em se tratando dessa emergência em aprender o português, precisamos refletir sobre essa maneira abrangente de aprender línguas por meio de vídeos e tutorias da internet, sem a base a base didática de cursos de línguas.

Desse modo, talvez por estarmos vivendo uma situação de pandemia, os informantes haitianos permanecem motivados a continuarem aprendendo o português por meio de outras ferramentas, além do ensino de línguas oferecido pelo Centros de Referência da Assistência Social - CRAS- EFAPI, Chapecó-SC. Por exemplo, na pergunta sobre já ter acontecido uma situação de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, crioulo ou francês, mas que insistia em só falar português, o informante respondeu da seguinte maneira:

Informante: Sim, não é fácil para encontrar isso porque tem muitos haitianos e haitianas né, eles não têm sempre a vontade para avançar na língua portuguesa. Porque, eu eu fiz um grupo no WhatsApp com acho que é 6 haitianos. Eu falei, eu falei pra eles nesse grupo: “- Vamos conversar somente em português!” Acho que uma semana tudo certo nessa semana, depois ninguém, eu nunca vi uma pessoa nem falá nem escreve no grupo até hoje né. O grupo fica é vazio, fica vazio (risos) por isso eu falo é difícil, é difícil. Daí perto de minha e no meu trabalho também, no meu trabalho tem muitas pessoas especificamente os haitiano e haitiana eles não falam português. É por isso, nesse momento, o posso te mostrar aqui eu faço, eu estou preparando uma, uma, uma, uma folha no português e Crioulo para dar com uns amigos no meu trabalho e perto de minha casa porque eu quero aprender aprender eu quero..aprender..aprender eles a falar a língua português. Mas eles não têm a vontade, às vezes sobre falando os documentos eles não vem para buscar. (CaGI-Hait-H)

A resposta acima, do informante CbGI-Hait-H, mostra dois exemplos de motivação para praticar o português, a primeira é o grupo de Whatsapp e a segunda é o contexto de trabalho. É interessante observarmos que as motivações apresentadas aqui podem ser positivas, no sentido de praticar o português, mas, ao mesmo tempo, podem gerar outro desafio, que é a desmotivação por parte de alguns haitianos que se recusam a aprender ou que podem ter dificuldades no aprendizado, logo não se sentem motivados em praticar português no grupo do Whatsapp. No trabalho, este informante busca incentivar os colegas haitianos recém chegaram ao Brasil e os que estão em fase de aprendizado do português, para acolher os colegas haitianos o informante constrói avisos escritos nas três línguas.

Outro desafio observado é a inviabilidade da diversidade linguística dos imigrantes. Os resultados desta pesquisa mostram que os haitianos precisam ser melhor amparados no que se refere às políticas linguísticas. A título de exemplo, retomamos a situação que temos uma informante CbGI-Hait-F que recentemente chegou ao Brasil e, por esta razão, não fala português. A irmã mais velha CaGI-Hait-F traduziu as respostas da irmã para ela poder participar deste estudo. Queremos, com esta informação, lembrar as situações que a CbGI-Hait-F relata no contexto escolar, em que a irmã traduz o conteúdo escolar para a menina seguir aprendendo as disciplinas.

Em um estudo sobre os desafios de uma educação plurilinguística em um país que se diz monolíngue, Horst e Krug (2020) mencionam que é preciso planejamento e motivação para lidar com situações que não são favoráveis à educação plurilinguística.

Nesse contexto, percebemos a necessidade de uma intervenção política que seja favorável à manutenção das línguas minoritárias, que façam planejamentos linguísticos.

A xenofobia foi registrada nas respostas dos informantes haitianos, mesmo que a as perguntas estivessem voltadas para as línguas. Em alguns momentos da entrevista, dos quatro informantes haitianos, três relataram ao menos uma situação de antipatia vividas por eles, então, interpretamos estas situações como xenofobia. Por exemplo, perguntamos como acreditam que as pessoas de fora veem os brasileiros daqui, e a informante entendeu como vem os haitianos daqui, conforme a resposta a seguir: “A irmã traduz a resposta: ela disse que não sabe Ela disse que tem alguns comentários, exemplo tem brasileiros que falam que os haitianos não falam bem português, trabalha só na Aurora e BRF” (CbGI-Hait-F).

Podemos deduzir que a informante pretendia explicar que os brasileiros vêm os haitianos sob olhar preconceituoso de que todos não falam bem português e que todos só podem trabalhar como operários em grandes empresas do gênero alimentício, como

frigoríficos. Sentido de julgamento minimizando a capacidade de aprendizagem de línguas e também depreciando as profissões que muitos haitianos conseguem desenvolver aqui no Brasil e que não se reduz a trabalhar ao trabalho somente nesses tipos de empresas.

Outra situação de xenofobia percebida no relato deste informante haitiano, é quando o mesmo explica a dificuldade em criar uma rede de amigos envolvendo brasileiros, por exemplo:

Inquiridora: Como acha que as pessoas veem os haitianos daqui de Chapecó?

Informante: “Ah, mesmo quando é não é fácil para encontrar uma pessoa fala comigo nesse maneira. Acho que é somente uma pessoa, acho que é uma estudante também, é seria melhor encontrar um estudante para conversar comigo sobre o aspecto, sobre a cidade nesta cidade de Chapecó, a evolução da condição da vida, das pessoas, é somente uma estudante”. (CaGI-Hait-H)

A resposta do CaGI-Hait-H sugere que ele só consegue maior interação com uma estudante. Podemos entender que ele vive algumas situações de antipatia que dificultam a socialização com mais pessoas além do círculo de amigos haitianos. Ainda, o mesmo informante disse que algumas pessoas tem dificuldade em entender o comportamento dos haitianos, segue:

Inquiridora: Como acha que as pessoas veem os haitianos daqui?

Informante: “É sobre todas as pessoas, é por exemplo quando uma haitiana ou um haitiano faz um coisa ruim nessa cidade é eu encontrei sempre estudantes a falar sobre isso: O porquê o haitiano faz isso é? é, no é normal para os haitiano as pessoas não vai ver o haitiano com bem olhos. Vai pensar, estamos as pessoas muito ruim. Porque quando uma pessoa, especialmente um haitiano ou uma haitiana briga com uma pessoa, isso..isso não é bom para os haitianos. Os haitianos não..não vão aceitar isso, posso passar a imagem a imagem um haitiano ou haitiana uma dependente de comportamento dos outros haitianos. Quando um haitiano faz uma coisa ruim, por exemplo na televisão ou rádio da Efapi quando a pessoa no rádio da EFAPI fala, ele não vai falar sobre a pessoa que fez a coisa ruim ele vai falar sobre todos os haitianos ou todas os haitianas. É por isso, quando um haitianos faz uma coisa que não é bom eu outras estudantes também na universidade conversa sobre isso para pessoa dar uma ideia sobre esse”. (CaGI-Hait-H)

Entendemos neste relato do CaGI-Hait-H que a mídia, no caso ele cita o rádio, quando noticia algo relativo a um haitiano utiliza um discurso que não é imparcial como deveria ser o gênero jornalístico. A reportagem acaba, muitas vezes, direcionando as pessoas para os aspectos negativos, generalizando e prejudicando a etnia haitiana, causando, desse modo, a xenofobia.

O racismo foi identificado em outra situação referente a mesma pergunta citada acima. Constatamos, no relato do informante CbGI-Hait-H, que alguns brasileiros são racistas:

Inquiridora: Como acha que as pessoas veem os haitianos daqui? (Quanto a Língua, aspectos físicos e sociais)

Informante: Mas brasileiro, tem brasileiro, desculpa, tem muito brasileiro que é muito racista, entendi? Eu entendo que os brasileiros falam: Eu não gosto de preto! ou namorado. Mas eu não sei por que? Todo mundo é igual. Segundo, lá no trabalho, haitiano trabalha muito e tem brasileiro que trabalha só um pouco mas ganha muito mais dinheiro. A questão é um problema? Não. Eu tenho amigos lá no trabalho que eles são haitianos e eles falam português comigo muitas vezes. Tem brasileiro que gosta muito de falar comigo todo dia e esses meus amigos falam português. Se a pessoa não fala português você não tem amigos brasileiros. Isso é muito complicado.

A partir do relato de CbGI-Hait-H, compreendemos que ele enfrentou o racismo por alguns brasileiros. Ele já ouviu, “eu não gosto de preto” e, além de ouvir isso, no trabalho eles percebem a desigualdade por causa da, segundo o informante, o brasileiro trabalha menos e tem maior salário. Conclui, em seu relato, que se o haitiano não sabe falar português sofre ainda mais situações de desigualdade.

O informante CbGI-Hait-H descreve que os brasileiros não aceitam os comportamentos dos haitianos e que mesmo assim não respondem com a mesma generalização, fato que pode ser compreendido no seguinte trecho: “eu já falei ele não tem uma característica específico ruim sobre os Brasileiros ou brasileiras”. Eles reconhecem que nem todos os brasileiros são racistas, percebe-se na fala a seguir:

Inquiridora: Como acha que as pessoas veem os haitianos daqui? (Quanto a Língua, aspectos físicos e sociais)

Informante: Acho que os haitianos, especificamente com os haitianos eu ..eu já falei ele não tem uma característica específico ruim sobre os Brasileiros ou brasileiras. Você sabe, nessa cidade todos os brasileiros ou brasileiras não tem a mesmo carácter não aceita o comportamento, as pessoas na mesma maneira. É por isso, muitas vezes eu encontrei os haitianos que falam tenha uma brasileira, as brasileiras, as brasileiras é racista não gosta de haitiano é por isso. (CaGI-Hait-H)

O informante CaGI-Hait-H relata mais uma vez que conhece haitianos que afirmam que as brasileiras são racistas porque elas não gostam de haitianos. Mais uma situação delicada de racismo que eles enfrentam.

Concluimos que os desafios linguísticos dos ítalo-brasileiros estão relacionados ao preconceito linguístico, ou seja, algumas atitudes que desfavorecem a língua de imigração, no sentido da vergonha que o informante diz ter em falar o dialeto por acreditar não saber falar direito, ou seja, o julgamento do próprio falante de que deveria saber melhor o dialeto italiano e a motivação, ou seja, a não manutenção da língua *Talian* por não terem mais presente ou não verem com frequência seus familiares da geração mais velha que eram/são os que mais incentivavam/incentivam a falar *Talian*.

Os desafios linguísticos dos imigrantes haitianos são o preconceito linguístico e as atitudes que desfavorecem a língua crioula, porém com algumas diferenças de julgamento no que se refere aos informantes haitianos apresentarem maior tendência para o plurilinguismo; além disso o racismo e a xenofobia são outros sofrimentos enfrentados pelo imigrante haitiano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos aqui as conclusões desta dissertação, relacionando os objetivos específicos com suas respectivas hipóteses iniciais e, em seguida, as conclusões deste estudo. Buscamos, com esta pesquisa, descrever e analisar a situação linguística dos ítalo-brasileiros e dos haitianos que moram em Chapecó. Ocorreu-nos a hipótese de que há situações linguísticas semelhantes e distintas entre os grupos étnicos deste estudo. As situações semelhantes, referente as políticas públicas e linguísticas que ainda tendem para a invisibilidade da coexistência de diversas línguas em território brasileiro.

As situações linguísticas que postulamos como diferentes são relativas aos ítalo-brasileiros e têm relação com os fatores culturais e de identidade étnica que são registrados na geração mais jovem, os informantes acreditam que entendem mais do que falam a variedade italiana, isto é, entende porém fala-se pouco o *Talian*. No que diz respeito aos haitianos, a nossa hipótese inicial era de as atitudes referentes aos usos das línguas maternas sejam diferentes para cada contexto.

Sendo assim, detalhamos nossos objetivos específicos juntamente às nossas hipóteses iniciais seguidas das conclusões deste estudo.

- 1) **Diagnosticar** o panorama da situação linguística tanto dos ítalo-brasileiros quanto dos imigrantes haitianos. **Hipótese:** No grupo de ítalo-brasileiros, que vivem na zona rural, a localidade pode favorecer para o bilinguismo estar presente em contextos mais específicos, por exemplo, no contexto familiar e no comércio local. Os resultados da análise e interpretação dos dados nos permitem concluir que a realidade linguística dos ítalo-brasileiros é a redução de usos da língua *Talian*, isto significa que a substituição da língua *Talian* para o português está cada mais vez mais consolidada. Os nossos informantes descendentes de italianos alegam compreender mais do que falam este dialeto e o ambiente de uso é na família e com as pessoas acima de 60 anos.

Portanto, a nossa suposição inicial de que o *Talian* é falado em mais contextos foi rejeitada. Essa diminuição do uso deste dialeto somente ao contexto familiar e por ser falado

somente com as pessoas idosas nos fazem refletir acerca das consequências que este resultado traz para a sociedade e para a comunidade científica.

Diagnosticando a situação linguística dos informantes haitianos, concluímos que o bilinguismo está muito mais presente em vários contextos além do ambiente familiar, como também no trabalho e nos ambientes educacionais. Mesmo na aprendizagem do português, os imigrantes haitianos possuem relação afetiva com a língua crioula.

Outro resultado importante referente ao diagnóstico da situação linguística dos haitianos diz respeito ao aprendizado do português, a emergência em aprender esta língua faz com que os haitianos busquem meios próprios para acelerar esse processo de aprendizagem e esta forma autônoma de aprendizagem por muitas vezes não há o objetivo de contemplar a cultura e a diversidade linguística.

- 2) **Medir** o bilinguismo dos informantes ítalo-brasileiros e dos imigrantes haitianos, considerando grau e função, alternância e interferência Mackey (1972). **Hipótese:** os ítalo-brasileiros, que são a sexta ou sétima geração, podem ter um grau de bilinguismo menor se comparados aos haitianos, que são a primeira ou a segunda geração no Brasil. Sendo assim, pressupomos a existência de diferenças significativas no que se refere ao bilinguismo. Constatamos que a nossa hipótese foi confirmada, os ítalo-brasileiros têm um grau de bilinguismo menor que os haitianos.

No que tange ao domínio do *Talian*, na testagem da escrita, na leitura, na fala e na compreensão, nos chama atenção os julgamentos dos informantes sobre o domínio da variedade italiana. Concluímos que nos ítalo-brasileiros há uma queda do domínio do *Talian*: na escrita, dos três informantes apenas dois escreveram nas três línguas e verificamos interferência de línguas de imigração; na leitura constatamos dificuldades mais acentuadas com as línguas *Talian* e italiano; na fala, a testagem foi toda na língua portuguesa, portanto, com relação à língua de imigração constatamos a percepção dos informantes sobre sua fala no *Talian* e o julgamento de que falam pouco ou não falam em *Talian*; na compreensão, todos afirmam que entendem o dialeto *Talian* melhor do que falam.

Os resultados do grau do bilinguismo dos haitianos confirmaram nossa hipótese de que os imigrantes haitianos têm maior grau de bilinguismo. Na escrita, todos apresentaram interferências de línguas. E, além disso, referente à percepção dos informantes referente ao francês padrão, alguns disseram que sabem escrever no francês padrão, porém, observamos que nesta língua também apresentaram a interferência do crioulo e do inglês. Na leitura, mostraram mais habilidades no crioulo e no francês, sendo que em português o domínio foi regular. Na fala, percebemos que os homens mostraram mais desenvoltura em português do

que as mulheres, além disso, na fala de todos os identificamos interferências de línguas, crioulo e espanhol no português. Na compreensão, tiveram muito mais dificuldades em entender o português.

Concluimos que ambos os grupos são bilíngues, porém com graus bastante distintos, sendo que os haitianos possuem um pouco mais de domínio nas quatro competências das línguas, enquanto entre os ítalo-brasileiros há uma disparidade na língua *Talian*, revelando saberem ler e escrever menos neste dialeto.

- 3) **Apresentar** os desafios linguísticos dos ítalo-brasileiros e dos imigrantes haitianos em território chapecoense. **Hipótese:** Os desafios linguísticos podem ser semelhantes, mesmo os informantes apresentando níveis/graus de bilinguismo distintos. Ambos os grupos étnicos enfrentam o preconceito linguístico. Sabe-se que os italianos enfrentaram também o racismo e a xenofobia, porém nos relatos dos nossos informantes descendentes de italianos nenhum se referiu a este tema nas entrevistas.

Sobre o preconceito linguístico, concluimos que houve diferenças das manifestações de julgamentos de línguas. Os haitianos apresentaram mais preconceito linguístico e uma realidade de emergência em aprender o português, enquanto os ítalo-brasileiros não manifestaram julgamentos porque o *Talian* para eles é uma língua mais passiva, sendo o preconceito o gatilho para eles não aprenderem de fato a língua *Talian* (Horst e Bernieri, 2019).

No que diz respeito às motivações para a manutenção da língua de imigração, os ítalo-brasileiros demonstram que as únicas motivações para falar o *Talian* estão no contexto familiar e com as pessoas da geração mais velha. Já os haitianos se mantem motivados a aprender e a praticar o português.

A ausência de políticas linguísticas resulta na invisibilidade da diversidade linguística dos imigrantes. Os resultados desta pesquisa mostram que os haitianos precisam ser melhor amparados no que se refere a esse quesito. Os resultados comprovaram nossa hipótese de que os desafios enfrentados por ambos os grupos são semelhantes no que diz respeito ao preconceito linguístico, à ausência das políticas linguísticas e às diferenças de barreiras linguísticas.

7 REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. **Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras**. São Paulo. Estudos Linguísticos, v. 37 (2), 2008
- AUGUSTIN, Patrick; CONSTANT, Guy. **M'ap li ak kè kontan**. 5. ed. Port-Au-Prince, Haïti: Collection F.I.C, 1989. 61 p. (Collection F.I.C.). Editions H. Deschamps.
- ALEXANDRE, Ivone Jesus; ABRAMOWICZ, Anete. Inserção escolar: Crianças migrantes do Haiti nas creches e escolas de Sinop MT. **Periplos Revista de Investigación Sobre Migraciones: Dossiê: Imigração Haitiana no Brasil: Estado das Artes**, Brasília, v. 1, p. 184-197, jan. 2017. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/6562 Acesso em: 20 ago 2020.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **O ensino de português como língua não-materna: concepções e contextos de ensino**. Universidade de Brasília. 2009. Disponível em: www.estacaodaluz.org.br Acesso em: 05 maio 2020
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **O conceito de língua materna e suas implicações para o bilingüismo (em alemão e português)**. Martius-Staden-Jahrbuch, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa N. Brochi; MOZZILLO, Isabella; SCHNEIDER, Maria Nilse & URUGUAY, C. Gonzales (Orgs.). **Línguas em contato: onde estão as fronteiras?** Pelotas: Editora UFPel, 2014.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MARGOTTI, Felício. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana *et al* (org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 13-57.
- AMADO, R.S. O ensino de português como língua de acolhimento para refugiados. **Revista da SIPLE**, Brasília, ano 4, n. 2, out 2013. [online] Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/272394920_O_ensino_de_portugues_como_lingua_de_acolhimento_para_refugiados Acesso em 17 mar. 2020
- APPEL, René.; MUYSKEN, Pieter. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel. 1996.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and bilingualism**. Amsterdam University Press: Amsterdam Academic Archive, 2005. Reimpressão.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, com ose faz**. São Paulo: edições Loyola, 1999.
- BAKER, Colin. The Measurement of Bilingualism. In: BAKER, Clin. **Foundations of Bilingual Education and Bilingualism**. New York: Multilingual Matters, 2006. cap. 2, p. 21-41.

BARBOSA, Lorena Salete. **Imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul e sua inserção no contexto sócio-cultural brasileiro**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, 2015.

BARBOSA, Lúcia M. A.; BERNARDO, Mirelle A. de São. A importância da língua na integração dos/as haitianos/as no Brasil. **Periplos Revista de Investigación Sobre Migraciones**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 1-67, nov. 2017. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/5875/5325 Acesso em: 1 set. 2020.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1984-3982007000200006>.

BELONI, Wânia Cristiane; BUSSE, Sanimar. COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO DE ITALODESCENDENTES EM CASCAVEL/PR. **Línguas & Letras**, Cascavel, v. 17, n. 37, p. 16-36, maio 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/11547/10614> Acesso em: 20 nov. 2020.

BERNARDI, Angélica. **A conscientização linguística como base para uma política de manutenção linguística do Talian em Chapecó, SC**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras - Português e Espanhol) - Universidade Federal da Fronteira Sul. Orientador: Cristiane Horst, Chapecó-SC, 2015.

BERNIERI, Simone Raquel. **Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias: alemão em São Carlos/sc e italiano em Coronel Freitas/sc**. 2017. 187 f. Dissertação. (Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1765/1/BERNIERI.pdf> Acesso em: 17 jun. 2020.

BORDIGNON, S. A. F.; BERNARTT, Maria de Lourdes; PIOVEZANA, L. Educação e escolarização em diferentes contextos - Inserção social e escolar dos haitianos no oeste de Santa Catarina. In: **II Colóquio desigualdades sociais, diversidades socioculturais e práticas educativas**, 2015, Chapecó SC: Argos, 2015. v. 001. p. 35-35. Disponível em https://www.rio2015.esocite.org.br/resources/anais/5/1440717125_arquivo_insercaosociales_colardoshaitianoosemsantacatarina.pdf Acesso em 05 out. 2020

BORTOLOTTI, Paula C. M. **O “talian” na fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó – SC e Pato Branco – PR: manutenção e substituição dos termos de parentesco**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2015.

BUSSE, S.. Uma análise das crenças linguísticas dos falantes do Oeste do Paraná. **SIGNUM [LONDRINA]: ESTUDOS DE LINGUAGEM**, v. 01, p. 77-94, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/11771> Acesso em 07 jan de 2020

CALAFORRA, Guillem. **Lengua y poder en situaciones de minorización lingüística**. Cracovia: Universidad Jagellónica. 2003. Disponível em: <http://www.valencia.edu/calaforr/CursColonia.pdf> Acesso em 23 maio 2020

CAMPOS, C. M. **A Política da Língua na Era Vargas. Proibição do Falar Alemão e Resistências no Sul do Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp. 2006.

CARDOSO, Suzana. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 200p.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. Resumo Executivo. Relatório Anual 2018. **Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração**. Brasília, DF: OBMigra, 2018. 10p. Disponível em: < <http://obmigra.mte.gov.br/index.php/publicacoes-obmigra> > Acesso em 25 nov. 2020.

CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHAPECÓ, Portal de Turismo. **Museu da Cultura Italiana**. Disponível em: <https://turismo.chapeco.sc.gov.br/o-que-fazer/item/museu-da-cultura-italiana> Acesso em: 16 nov. 2020.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, Centro de Linguística Hispánica, 1982.

COTINGUIBA, M. L. P. COTINGUIBA, G. C. Imigração haitiana para o Brasil: os desafios no caminho da educação escolar. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.17, n.33, p. 61- 87, Jul./Dez. 2014. Disponível em <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/2843> Acesso 07 dez. 2020.

DIEHL, Fernando. O processo de formação do estereótipo dos imigrantes haitianos em Lajeado, Rio Grande do Sul. **Periplos Revista de Investigación Sobre Migraciones**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 111-117, nov. 2017.

FELDMAN-BIANCO, Bela; CAVALCANTI, Leonardo. Imigração haitiana no Brasil. **Periplos Revista de Investigación sobre Migraciones**: dossiê: imigração haitiana no brasil: estado das artes. Brasília, v.1, n.1, p. 5-6, 2017. 198 p. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/issue/view/646 Acesso em: 01 mar. 2020.

FERRAZ, A. P. O panorama linguístico brasileiro: a coexistência de línguas minoritárias com o português. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**, Universidade Federal de Minas Gerais, n. 9, p. 43 – 73, 2007.

HORST, Cristiane; FORNARA, Ana E.; KRUG, Marcelo. Estratégias de manutenção e revitalização linguística no Oeste Catarinense. **Revista Organon**. UFRGS, v.32, n.62, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/72292/42108> Acesso em 09 Mar. 2018.

FORNARA, Ana Elizabeht. **Aspectos do bilinguismo deutsch-português em Saudades-SC e talian-português em Nova Erechim-sc.** 2019. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3253/1/FORNARA.pdf> Acesso em 04 maio 2020.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O.M. Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI. In FROSI, V.M.; FAGGION, C.M.; DAL CORNO, G.O.M. **Estigma: cultura e atitudes linguísticas.** Caxias do Sul: Educs, 2010, p. 15-42.

FROSI, Vitalina M. Bilinguismo, identidade étnica e atitudes linguísticas. In FROSI, V.M.; FAGGION, C.M.; DAL CORNO, G.O.M. **Estigma: cultura e atitudes linguísticas.** Caxias do Sul: Educs, 2010, p. 43- 60.

FROSI, Vitalina Maria. A identidade étnica e linguística do ítalo-brasileiro: sua constituição e reconstrução. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S.L.], v. 16, n. 2, p. 101-124, 25 dez. 2013. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2013v16n2p101>

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Lei de Migrações deve seguir os princípios de Direitos Humanos, dizem especialistas em evento da FGV.** 2015. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/lei-migracoes-deve-seguir-principios-direitos-humanos-dizem-especialistas-evento-fgv> Acesso em: 16 fev. 2020.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada.** 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GROSJEAN, F. **Studying Bilinguals.** New York: Oxford University Press, 2008.

GROSJEAN, F. Bilingualism: A Short Introduction. In: GROSJEAN, F.; LI, P. (Eds). **The Psycholinguistics of Bilingualism.** Malden, MA: Willey-Blackwell, Inc., 2013. p. 5-25.

GROSSO, M. Língua de acolhimento, língua de integração. **Horizontes de Língua Aplicada.** v. 9, n.2, 2010, p. 61-77.

HAMERS, F. Josiane; BLANC, Michel H. A. **Bilinguality and Bilingualism.** 2ª ed. Editora Cambridge University Press, 2004.

HASSELSTRON, Munick Maria. **Línguas de imigração em contato com o português no oeste catarinense: crenças e atitudes linguísticas.** 2018. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1925/1/HASSELSTRON.pdf> Acesso em: 18 jul. 2020.

HEYE, Jürgen. Línguas em contato: considerações sobre bilingüismo e bilingualidade. In: RONCARATI, Cláudia & ABRAÇADO, Jussara. (org.). **Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 229-235

HORST, Cristiane. **“Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter virsbisa”. A dimânica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português no sul do Brasil.** Kiel: Westenseeeverlag, 2011.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo. **Línguas em contato no sul do Brasil: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisch**. *Papia* 22(2), p. 367-383, 2012.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo. Identidade e comportamento étnico linguístico em um contexto multilíngue no sul do Brasil: teoria e prática. **Nonada**, Porto Alegre, nº 24, 2015. p. 173-187.

HORST, Cristiane; BERTIOTTI, Julia do Nascimento. Multilinguismo na escola: crenças e atitudes linguísticas de professores de língua para/com imigrantes refugiados em escolas públicas de Chapecó. **Muiraquitã - Revista de Letras e Humanidades**, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 1-19, 2019. <http://dx.doi.org/10.29327/212070.7.2-6>.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó. Desafios de uma educação plurilinguística em um país que se diz monolíngue: um estudo de caso. **Revista Linguagem & Ensino**, [S.L.], v. 23, n. 4, p. 1274-1296, 6 nov. 2020. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15210/rle.v23i4.18946>.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó; BERNIERI, Simone Raquel. Fatores (in)conscientes que influenciaram uma ítalo-brasileira a usar progressivamente o português em detrimento da variedade italiana. **Caderno de Letras**, [S.L.], n. 35, p. 1-14, 19 jan. 2020. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em <http://dx.doi.org/10.15210/cdl.v0i35.17409>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama de Chapecó**. 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/chapeco/panorama> Acesso em: 28 fev. 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Certidão da Ata de Reunião da Comissão Técnica do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (CT-INDL)**. 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Certidao_%20Talian.pdf Acesso em: 18 jul. 2020.

JOSEPH, Handerson. A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório. In: **Periplos – Revista de Investigación sobre Migraciones**. Dossiê: Imigração Haitiana no Brasil: Estado das Artes., Brasília, v. 1, n. 1, p. 7-26, jun. 2017. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/issue/view/646 Acesso em 03 abr. 2020

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 7ed. São Paulo, Ática: 1985.

KAUFMANN, Angélica. **Manutenção do deutsch e deutsch em contato com o português em Mondaí/sc e Saudades/sc**. 2018. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/3316> . Acesso em: 05 maio 2020.

KRUG, M. J. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante-RS**. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

KRUG, Marcelo Jacó. **Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Missões no Brasil e Misiones na Argentina (ALCF)**. FAPERGS/UFS, 2013

KRUG, M.J. Questionário do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira. No prelo.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. [1972]

LAMBERT, W. E. **A social psychology of bilingualism**. *Journal of Social Issues*, 23, 91-109, 1967.

LASAGABASTER, David. Attitude in: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus, J.; TRUDGILL, Peter (Eds). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society**, v. 1, p. 399-405. 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2004.

MACKEY, W. F. The description of bilingualism. *In: FISHMAN, J.A et al. Leading in the sociology of language*. 3. ed. Monton: Hague Publishing, p. 554-584, 1972.

MACKEY, A.; KING, K. **The bilingual edge: why, when, and how to teach your child a second language**. New York: HarperCollins, 2007

MACNAMARA, J. The bilingual's linguistic performance. **Journal of Social Issues**, n. 23, p. 58—77. 1967.

M'AP LI AK KÈ KONTAN, Edição 4. Collection F.I.C editora é FIC (frères de l'instruction Chrétienne). 1983, p.61

MARGOTTI, Felício. **A Difusão Sócio geográfica do Português em Contato com o Italiano no Sul do Brasil**. 2004. 313 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MARTIORI, Taciane; BISSANI, Niloar. PERFIL DOS TRABALHADORES HAITIANOS EM UMA AGROINDUSTRIA DO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ/SC. **Revista Uceff**, Chapecó, v. 4, n. 1, p. 215-229, 1 mar. 2016. Disponível em: <https://uceff.edu.br/revista/index.php/revista/article/view/138/131>. Acesso em: 29 jul. 2020.

MATOZO, Drieli Laiza. **Crenças e atitudes linguísticas de ítalo-descendentes no contato português/talian: contexto urbano e rural de Chapecó – sc**. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1926/1/MATOZO.pdf> Acesso em: 07 out. 2019.

McCLEARY, Leland. **Sociolinguística**. UFSC, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/sociolinguistica/assets/547/TEXT0-BASE_Sociolinguistica.pdf Acesso em: 16 abr. 2020.

MORAES, Isaias Albertin de; ANDRADE, Carlos Alberto Alencar de; MATTOS, Beatriz Rodrigues Bessa. A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios. **Conjuntura Austral**, [S.L.], v. 4, n. 20, p. 95-114, 1 nov. 2013. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/2178-8839.35798>.

MOTTER, C.; RIBEIRO FILHO, V. Novas centralidades em Chapecó: subcentros e eixo comercial. In: NASCIMENTO, Ederson; VILLELA, Ana Laura Vianna. (Org.). **Chapecó em foco: textos e contextos sobre o espaço urbano-regional**. 1ed.São Carlos: Pedro & João Editores, 2017, v.1, p. 65-104.

NASCIMENTO, E.; VILLELA, A. L. V. (Org.) **Chapecó em foco: textos e contextos sobre o espaço urbano-regional**. 1. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p.599

OLIVEIRA, Gilvan müller de; SILVA, Julia izabelle. Quando barreiras linguísticas geram violação de direitos humanos: que políticas linguísticas o Estado brasileiro tem adotado para garantir o acesso dos imigrantes a serviços públicos básicos? **Gragoatá**, v. 22, n. 42, p. 131-153, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/issue/view/1764> Acesso em: 16 abr. 2020.

PASTORELLI, Daniele Silva. A Crença e a Atitude Linguística do Capanemense. **Línguas e Letras**, v. 12, n. 22, 2011.

PERTILE, Marley, Terezinha. **O Talian entre o Italiano-padrão e o Português Brasileiro: Manutenção e Substituição Linguística no Alto Uruguai Gaúcho**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2009

PHILIPPSEN, Neusa Inês; LIMA, José Leonildo. **DIVERSIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM MATO GROSSO**. Cáceres: Editora Unemat, 2018. 228 p. Disponível em: <http://portal.unemat.br/media/files/Editora/livro-diversidades-Linguisticas.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2021.

POLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e marginalização. **Cadernos do CEOM (20 anos de Memórias e Histórias no Oeste de Santa Catarina)**, Chapecó, n. 23, p. 149- 187, 2006. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/2103/119>. Acesso em 01 abr. 2020

PONSO, L. Situação minoritária, população memorizada, língua menor: uma reflexão sobre a valoração do estatuto das línguas na situação de contato linguístico. **Gragoatá**, v. 22, n. 42, p. 184-207, jan./abr. 2017 Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33468> Acesso em 23 maio 2020.

RISSON, Ana Paula; MAGRO, Márcia Luiza Pit Dal. Imigração e trabalho precário reflexões acerca da chegada da população haitiana no oeste de Santa Catarina. **Revista de Estudos Sobre Migrações**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 144-152, 03 ago. 2017. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/6558 Acesso em: 13 jun. 2019.

RISSON, Ana Paula; MATSUE, Regina Yoshie; LIMA, Ana Cristina Costa. Atenção em Saúde aos Imigrantes Haitianos em Chapecó e suas Dimensões Étnico-Raciais. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. 144-152, 08 ago. 2018. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_41_art_5_Risson_Matsue_Lima.pdf Acesso em: 10 jul. 2019.

ROMAINE, Suzanne. Introduction to the Study of Bilingualism. In: ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism**. 2. ed. oxford: Brazil Blackwell, 1995 [1989]

SANTUR – AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE SANTA CATARINA. **Chapecó**. Disponível em: <http://turismo.sc.gov.br/cidade/chapeco/3> Acesso em: 22 maio 2020.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1972.

SCHLATTER, M; GARCEZ, P. M. Línguas Adicionais (Espanhol e Inglês). In: **Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagem, códigos e suas tecnologias (Eds)**, v. 1, p. 128. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, 2009.

SOARES, L. F.; TIRLONI, L. P.. Rakonte mwen: um projeto de ensino do português brasileiro a imigrantes haitianos a partir da literatura popular. **REVISTA X**, v. 12, p. 192-216, 2017. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/50159> Acesso em 05 nov. 2020.

SPESSATTO, Mary B. **Linguagem e colonização**. Chapecó: Argos, 2003

THOMASON, Sarah. **Language Contact**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001

THUN, Harald. Movilidad Demográfica y Dimensión Topodinámica, los Montevideanos en Rivera. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (orgs.). **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**. Westense – Verl. 1996. p. 210-274

THUN, Harald. La Geolinguística como Lingüística Variacional General (com ejemplos del Atlas Diatópico y Diastrático de Uruguay). In: **International Congress of Romance Linguistics and Philology** (21: Polermo: 1995). Atti... A cura di Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729, 787-789. V. 5.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS. p. 63-92, 2005.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds). **Language mapping**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010.

TRUDGILL, Peter. Sociolinguistics – language and society. In: TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: An introduction to language and society**. London: Penguin Books, 2000. p. 1-22.

VANDEKERCKHOVE, Reinhild. Urban and rural language. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich. **Language and space: theories and methods**. Berlin/New York: de Gruyter, 2010.

ZYLBERKAN, Mariana. Sem mão de obra, Santa Catarina importa haitianos. **Revista Veja digital**. Chapecó-SC, 02 fev. 2014. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/sem-mao-de-obra-santa-catarina-importa-haitianos/>. Acesso em 13 fev 2021.

8 ANEXOS

KRUG, Marcelo Jacó. **Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Missões no Brasil e Misiones na Argentina** (ALCF). FAPERGS/UFFS, 2013.

As questões na tabela abaixo que estão com fonte tachadas representam aquelas que foram realizadas durante a entrevista, mas que não foram selecionadas para a análise deste estudo.

ANEXO I: Questionário para os descendentes de italianos

I Questões de identidade e Aspectos (meta)linguísticos

1. Que línguas costuma falar na família? (Krug, 2004, Steffen, 2007 – questão 1)
2. Que tipo de italiano é? Como você chama esse italiano? (Krug, 2013 – questão 2)
3. Tem diferença entre a língua italiana para com o *Talian* usado daqui? Qual é a diferença?
4. Em que língua você gosta mais de conversar? (Krug, 2013 – questão 4)
5. De modo geral, costuma falar mais no italiano ou no português? (Krug, 2013 – questão 6)
6. Quando vem visita, que língua prefere usar? (Krug, 2013 – questão 6)
7. E se a visita só fala português? Se sente melhor quando é uma visita que também fala *Talian*? (Vide Krug 2004)
8. Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa (*Talian*) mas insistia em só falar português?
9. Como aprendeu o português? Como aprendeu o *Talian*? (Lembretes: escola, trabalho, igreja)
- ~~10. Como acha que as pessoas de fora veem os originários daqui? (Quanto a Língua, aspectos físicos e sociais) (Vide Krug 2004)~~
11. Como é/foi na escola e na igreja o uso do italiano? (Vide Krug 2004, Krug, 2013 – questão 11)
12. Como é o uso do *Talian* na universidade/na Igreja?
13. Como acha que as pessoas de fora veem os brasileiros daqui? (Quanto a Língua, aspectos físicos e sociais)

II - Identificação de padrões indenitários (variação e intensidade da identidade)

14. O que identifica o *Talian*, típico daqui?
- ~~15. Como chamam as pessoas que não são de origem daqui? (Na língua de imigrante e no português) (Vide Krug 2004)~~
- ~~16. Características do brasileiro (Vide Krug 2004) Como é esse brasileiro?~~

Sugestões:

- a) de pele escura?*
- b) só fala português,*
- e) provem da cidade?*
- d) confiável?*
- e) gosta de trabalhar?*

~~f) organizado?~~

~~g) amigo?~~

~~h) conversador?~~

~~i) hospitaleiro?~~

~~j) desconfiado?~~

16. O que sabe da língua do (outro) português brasileiro? Citar palavras ou expressões. (Vide Krug 2004)

17. De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem?

III - Papel da língua na constituição da identidade (relação da língua com outros ícones da cultura)

~~18. Acha importante que os filhos aprendam *Talian*? Por que? (Vide Krug 2004)~~

~~19. Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (*Talian*) O que acha disso?~~

~~20. Existem situações em que você tem vergonha de falar *Talian*?~~

~~21. Acha que deveria ter ensino de *Talian* ou italiano na escola? Se sim, seria mais importante que ensino de inglês? Por que? (Vide Krug 2004)~~

~~22. Se fosse dizer o que mais identifica um italiano, diria que é o que?~~

~~(-) Suas características físicas~~

~~(-) Sua religião~~

~~(-) Sua língua~~

~~(-) Seus hábitos e costumes~~

~~(-) Sua música~~

~~(-) Suas festas~~

~~(-) Sua casa~~

~~(-) Seus nomes~~

~~(-) Seu jeito de ser~~

~~(-) Outro _____~~

IV. Grau de bilinguismo dos informantes, da sua comunidade e o reconhecimento da identidade

23. Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (Vide Schmidt 1997)

No Correio?

No Mercado?

No sindicato?

No restaurante?

Na prefeitura?

No posto de saúde?

Com o padre / pastor

Nas festas e nos bailes?

No confessionário?

No posto de gasolina?

No trabalho?

24. Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?
 25. Em que situações você fala a língua minoritária e em que situações a língua portuguesa?
 (Krug, 2013 – questão 32)

Lara (2017)

26. Estabeleça uma hierarquia das línguas que você sabe, começando por aquela que sabe melhor! (Lara, 2017, adaptada)

- a) Em que línguas você sabe ler _____
 b) Em que línguas você sabe escrever _____
 c) Em que línguas você sonha _____
 d) Em que línguas você reza _____
 e) Que línguas você gostaria de saber melhor _____
 f) Em sua opinião, qual é a língua mais importante aqui _____

III - (Lara, 2017)

26. Onde você aprendeu o *Talian*/português?
 27. Com quem você aprendeu o *Talian*/português?

28. Eu falo *Talian*/português

Muito bem	Bem	Mais ou menos	Um pouco	Não sei falar
-----------	-----	---------------	----------	---------------

29. Eu entendo *Talian*/português

Muito bem	Bem	Mais ou menos	Um pouco	Não entendo
-----------	-----	---------------	----------	-------------

30. Eu leio em *Talian*/português

Muito bem	Bem	Mais ou menos	Um pouco	Não leio
-----------	-----	---------------	----------	----------

31. Eu escrevo em *Talian*/português

Muito bem	Bem	Mais ou menos	Um pouco	Não escrevo
-----------	-----	---------------	----------	-------------

32. Eu uso o *Talian*/português

Todos os dias	Frequentemente	De vez em quando	Raras vezes	Nunca
---------------	----------------	------------------	-------------	-------

Leitura

Fragmento do texto em Português: Os preparativos para a festa de casamento

Três meses antes do casamento, decidiram fazer uma reunião com as famílias, para resolverem as coisas. Estavam presentes os noivos, os sogros, a cunhada e o cunhado de Clara, e também a avó e o avô dela, que fizeram questão de estarem presente, pois adoravam os netos e a neta era tudo para eles. Estavam muito felizes pelo novo neto que estavam ganhando. Todos queriam uma grande festa de casamento, principalmente seu Domingos e dona Maria de Fátima, pais de Clara, que estavam casando sua única filha. Queriam reunir todos os parentes, do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e os amigos. Resolveram que o casamento seria na igreja da comunidade onde vive Clara e sua família. A festa será na bonita propriedade de seu Domingos, na qual tem um grande parreiral, com uma pequena vinícola no porão da casa e uma vista para o campo onde o gado fica. O cunhado de Clara deu a ideia da comemoração ser ao ar livre e claro que a cunhada gostou. Então depois do local estar decidido, começaram a fazer a lista dos convidados, tarefa difícil, pois não podiam esquecer de ninguém e as duas famílias eram grandes. Então iniciaram, pelos tios, os avós, as primas, os primos, os padrinhos.

Fragmento do texto em *Talian*: I preparativi par la festa de casamento

Maria Chiara e Mateo José ze due gioveni sognadori, come ze stati i so bisnoni, che ga viaià tanti e tanti giorni ntel navio, portando poche cose e so fioi, tuto par un sònio de gaver un toco de terà quà ntea fabolosa Amèrica. Mateo ze avogado, el ga so clienti e va ben, Chiara incora studia nela graduassion e la ze de star con so pupà e so mama ntel interior, insieme el nono e la nona. Dal tempo chei ga risolvevto maridarse, i preparativi ze tanti, a scomissiar par la casa ndove i va de star, ma questo ze belche stá resolvevto, el sòcero e la sòcera dea tosa i ga giutà so fiol e i ga compra la casa par el novo casal. I due gioveni se ga cognossevto ntea casa dei genitori de Mateo. Chiara e a sorela de lu le studia insieme e ze amighe e desso anca cugnade, ma lu ga due fradèi, la sorela pi giovena e un fradel più vècio. Dopo de due ani i morosi ga risolvevto èsserghe marido e sposa, ou omo e fémena.

Fragmento do texto em italiano: I preparativi per la festa di matrimonio :

La signora Maria suocera del fidanzato si ricorda della torta, e dice che la zia Margarida fa un' ottima torta. Allora il genero dice che quando lui e Clara andranno fino alla casa degli zii per portare l'invito possono anche parlare sulla torta. Mario, il padre del fidanzato, dice che vuole andare insieme a Santa Catarina per invitare il "compadre" e la "comadre" perché da molto che non si trovano, fino da quando si sono trasferiti per Paraná. Clara, la nuora d Domingos e Maria di Fatima si ricorda del cugino Toni e dela cugina Julia che vivono lontano. La coppia ha una bella storia, quando gli zii si sono sposati, entrambi già avevano dei bambini. Così la zia Judite è matrigna di Antônio e lo zio Ângelo è patrigno di Julia. Il gênero di Domingos si ricorda dei suoi figliocci: Marina e anche di Bernardo Pedro che possono portare le alleanze. Per celebrare il fine della lista di invitati , il signore Domingos prende un vino per festeggiare. Fanno un brindisi alla nuova famiglia, poi Mario dice alla coppia di non dimenticare che sono pronipoti d' italiani, e che la loro unione durerà molti anni come del bisnonno Giuseppe e della bisnonna Caterina.

ANEXO II: Questionário adaptado para os imigrantes haitianos

Questões de identidade e Aspectos (meta)linguísticos

1. Que línguas costuma falar na família? (Krug, 2004, Steffen, 2007 – questão 1)
2. Que tipo de língua é? Como você chama essa língua? (Krug, 2013 – questão 2)
3. Tem diferença entre a língua crioula/francês para com o crioula/francês usado daqui? Qual é a diferença?
4. Em que língua você gosta mais de conversar? (Krug, 2013 – questão 4)
5. De modo geral, costuma falar mais no crioula, francês ou no português? (Krug, 2013 – questão)
6. Quando vem visita, que língua prefere usar? (Krug, 2013 – questão 6)
7. E se a visita só fala português? Se sente melhor quando é uma visita que também fala crioulo/francês? (Vide Krug 2004)
8. Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa (crioulo/francês) mas insistia em só falar português?
9. Como aprendeu o crioulo? Como aprendeu o francês? Como aprendeu o português? (Lembretes: escola, trabalho, igreja)
10. ~~Como acha que as pessoas de fora veem os originários daqui? (Quanto a Língua, aspectos físicos e sociais) (Vide Krug 2004)~~
11. Como é/foi na escola e na igreja o uso do crioulo/francês? (Vide Krug 2004, Krug, 2013 – questão 11)
12. Como é o uso do crioulo/francês na universidade/na Igreja?
13. Como acha que as pessoas de fora veem os brasileiros daqui? (Quanto a Língua, aspectos físicos e sociais)

II - Identificação de padrões indenitários (variação e intensidade da identidade)

14. O que identifica o crioulo/francês, típico daqui?
15. ~~Como chamam as pessoas que não são de origem daqui? (Na língua de imigrante e no português) (Vide Krug 2004)~~
16. Características do brasileiro (Vide Krug 2004) Como é esse brasileiro?

Sugestões:

- a) de pele escura?*
- b) só fala português,*
- e) provem da cidade?*
- d) confiável?*
- e) gosta de trabalhar?*
- f) organizado?*
- g) amigo?*
- h) conversador?*
- i) hospitaleiro?*
- j) desconfiado?*

16. O que sabe da língua do (outro) português brasileiro? Citar palavras ou expressões. (Vide Krug 2004)

17. De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem?

III - Papel da língua na constituição da identidade (relação da língua com outros ícones da cultura)

~~18. Acha importante que os filhos aprendam crioulo/francês? Por que? (Vide Krug 2004)~~

~~19. Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (crioulo/francês) O que acha disso?~~

~~20. Existem situações em que você tem vergonha de falar crioulo/francês?~~

~~21. Acha que deveria ter ensino de crioulo ou francês na escola? Se sim, seria mais importante que ensino de inglês? Por que? (Vide Krug 2004)~~

~~22. Se fosse dizer o que mais identifica um haitiano, diria que é o que?~~

~~(-) Suas características físicas~~

~~(-) Sua religião~~

~~(-) Sua língua~~

~~(-) Seus hábitos e costumes~~

~~(-) Sua música~~

~~(-) Suas festas~~

~~(-) Sua casa~~

~~(-) Seus nomes~~

~~(-) Seu jeito de ser~~

~~(-) Outro _____~~

IV. Grau de bilinguismo dos informantes, da sua comunidade e o reconhecimento da identidade

23. Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (Vide Schmidt 1997)

No Correio?

No Mercado?

No sindicato?

No restaurante?

Na prefeitura?

No posto de saúde?

Com o padre / pastor

Nas festas e nos bailes?

No confessionário?

No posto de gasolina?

No trabalho?

24. Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?

25. Em que situações você fala a língua minoritária e em que situações a língua portuguesa?

(Krug, 2013 – questão 32)

Lara (2017)

26. Estabeleça uma hierarquia das línguas que você sabe, começando por aquela que sabe melhor! (Lara, 2017, adaptada)

a) Em que línguas você sabe ler _____

b) Em que línguas você sabe escrever _____

- e) Em que línguas você sonha _____
 d) Em que línguas você reza _____
 e) Que línguas você gostaria de saber melhor _____
 f) Em sua opinião, qual é a língua mais importante aqui _____

III – (Lara, 2017)

26. Onde você aprendeu o crioulo/francês/português?

27. Com quem você aprendeu o crioulo/francês/português?

28. Eu falo crioulo/francês/português

Muito bem	Bem	Mais ou menos	Um pouco	Não sei falar
-----------	-----	---------------	----------	---------------

29. Eu entendo crioulo/francês/português

Muito bem	Bem	Mais ou menos	Um pouco	Não entendo
-----------	-----	---------------	----------	-------------

30. Eu leio em crioulo/francês/português

Muito bem	Bem	Mais ou menos	Um pouco	Não leio
-----------	-----	---------------	----------	----------

31. Eu escrevo em crioulo/francês/português

Muito bem	Bem	Mais ou menos	Um pouco	Não escrevo
-----------	-----	---------------	----------	-------------

32. Eu uso o crioulo/francês/português

Todos os dias	Frequentement e	De vez em quando	Raras vezes	Nunca
---------------	-----------------	------------------	-------------	-------

Leitura

Fragmento do texto em Kreyòl haitiano: ² Papouch, se yon ti gason sizan. Li gen yon ti chen .Li rele l' Toutous, se de bon zanmi. Tout tan yo ap jwe ansanm. Yo flannen ansanm. Depi wè Papouch yon kote, konnen Toutous pa lwen.

Fragmento do texto em português: Papouch é um garoto de seis anos, tem um filhote, o chama de Toutous, são dois bons amigos, estão sempre brincando juntos. Eles vagaram juntos. Quando você vê Papouch em algum lugar, já sabe que Toutous não está tão longe.

Fragmento do texto em francês: Papouch est un garçon de six ans. Il a un chiot. Il l'appelle Toutous, ce sont deux bons amis. Ils jouent toujours ensemble. Ils ont erré ensemble. Lorsque vous voyez Papouch quelque part, sachez Toutous non loin de là.